

**Universidade Católica do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós-graduação
Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea**

FRANCIELE ENGELMANN



(Pintado por Irmã Ana Graça, por volta do ano de 1997 ou 1998).

**RELIGIÃO E DÁDIVA NA EFETIVAÇÃO DE UM PROJETO DE
MORADIA NO BAIRRO GEORGE AMÉRICO –
FEIRA DE SANTANA – BA**

**Salvador
2014**

FRANCIELE ENGELMANN

**RELIGIÃO E DÁDIVA NA EFETIVAÇÃO DE UM PROJETO DE
MORADIA NO BAIRRO GEORGE AMÉRICO – FEIRA DE SANTANA –
BA**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Família na Sociedade na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Giancarlo Petrini.

**Salvador
2014**

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.

E57 Engelman, Franciele.
Religião e dádiva na efetivação de um projeto de moradia no
Bairro George Américo – Feira de Santana – BA/ Franciele Engelman.–
Salvador, 2014.
153f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família
na Sociedade Contemporânea.
Orientação: Prof. Dr. Giancarlo Petrini.

1. Religião - Bairro George Américo – Feira de Santana – BA
2. Dádiva – Cotidiano – Família 3. Moradia I. Título.

CDU 316.356.2:365(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

Franciele Engelmann

“Religião e Dádiva na Efetivação de um Projeto de Moradia no Bairro George Américo – Feira de Santana – BA.”


Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 28 de Outubro de 2014.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Giancarlo Petrini - UCSal
Orientador



Prof. Dr. Carlos Alberto Vilar Estevão
Universidade Católica Portuguesa - Universidade do Minho.



Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
UCSal.

AGRADECIMENTOS

A Deus, princípio e fim da existência, pela dádiva maior, a vida;

Aos meus antepassados na fé, católicos e luteranos, pela herança da religião como valor a nortear a construção de um projeto de vida;

Aos meus pais, José e Rosália, que na simplicidade do nosso lar, me ensinaram que as poucas condições financeiras não são limite para buscar sonhos e contribuir para o viver em comunidade;

Às minhas manas, Daniele, Michele e Gabriele, joias raras, com quem aprendi a cumplicidade e a solidariedade nas relações fraternas;

Aos meus cunhados, André e Gilmar, pelo compartilhar da vida;

À pequena Sofia, sobrinha primeira, nascida no início desta etapa acadêmica, símbolo vivo de que a vida continua através das gerações;

Ao professor Petrini, orientador discreto, presença centrada e sábia, com quem compartilho não só a busca do conhecimento, mas o horizonte maior da Transcendência; obrigada por acreditar em meu potencial e me incentivar a continuar.

À professora Vanessa, que acompanha minha trajetória acadêmica, indicou leituras, incentivou e nos momentos em que creditei não mais ter fôlego, com firmeza disse: “Você pode, continue”.

Ao professor Feizze que com prontidão e carinho aceitou fazer parte da banca de qualificação, pela leitura atenta e detalhada, apontando aspectos que contribuíram para ampliar e enriquecer o trabalho;

Ao professor Carlos Estevão, que aceitou o convite de fazer parte desta banca, pela leitura atenta e pelas contribuições dadas à investigação.

Aos meus irmãos na fé, adeptos das Igrejas Assembleia de Deus, Batista, Católica, Internacional da Graça de Deus e Candomblé, por terem aberto as portas dos seus espaços religiosos, me acolhido e aderido ao convite de participar desta investigação;

À Irmã Marcela, coordenadora da ESPA (Associação Educação para Saúde com Práticas Alternativas), e aos funcionários deste espaço, cujo trabalho na área da saúde alternativa é fruto da ocupação do atual bairro George Américo; por possibilitar o contato com o acervo da biblioteca que guarda registros daquela ocupação;

Às crianças e adolescentes da Associação Afoxé Filhos da Luz, com quem realizei um voluntariado na área da Psicologia, a partir do qual fui despertada a conhecer a história do bairro e identificar as redes de solidariedade que, desde sua origem, acompanham o cotidiano dos moradores;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – Fapesb, pelo apoio financeiro que possibilitou a realização deste trabalho;

À comunidade religiosa com quem divido o cotidiano da existência: Iria C., Iria M. e Silvia, obrigada pelo apoio e compreensão das minhas ausências durante o período acadêmico;

Às jovens Lilian, Luana, Marisa e Regina que também comigo convivem, obrigada por me acompanharem nas ruas do bairro, especificamente à noite, quando o perigo era maior;

À comunidade religiosa de Salvador, Patrícia, Luciene e Cleide, pela acolhida e carinho;

À Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, especificamente às Irmãs da Província São Francisco de Assis, da qual sou membro, pelo apoio e incentivo em realizar esta etapa acadêmica;

Por fim, aos colegas e às colegas do Mestrado, pelo caminhar conjunto e pelas dádivas das muitas caronas recebidas, que aliviaram o peso da mochila e suavizaram o cansaço.

A humanidade seria com certeza melhor em todos os aspectos se essa dádiva fosse presente em todas as vidas de forma praticante, não haveria tanta miséria, não haveria tanto sofrimento. Não haveria doenças? Com certeza haveria enfermidades, mas os sofrimentos seriam menores porque haveria pessoas que estariam ajudando seja de forma física ou apenas de forma sentimental, apoiando. Existem pessoas que estão sofrendo em um hospital não simplesmente por causa da dor da ferida, existem pessoas ali sofrendo e chorando, tristes e sem esperança não simplesmente por conta do câncer, mas pela falta de pessoas, pela falta de companhia, de alguém que esteja ali do lado e diga: “Eu estou contigo, eu estou com você independente de qualquer coisa”. Eu creio que, se houvesse essa dádiva presente nos corações humanos, o mundo seria um lugar bem melhor porque haveria a presença de Deus na vida de cada um, sendo manifestado nessas dádivas.

João, depoente da Igreja Batista Manancial, em 23/06/2013.

ENGELMANN, Franciele. **Religião e dádiva na efetivação de um projeto de moradia no bairro George Américo – Feira de Santana – BA.** Salvador, 2014. Dissertação (Mestrado). – Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

RESUMO

A presente investigação objetiva analisar a religião como rede de solidariedade que articula a vivência da dádiva em famílias de baixa renda no bairro George Américo de Feira de Santana – BA. Parte-se do pressuposto da presença da religião na construção do bairro e sua permanência nos dias atuais. A amostra é constituída de duas denominações que figuram dentre o que alguns autores da sociologia da religião, denominam de Igrejas Cristãs Tradicionais, a Batista Manancial e a Católica; uma pertencente ao ramo Pentecostal, a Assembleia de Deus; uma Neopentecostal, a Internacional da Graça de Deus; e o Candomblé, religião Tradicional de Matriz Africana. Entrevistaram-se vinte e cinco pessoas, cinco de cada uma dessas denominações, incluídos nestes, o líder religioso, moradores desde o início do bairro e que vieram depois. Os instrumentos utilizados compreenderam a Observação de Campo; um Roteiro de Entrevista Semiestruturado; Pesquisa Bibliográfica; Fontes Textuais e Visuais. Os resultados revelam a presença das religiões Batista Manancial e Católica na ocupação, trazendo conforto, humanidade e restituindo a dignidade àquelas pessoas. Nos dias atuais, a religião permanece como recurso no enfrentamento às dificuldades cotidianas, elemento que contribui para a vivência da dádiva na família e nas relações coletivas. Identificam-se os desafios de respeitar e conviver com a diversidade religiosa, especificamente com o Candomblé, bem como realizar atividades de cunho ecumênico em prol das necessidades do bairro.

Palavras-chave: Religião, Dádiva, Família, Moradia.

ENGELMANN, Franciele. **Religion and gift in the execution of a housing project in the neighborhood George Américo - Feira de Santana - BA. Salvador, 2014. Dissertation (Master). - Catholic University of Salvador.** Superintendent of Research and Graduate Studies. Master of Family in Contemporary Society.

ABSTRACT

This investigation aims to analyze religion as solidarity network that articulates the experience of donation in low-income families in the neighborhood George Américo de Feira de Santana - BA. This is on the assumption of religion presence in the construction of the neighborhood and its continued today. The sample consists of two names listed among the authors that some of the sociology of religion called Traditional Christian Churches, the Manancial Baptist and the Catholic one; one belonging to the Pentecostal branch, the Assembly of God; one new pentecostal, the International Grace of God; and Candomblé, Traditional religion of African Origin. Were interviewed twenty-five people, five of each kind of the mentioned religions, including the religious leader, residents from the beginning of the neighborhood and who came after them. The instruments used comprised observation field; a script for semi-structured interview; bibliographic search; both textual and visual sources. The results reveal the presence Manancial Baptist and Catholic religion in that place, bringing comfort, humanity and restoring dignity to those people. Nowadays, religion remains as a resource in dealing with everyday difficulties, contributing element to the experience of the gift both in family and collective relations. The challenges to respect and live with religious diversity were identified, specifically with Candomblé, and carrying out ecumenical activities on behalf of the neighborhood needs.

Keywords: Religion, Gift, Family, Living.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMBACLA – Associação de Moradores do Campo Limpo

BCS – Base de Segurança Comunitária

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

Ceops – Centro de Apoio Operacional de Segurança Pública e Defesa Social

CIS – Centro Industrial Subaé

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

EJA – Educação para Jovens e Adultos

ESPA - Associação Casa do Renascimento – Educação para a Saúde

M.A.U.S.S – Movimento Anti-utilitarista em Ciências Sociais

MP – Ministério Público

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Capa Manchete Jornal Feira Hoje, 29/11/1987.....	42
Foto 2 - Carta elaborada pela comissão, 11/12/1987	45
Foto 3 – Carta Resposta do bispo D. Silvério Albuquerque e clero feirense	46
Foto 4 – Casas da Comunidade, 1988	48
Foto 5 – Casas das Comunidade, 2014.....	48
Foto 6 – Reuniões da comissão na capela São Pedro Apóstolo, 06/01/1988.....	50
Foto 7 – Passeata organizada pela comissão.....	50
Foto 8 – Encenação do livro do Jó na praça do bairro.....	52
Foto 9 – Encenação da atualização do livro do Jó na praça do bairro.....	52

LISTA DE IMAGENS

Imagem 2 – Mapa Rodoviário de Feira de Santana.....	40
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Religiões no Brasil de 1940 a 2010.....	32
Tabela 2 – Religiões no Brasil de 18980 a 2010.....	33
Tabela 3 – Renda per capita por religião.....	34
Tabela 4 – Cor declarada dos grupos religiosos no Brasil.....	35
Tabela 5 – Distribuição dos participantes da pesquisa por sexo.....	97
Tabela 6 – Distribuição das configurações familiares dos participantes por religião.....	97
Tabela 7 – Distribuição do número de filhos dos participantes por religião.....	98
Tabela 8 – Distribuição dos participantes por nível de instrução	98
Tabela 9 – Distribuição da renda per capita dos participantes por religião.....	99
Tabela 10 – Distribuição da cor dos participantes por religião.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes à Igreja Católica.....	111
Quadro 2 – Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes à Igreja Batista.....	112
Quadro 3 – Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes ao Candomblé.....	113
Quadro 4 – Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes à Igreja Assembleia de Deus.....	114
Quadro 5 – Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes à Igreja Internacional da Graça de Deus.....	115
Quadro 6 – Elementos contribuintes para a vivência da dádiva no bairro, por religião.....	119

Quadro 7 - Elementos que não contribuem para a vivência da dívida no bairro, por religião.....	121
Quadro 8 – Elementos contribuintes para a vivência da dívida na família, por religião.....	123
Quadro 9 - Elementos que não contribuem para a vivência da dívida no âmbito familiar, por religião.....	125
Quadro 10 - Distribuição dos participantes por religião e tempo de moradia.....	127
Quadro 11 – O olhar em relação a passado.....	128
Quadro 12 - Semelhanças e Diferenças do universo pesquisado.....	131

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo 1 - Religião como recurso frente às dificuldades cotidianas	24
1.2 Algumas trilhas na vivência religiosa atual	31
1.3 A presença da religião no bairro George Américo da ocupação.....	40
1.4 ... aos dias atuais	54
Capítulo 2 – A dádiva no cotidiano das famílias do bairro George Américo	59
2.1 A dádiva	60
2.2 A dádiva nos dias atuais.....	61
2.3 Dádiva e Família	65
2.4 As dádivas presentes no bairro George Américo.....	71
Capítulo 3 – A pobreza no bairro George Américo: um desafio a ser superado	78
3.1 O enfoque Monetário.....	79
3.2 O enfoque das necessidades básicas insatisfeitas.....	80
3.3 O enfoque das capacidades.....	81
3.4 Outros enfoques: O Capital Social	84
3.5 Aspectos incidentes na formação do bairro George Américo.....	87
3.6 O bairro hoje.....	90
Capítulo 4 – Análise e Discussão dos dados	96
4.1 Família.....	100
4.1 Religião.....	103
4.3 Dádiva.....	115
Considerações Finais	133
Referências	138
Livros e Capítulos	138
Artigos.....	140

Monografias, Dissertações e Teses.....	141
Notícias em sites de Internet.....	142
Fontes Jornalísticas.....	142
Fontes Eclesiásticas.....	142
Outras fontes.....	142
APÊNDICES	143
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO.....	143
APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	147
APÊNDICE 3 - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA.....	149
APÊNDICE 4 - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	150

INTRODUÇÃO

Da busca do direito à moradia nasce a **Comunidade da Partilha**. Na pintura de Irmã Ana Graça (capa), a simbolização desta luta que aconteceu na ocupação das terras do antigo campo de aviação de Feira de Santana, no ano de 1987. No cenário, as cercas caídas, os cactos e o coqueiro, elementos da paisagem que aos poucos foi sendo transformada e recebeu os primeiros barracos, que sob o calor do dia e o frio da noite acolheram inúmeras famílias que, em meio às instabilidades diárias e no enfrentamento ao poder local, permaneceram firmes na busca de um pedaço de chão.

Junto aos rostos de crianças e jovens, mulheres e homens de baixa renda, George Américo (de gravata) que liderou o movimento e a Sagrada Família: Nossa Senhora com o Menino Jesus. E São José? Segundo Irmã Marcela (18/07/2014), fez a mesa, em torno da qual se celebrava a fé e a vida, que se tornava abundante com a partilha que cada um fazia da pipoca, do pão, das frutas típicas da Bahia. Sobre ela, a Palavra **“Eu vim para que todos tenham vida”** (Jo 10, 10), ensinamento de Jesus atualizado na história que mantém viva a chama da esperança e fortalece a luta cotidiana para que todos possam ter condições de vida digna.

O tambor, o chocalho e os pandeiros, sinais da alegria e da festa que interrompem a dureza do cotidiano e o revestem de beleza e leveza. No horizonte, o sol que nasce para todos que, independente do credo religioso, aquece os corações e alimenta a busca do mesmo objetivo. A lata de água na cabeça, o saco de cimento nas costas, a comida nas mãos, aspectos dos mutirões que aconteciam mediante a inclusão do saber de cada um e cada uma. Da experiência da partilha do que se é e do que se tem, nasce a identidade da comunidade que ainda hoje se presentifica nas relações entre os moradores.

O conceito de comunidade na presente investigação compreende-se como uma forma de agrupação social em que as pessoas estão ligadas mediante a construção de vínculos que naturalmente se estabelecem, tendo como consequência na convivência cotidiana a aceitação do outro tal como ele é (STEIN, 2005). Estar inserido numa determinada comunidade, receber dela uma formação e desempenhar determinadas

funções contribui para a vivência consciente da pertença, coincidindo a consciência desta última com o início da responsabilidade pessoal para com a comunidade (STEIN, 2000). Saber como se construiu a história desse grupo, suas raízes, os acontecimentos que possibilitaram a configuração do modo de viver específico e os valores atribuídos a certas práticas, é de suma importância para o estabelecimento de uma ligação mais profunda com ele e para a compreensão de si mesmo (ARAÚJO, 2013).

Nos rostos pintados por Irmã Ana Graça, transparecem as marcas do sofrimento advindas da pobreza. No contexto deste trabalho, ela remete às escassas condições de renda, as quais por sua vez, podem refletir no todo da pessoa, afetando a autoestima e gerando diferentes sentimentos, dentre eles, a vergonha e o não se sentir incluído em um dado espaço geográfico. Hoje, decorridos 27 anos da ocupação, permanece o desafio de encontrar caminhos que possibilitem o enfrentamento e a superação da pobreza no cotidiano do bairro.

Ao se andar pelas ruas do bairro, nos encontros e conversas com os moradores, estes evidenciam a religião como elemento fortalecedor frente às dificuldades cotidianas. Nas histórias contadas e nos trabalhos elaborados sobre a formação do bairro (CALDAS, 1998; SANTOS, 2010), identifica-se a presença da religião que, mediante articulação da dádiva, configurou-se em espaço de solidariedade contribuinte para a construção deste espaço geográfico. Neste contexto, lança-se o problema de investigação: Poderá a religião ser rede de solidariedade que fortalece a vivência da dádiva nas relações familiares do bairro George Américo?

O objetivo geral que orienta as ações de pesquisa é: Analisar a religião como rede de solidariedade que articula a vivência da dádiva em famílias de baixa renda no bairro George Américo de Feira de Santana. Julga-se relevante, como desdobramentos, os objetivos: Identificar fatores físicos, políticos e socioeconômicos que influíram na formação do bairro; Buscar mediante narrativas dos primeiros moradores e dos que vieram depois colher dados referentes ao fortalecimento e enfraquecimento da religião como rede de solidariedade para a construção de um comparativo entre o passado e o presente.

Inúmeras e diversificadas são as denominações religiosas que compõem o cotidiano do bairro, dentre elas: Assembleia de Deus, Brasil para Cristo, Batista Manancial, Católica, Deus é Amor, Evangelho Quadrangular, Igreja Evangélica O Senhor é nossa Justiça, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Pentecostal Jerusalém e Shalom Adonai. Embora, sem templo no bairro, jovens Mórmons frequentemente visitam as famílias e fazem estudos da bíblia nas casas. Muitos terreiros de Umbanda e Candomblé também são encontrados na geografia do bairro.

Dentre essas, elegemos como amostra da pesquisa, duas denominações que figuram dentre o que alguns autores (PIERUCCI, 2004; BRANDÃO, 2004) denominam de Igrejas Cristãs Tradicionais, a Batista Manancial que conta com uma participação média de 100 fiéis e a Católica, que contempla em torno de 150 a 200 adeptos; uma pertencente ao ramo Pentecostal, a Assembleia de Deus, na qual congregam 300 a 350 pessoas; uma Neopentecostal, a Internacional da Graça de Deus, na qual participam em média 150 fiéis; e o Candomblé, religião Tradicional de Matriz Africana e considerando que a Bahia é um dos estados brasileiros com grande concentração de negros; o terreiro pesquisado conta com a participação de 80 pessoas. Entrevistaram-se cinco participantes de cada uma destas denominações, incluídos nestes, o líder religioso, moradores desde o início do bairro e que vieram depois, os quais foram selecionados na observação em campo.

A coleta de dados aconteceu mediante a observação em campo¹ que se constituiu em primeiro passo no processo de investigação, possibilitou a aproximação do universo em questão, ofereceu condições para conhecer cada comunidade religiosa, identificar e selecionar os participantes, e um roteiro de entrevista semiestruturado

¹ No período de setembro a novembro de 2013, foram realizadas visitas aos espaços religiosos participantes da pesquisa, participando-se de alguns dos momentos específicos dos mesmos: cultos, missas, sessões, reuniões, escola bíblica. Essa participação continuou sendo feita no período de março a maio de 2014. A participação nestes momentos foi fundamental, pois possibilitou estabelecer o vínculo com o líder religioso e os moradores, os quais foram posteriormente selecionados para as entrevistas. Cumpre destacar que quando o projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus compunha a amostra, todavia, em março de 2014, o líder religioso manifestou-se contrário à realização da pesquisa, o que nos levou a uma aproximação da Igreja Internacional da Graça de Deus que aceitou o convite, sendo necessário encaminhar tais alterações tanto à Fapesb – Fundação de Apoio e Pesquisa do Estado da Bahia, com quem temos o vínculo de bolsista, como ao Comitê de ética da UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, órgão vinculado a Plataforma Brasil, que após avaliar e aprovar o projeto de pesquisa, autorizou a coleta de dados.

(Apêndice - 1), que proporcionou uma maior flexibilidade à pesquisadora para incluir outras questões que poderiam surgir durante a realização da mesma, bem como identificar aspectos subjetivos dos atores sociais envolvidos (MINAYO, 1996). A entrevista constitui-se em ruptura que propicia a percepção do cotidiano e sua elaboração (HALBWACHS, 2008) e momento em que pessoas carentes podem ter suas vozes ouvidas e experiências comunicadas, onde constroem o próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo (BOURDIEU, 2001), caracterizando um movimento de consciência de si para si, versando sobre experiências cotidianas que envolvem as categorias analíticas – religião e dádiva – eixos dessa dissertação.

As entrevistas realizadas nos próprios espaços religiosos ou nas residências dos participantes, seguiram-se à apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice - 2), sendo gravadas e posteriormente transcritas². O conteúdo destas foi analisado a fim de identificar como a religião possibilitou a vivência da dádiva no passado e se ainda hoje o faz no âmbito das relações familiares e do bairro. Neste sentido, buscou-se levantar os elementos que fortalecem e enfraquecem a religião como instância que cria relações ou não entre os membros familiares e entre os moradores do bairro. No intuito de proteger a identidade dos participantes são utilizados nomes fictícios, sem menção alguma e garantindo sigilo e confidencialidade. Muitas falas não foram registradas, pois afluíam espontaneamente após a realização da entrevista, na hora da merenda oferecida pelo anfitrião ou anfitriã da casa. Outras ainda emergiam durante a entrevista sendo solicitadas para não serem registradas, já que envolviam personagens políticos que deixaram marcas dolorosas na vida dos depoentes, como aquelas relacionadas à morte do líder da ocupação.

Além da observação em campo realizada em cada uma das denominações religiosas participantes da pesquisa e das entrevistas, também foram utilizados os instrumentos da Pesquisa Bibliográfica, que proporcionou o contato com autores, cujos trabalhos abordam aspectos relacionados à formação do bairro; Fontes Textuais, como as Cartas elaboradas no período da ocupação; Notícias e Manchetes articuladas pelo Jornal Feira Hoje, referentes à realidade socioeconômica da cidade na década de 80, e

² As entrevistas realizaram-se nos meses maio a julho de 2014, sendo transcritas neste mesmo período.

aqueles ocorridos no dia-a-dia da ocupação; Fontes Visuais, imagens relacionadas àqueles fatos e aos dias de hoje do bairro. Um Encontro de uma tarde sobre a Memória da Ocupação realizado por Maria Theresia Seewer (Irmã Marcela) na ESPA (Associação Educação para Saúde com Práticas Alternativas), também compõe o quadro de instrumentos, pois neste, ela narrou sua participação no acompanhamento da ocupação, disponibilizou fotos, recortes de jornais, as cartas elaboradas naquele período, os quais se encontram no acervo da biblioteca da referida entidade, que coordena.

Os conceitos de cotidiano e memória coletiva funcionam como fios condutores da presente investigação. O primeiro é o lugar onde a sociedade adquire existência concreta; constitui a vida de toda pessoa - não há quem viva fora dela – e da pessoa como um todo, na medida em que, nela, são postos em funcionamento todos os seus sentidos, as capacidades intelectuais e manipulativas, sentimentos e paixões, ideias e ideologias (HELLER, 2000). A memória coletiva retém do passado o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém; é na examinação do passado que um grupo toma consciência de sua identidade no e através do tempo e do espaço (HALBWACHS, 2008).

Segundo Bosi (1995), a memória coletiva desenvolve-se a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais e comunitários, constituindo-se o lembrar, atividade individual tanto quanto social: o grupo transmite as lembranças e o recordador ao trabalhá-las, individualiza a memória comum, sendo que no e como lembrar, fica o que significa. Um recordador é um trabalhador, pois lembrar não consiste em reviver, mas, re-fazer.

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. ***Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito.*** Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (p.81, grifo nosso).

Lembrar constitui dessa forma, um ato de interiorização, uma mediação criadora, pois a pessoa reflete sobre si mesma e sobre o momento presente a partir do passado. A memória não é mera repetição, é atividade criativa, uma vez que interrompe o

imediatamente, o já pronto e dado, metaforicamente é como se a pessoa desse à luz a si mesma.

A realização deste estudo contribui para identificar aspectos mediante os quais relações de dívida são possibilitadas ou dificultadas no cotidiano das famílias do bairro. Parte-se do pressuposto da presença da religião na construção do bairro e sua permanência nos dias atuais. Há de se considerar que o contexto de origem do bairro remete à década de 80, a partir da qual segundo estudiosos do campo religioso (PIERUCCI, 2004; PRANDI, 2004), começam haver novas configurações na vivência religiosa, dentre elas o fenômeno da participação em massa. A presença da religião na origem do bairro que é fruto de uma ocupação urbana em busca da efetivação do direito à moradia, em que se diferencia da vivência religiosa dos moradores atuais? Trabalhos acadêmicos (CALDAS, 1998; SANTOS, 2010) pontuam que no passado, a religião articulou a dívida na construção do bairro, articulará ela ainda hoje esta postura nas relações familiares e comunitárias? Se o faz, de que forma? Articulará ela elementos que dificultam sua vivência? Se a pobreza ainda hoje é desafio a ser superado, quais os recursos que as pessoas dispõem?

A dívida introduzida nas Ciências Sociais pelo estudo clássico de Marcel Mauss (2001), *Ensaio sobre a dívida ou Ensaio sobre o Dom: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas*³, motivo pelo qual as nomenclaturas dívida e dom são utilizados como sinônimas, revela dentre outros aspectos, a dimensão do vínculo gratuitamente contraído nas relações entre as pessoas que, diferente da dinâmica mercantil esgotada no ato do pagamento, perdura no tempo e une as pessoas (GODBOUT, 1999). Para Mauss (2001), a vida social e as relações estabelecidas no cotidiano são acompanhadas por um constante dar, receber e retribuir. As trocas que acontecem nestas relações não envolvem apenas a dimensão material, mas aspectos do próprio doador e recebedor. “Ao dar, dou sempre algo de mim mesmo. Ao aceitar, o recebedor aceita algo do doador. Ele deixa, ainda que momentaneamente, de ser um outro; a dívida aproxima-os, torna-os semelhantes pela troca de dons, que vincula sujeitos, enquanto sujeitos, por meio de objetos” (FLACH e SUSIN, 2006).

³ Publicação original: *Essai sur le don: forme et raison de l' échange dans les sociétés archaïques*, na revista *L'Année Sociologique* nos anos 1923-24.

Vivemos numa sociedade regida pela circulação mercantil. O mercado ocupa decisivamente múltiplos espaços: do trabalho à técnica, da saúde ao lazer, da educação infantil ao doutorado, do nascer ao morrer, sendo difícil em alguns momentos, imaginar como tudo funcionava antes da sua emergência (MACHADO, 2004). Normas mercantis introduzem no cotidiano das relações humanas, critérios, parâmetros e valores que lhe são próprios, funcionando como modelos para intercâmbios interacionais, que ao serem internalizados podem se reproduzir no âmbito das relações familiares, vindo a reduzir significativamente a vivência da dádiva e da gratuidade (PETRINI, 2005).

O significado maior da dádiva é o **interesse** pelo outro. O dicionário aproxima seu significado à esfera econômica, “Interesse: lucro; proveito; vantagem” (LUFT, 2000, p. 396), seu sentido etimológico, segundo Machado (2004), deriva da união latina *inter* + *esse*, literalmente, **ser** ou **estar** (*esse*) **entre** (*inter*). Desta feita, o interesse da dádiva é tecer vínculos afetivo-sociais. Supõe uma rede de relações. Diferentes são os contextos que, quando isentos do caráter consumista e calculista, constituem-se em espaço para vivência do dom: o amor, a arte, a herança, a confiança, o tempo, o conhecimento (MACHADO, 2004). A religião ao articular o interesse benéfico pelo outro, torna-se espaço para vivência e ampliação da dádiva (Ibid.).

Flach e Susin (2006) reconhecem na antropologia do dom desenvolvida por Mauss, um *locus theologicus*, um lugar onde a experiência da salvação, por graça, acontece e se revela por si mesma. “Podemos dizer que a lógica do dom não tem medida. A graça é o excesso que sempre rompe a relação de causa-efeito. É sem medida. É Deus quem nos amou e ama por primeiro, sem que o tivéssemos merecido” (p. 182). Afirmam eles que, Deus quer que experimentemos seu amor e por Ele nos deixemos conduzir. “Porque Deus é amor, Ele nos impulsiona ao amor, pois, ao nos amar, nos sentimos amados, e o amor desperta em nós o desejo de retribuir esse amor” (p. 183). A Encarnação manifesta a plenitude desse amor: “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único” (Jo 3, 16).

Conforme Godbout (1999), diferente do dom arcaico regido pela tríplice dar-receber-retribuir (MAUSS, 2001), no dom moderno pode acontecer apenas um destes momentos, como na dádiva aos estranhos, das quais a doação de sangue constitui-se

exemplo ilustrativo: não há retorno no sangue doado. A motivação primeira é de ordem moral: a pessoa espera nunca precisar receber, mas se acaso o necessitar, confia que alguém alhures o faça. Conforme o autor, quando o sangue que até então era doado, passa a ser comercializado, é grande a probabilidade dos doadores interromperem a rede de doação. O dom é antes de tudo um sistema de “relações de pessoa a pessoa” (Ibid., p.24).

Assim como a dádiva articula aspectos benéficos nas relações familiares e sociais, também ela pode ser acompanhada por *motivos não benéficos* que corrompem as relações. O sangue pode transmitir doenças, relações familiares e sociais podem ocasionar o adoecimento das pessoas, presentes podem ser oferecidos em troca de votos. Necessário então se faz identificar os motivos presentificados nas diferentes relações estabelecidas entre as pessoas no cotidiano. Neste contexto, coloca-se ao pesquisador o desafio do olhar atento e crítico, já que é posta em movimento uma dimensão subjetiva não mensurável e quantificável, passível, todavia, de identificação mediante a observação do cotidiano e da escuta dos relatos dos participantes e outras pessoas circunscritas ao espaço geográfico em questão.

Os temas abordados neste trabalho: religião, dádiva, família e pobreza são amplos. Cada um deles articula noções, conceitos e compreensões que podem ser compreendidos com base em diferentes perspectivas teóricas. O enfoque aqui utilizado é o das Ciências Sociais, cujas discussões se inserem na linha de pesquisa 2 - Família e Sociedade – do Programa de Pós-Graduação Família na Sociedade Contemporânea.

O recorte aqui apresentado sobre religião e dádiva como rede de solidariedade em famílias pobres residentes no bairro George Américo de Feira de Santana origina-se de um voluntariado realizado na área da psicologia durante dois anos (2012-2013) junto a crianças e adolescentes pertencentes à Associação Cultural Afoxé Filhos da Luz. Este foi desenvolvido a partir do pedido de uma das integrantes da associação em vistas de trabalhar a agressividade entre os participantes. Atualmente, o trabalho continua sendo realizado por outra psicóloga voluntária, uma vez que a pesquisadora não teve mais condições de desenvolvê-lo em 2014.

Durante o voluntariado sentiu-se necessidade de ampliar a compreensão da violência dos participantes, situando-a num contexto mais amplo de vivência no próprio

bairro. Fato que despertou o desejo de conhecer a história do bairro e identificar os recursos, as redes que no cotidiano seus moradores teceram e ainda tecem para enfrentar os desafios que lhe são colocados pela condição da pobreza. Na busca destes recursos, encontrou-se a religião e a dádiva, as quais no contexto deste trabalho serão apresentadas vinculadas à história e à vivência cotidiana do bairro.

Assim sendo, nos capítulos que se seguem serão apresentados elementos que contribuem para pensar e discutir o objeto de pesquisa. A discussão acerca da religião será feita no capítulo 1, reflexões sobre dádiva, no capítulo 2. O capítulo 3 será dedicado à pobreza e a menção de alguns elementos que caracterizam o cenário atual do bairro e o capítulo 4, à análise dos dados. Tal estrutura ao mesmo tempo em que possibilita a organização do pensamento, não será rígida, possibilitando condições para que os temas sejam retomados ao longo do trabalho, pois se acredita que os fios da existência e da história humana ao se entrelaçarem no passado e no presente, podem articular significados que conferem sentido ao viver cotidiano.

1. RELIGIÃO COMO RECURSO FRENTE ÀS DIFICULDADES COTIDIANAS

“O papel da religião aqui no bairro, como sempre foi na história, é promover esperança na vida das pessoas, porque quando a esperança é promovida as pessoas tem algo para sonhar, para acreditar e elas lutam” (Pedro, 42 anos, líder religioso da Igreja Batista Manancial, em 27/06/2014).

A religião constitui-se em sistema de sentido e quando crida oferece condições para o ser humano significar as diferentes faces do drama humano. A este respeito, escreve Brandão (1994, p. 66):

Concebemos religiões como sistemas que se propõem às mais complexas e profundas produções de sentido, ou seja, às mais totalizantes e, inclusive, àquelas que mais sejam capazes de unir amplas ordenações cosmocizantes com os dados biográficos mais individualizados de sentido e de destino.

A vivência religiosa é mediada por diferentes fatos e situações nas quais a pessoa se encontra inserida, lançando-lhe o convite para que essas experiências sejam integradas num horizonte de totalidade significativa.

Em sua localização geográfica e temporal, a religião assume tonalidades diversas, com base em experiências pessoais e grupais. Insere-se num contexto social, político, econômico e cultural, do qual recebe influências ao mesmo tempo em que nele influi.

Para Brandão (2004, p. 16), “a adesão a uma religião e/ou igreja sugere a partilha e a reciprocidade de sentidos, de destinos e de compromissos”. No horizonte desta reflexão, situam-se as investigações desenvolvidas na área da Sociologia que, ao elegerem a religião como seu objeto de estudo, o fazem na intenção de identificar o papel desta como fenômeno que contribui para a transformação social, move-se em meio à tensões e conflitos, colabora para a vivência comunitária, a busca e efetivação de melhores condições de vida, sendo ao mesmo tempo uma construção social de seus membros (BERGER e LUCKMANN, 1985).

Neste horizonte estão, dentre outros estudos, os desenvolvidos por Camargo (1971) – Igreja e Desenvolvimento -; Petrini (1984) – CEB's: um novo sujeito popular – e

Brandão (1986) – Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular. A escolha destes se deve ao fato de serem concomitantes ao período em que aconteceu a ocupação do atual bairro George Américo e pelo fato dos autores trazerem o recorte religião como transformação social que lança luzes para refletir e discutir a presença da religião no bairro, conforme será abordado ao longo deste trabalho.

As observações feitas em 1971, por Cândido Procópio Ferreira de Camargo acerca do âmbito religioso brasileiro encontram correspondência ainda hoje:

a tendência característica do movimento religioso atual não é o reavivamento de concepções tradicionais em áreas rurais do país, sob a forma de Messianismo e de ideologização do passado, como tivemos no século XIX com Antônio Conselheiro e Pe. Cícero. O que se observa é o desenvolvimento, sobretudo urbano, de formas religiosas capazes de oferecer instrumental ideológico e condições psicológicas correlacionados com os desafios do processo de modernização (p. 02).

Ao abordar a temática do catolicismo brasileiro, especificamente no estudo sobre as repercussões do Movimento de Natal⁴, Camargo (1971) lança mão do conceito significativo de *internalizado* em oposição a *tradicional*, sendo ainda este último associado às categorias socioeconômicas rural e urbano. A distinção entre esta tipologia “fundamenta-se na diversidade dos modos de orientação da conduta e formação dos conhecimentos e axiologias religiosas” (Ibid., p. 07).

O catolicismo tradicional é definido pelo comportamento social e religioso que:

1º) por se fundar nos costumes e ser legitimado pela tradição. 2º) pela relativa inconsciência dos valores religiosos que organizam as normas e os papéis sociais. 3º) pela relativa ausência de uma explicação racional, em termos de meios e fins, da conduta religiosa e do comportamento social legitimado pela religião. 4º) pela relativa confusão entre os valores e normas da sociedade inclusiva (e seus papéis correspondentes) e os propugnados pela coletividade religiosa. 5º) pela socialização e rigidez da conduta religiosa e da conduta social com legitimação religiosa (Ibid., p. 07).

O catolicismo internalizado, por sua vez, compreende:

⁴ “Entende-se, por essa expressão, o conjunto das atividades sociais e religiosas desenvolvidas a partir de 1948 pela Diocese de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte... Atuando em área subdesenvolvida, as atividades da Diocese de Natal visaram, além de fins religiosos, a incrementar a vida comunitária, a saúde e a educação” (p. 38). Camargo enquadra o Movimento de Natal no tipo de Catolicismo Internalizado: embora desenvolvido em área rural, constituiu-se em iniciativa da hierarquia eclesiástica e do centro urbano de decisão, transcendendo em muito o nível meramente assistencial e considerado “como instrumento de mudança social, capaz de afetar, de modo significativo, as relações de poder, as ideologias e os padrões de comportamento da região” (p. 39).

1º) **o comportamento religioso e social orientado conscientemente por valores religiosos.** 2º) o que implica explicação racional (em termos de meios e fins coerentes) dos valores, normas e papéis religiosos. 3º) o que acarreta relativa diferenciação – e mesmo tensão – entre os valores religiosos conscientes e o sistema axiológico predominante na sociedade inclusiva (pgs. 07-08, grifos nossos).

E ainda:

O processo de internalização baseia-se na aceitação de uma constelação valorativa precisa e consciente por parte dos fiéis. Nesse sentido, mesmo no catolicismo, o processo assume formas divergentes de acordo com os valores predominantes em cada movimento de internalização (p. 23).

Embora o catolicismo não seja o objeto específico de investigação no âmbito deste trabalho, a tipologia delineada por Camargo (1971) é relevante e significativa, uma vez que “reflete, a um tempo, diferenças essenciais das funções da religião, assim como espelha os tipos de sociedade correlatos com esta diversidade de funções” (p. 08). Assim, a religião tende a ser tradicional em sociedades de caráter tradicional e internalizada naquelas em acentuada mudança social, quando na emergência da controvérsia axiológica e normativa se constela a consciência valorativa e reformulam-se valores e conhecimentos religiosos. Desta feita, a internalização religiosa tem configurado historicamente “um dos mais importantes processos ideológicos para a mudança social” (Ibid., p. 08) ⁵.

Camargo (1971) ressalta que a constituição da tipologia e a efetivação de suas funções estão atreladas a fatores de natureza socioeconômica. Logo, as mudanças socioeconômicas em andamento num determinado espaço geográfico formam a base das alterações de forma e conteúdo expressas na tipologia das religiões. Na contrapartida, as ideologias religiosas como alternativas que respondem às situações concretas de indivíduos e grupos, condicionam e oferecem informações acerca da organização social emergente.

⁵ O cristianismo primitivo e a reforma protestante são apontados por Camargo como exemplos de internalização religiosa, servindo de conteúdo ético aos processos de mudança à época na qual se inscreviam.

Petrini (1984), em seu estudo acerca das CEB's – comunidades eclesiais de base⁶ –, identifica a trajetória da comunidade São José Operário, localizada no bairro São Mateus, na região leste de São Paulo, uma das mais carentes da cidade. Constituída em sua grande maioria de migrantes do interior do país, cujas vivências religiosas anteriores forjaram-se na experiência com o catolicismo rural, descreve os dramas existenciais de quem deixa o interior em busca da sobrevivência na cidade grande, e que encontra na vivência em comunidade o alento, situações de vida análogas à sua, espaço para o despertar da consciência pessoal e coletiva, cujos desdobramentos refletem na reivindicação de melhorias para a vivência no bairro e evidenciam o papel específico das Comunidades Eclesiais de Base no processo de transformação da sociedade.

Destaca ainda, as crises e os conflitos internos que se instauram na comunidade na medida em que a caminhada vai se delineando e vão se configurando relações de poder que mais do que negociadas, necessitam ser integradas num todo mais amplo de significado a fim de não se perder o aspecto fundamental da vida em comunidade que consiste “naquela solidariedade em compartilhar a vida e os trabalhos” (PETRINI, 1984, p. 135). Quando o clima de confiança e de afetividade – indispensáveis na comunidade para a transmissão do patrimônio de valores acumulados – vem a faltar, todos ficam prejudicados. Foram as experiências comunitárias anteriores, as novas configurações nas relações de poder, o prazer de trabalhar e lutar juntos, que possibilitaram superar as dificuldades e reafirmar o sentido de ser comunidade.

Transparece na experiência relatada da comunidade São José Operário aspectos do catolicismo internalizado. Os vínculos que ligam as pessoas entre si se estabelecem num clima de acolhimento e valorização de cada pessoa, possibilitando vencer o sentimento de inferioridade e vergonha pela condição de pobreza, os nexos

⁶ A comunidade eclesial de base “constitui uma agregação claramente caracterizável como eclesial. É uma parcela da Igreja católica, uma modalidade renovada de presença eclesial na sociedade atual, que mantendo vínculos precisos com a Igreja institucional contribui para a renovação das estruturas” (PETRINI, 1984, p. 142). Surgem por volta da década de 70, constituindo-se em resposta “adequada aos tempos do Concílio Vaticano II e às exigências que os novos tempos estão apresentando” (Ibid., p. 56). Compreende uma dimensão política e cultural, “o aspecto religioso específico, a dimensão humana de amizade e de recíproco apoio, de festa, enfim, o aspecto propriamente comunitário que não pode ser considerado algo acidental ou de menor interesse” (Ibid., p. 15).

que ligam cada membro da comunidade ao contexto social e à sua problemática permitem uma integração entre o pessoal e o político, de modo que estes “não aparecem como contraditórios ou excludentes, nem apenas complementares, mas integrados e estritamente ligados. Não se trata de uma dissolução do ‘pessoal’ no ‘político’, mas de sua confluência na experiência humana e social de cada pessoa, que nela adquire consistência dando origem ao dinamismo da CEB”. (PETRINI, 1984, p. 42).

Em *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*, Brandão (1986) investiga as formas mediante as quais os subalternos criam suas crenças mais duradouras, derivando-as dos modos eruditos das igrejas, bem como criando seus próprios modos sociais de produção do sagrado: as variações confessionais, suas agências de serviço e seus agentes especialistas de classe. O estudo desenvolve-se em Itapira, cidade do interior de São Paulo, cujo sujeito participante é o agente popular da religião: o rezador, o capelão, o chefe de grupo ritual de camponeses ou de negros, o pai-de-santo, o feiticeiro da esquina, o presbítero de pequena seita, o curador e a benzedeira.

O estudo de Brandão (1986) evidencia que há uma busca do sagrado em momentos de aflição por que nele se crê. Neste contexto, espera-se da religião, a proteção e “um inventário de certezas fundamentais – mesmo quando vagas - sobre a vida, o mundo e as contradições das trocas entre ambos” (p.141). A religião constitui-se em um somatório de recursos a mais para subsidiar o enfrentamento das dificuldades cotidianas, conferir identidade e possibilitar a inclusão da pessoa. Deve ainda, estar pronta para atender os apelos mais corriqueiros da vida, revestindo esta concreticidade de beleza a fim de que se possa “escapar da armadura de ser e viver o comum pobre do dia-a-dia” (Ibid., p. 143).

Brandão (1986, p. 297), ressalta que a prática religiosa popular configura-se em “estratégia de autonomia e resistência política e cultural dos subalternos”. Subjacente ao conflito entre religião popular e erudita encontra-se a legitimação de “modos definidos do poder que sustentam a ordem de dominância política segundo os interesses definidos por alguns de sua classe” (Ibid.). Subliminarmente, encontra-se o

conflito de exploração das classes populares por parte da classe dominante que se beneficia com o empobrecimento daquelas.

Os trabalhos de Camargo (1971), Petrini (1984) e Brandão (1986) evocam um aspecto pontuado por Berger (2011, p. 112), “a religião aparece na história quer como força que sustenta, quer como força que abala o mundo”. Contém em si um potencial tanto alienante quanto desalienante. Este último implica na capacidade de contestar a ordem estabelecida e construir uma utopia que mobilize as pessoas para uma transformação social, enquanto a alienação torna opaca a realidade, fazendo desembocar no vazio as forças de resistência e de rebelião às injustiças sofridas (PETRINI, 1984).

Os estudos de Weber (1991, 2004, 2010) revelam a influência da religião na formação da conduta humana. Com base no conceito de ética econômica, analisa as “tendências práticas à ação que se baseiam no nível psicológico e pragmático das religiões” (2010, p. 10). Reconhece o papel decisivo de aspectos sociais, econômicos e políticos incidentes sobre uma dada ética religiosa, todavia afirma ser um erro a consideração unilateral desses fatores, pois tal ética “adquire essencialmente sua peculiaridade a partir de fontes religiosas e, primordialmente, do sentido de sua pregação e de sua promessa” (2010, p. 12), sendo o seu conteúdo comumente reinterpretado pelas gerações seguintes, que adaptam a doutrina às necessidades da comunidade religiosa.

A ética religiosa interfere na ordem social em profundidade diversa, pois articula uma posição de princípio em relação ao mundo que motiva as ações do indivíduo (WEBER, 1991). Cavaleiros guerreiros; camponeses e comerciantes; intelectuais seguem tendências religiosas diferentes. Os estratos intelectuais impelidos por uma busca cognitiva do mundo e seu sentido, influenciaram as éticas religiosas das religiões asiáticas e indianas, onde a ênfase é conferida à contemplação como caminho para a felicidade e imobilidade do ser (WEBER, 2010). Entre artesãos, comerciantes e empresários, o destaque é conferido à ascese intramundana vivenciada nas atividades diárias disciplinadas e racionalizadas na atividade profissional concebida como vocação. O caminho da salvação torna-se um “trabalho neste mundo, ascético e ativo”

(Ibid., 2010, p. 34). Nessa ascese encontra-se a estrutura organizativa do protestantismo com suas derivações que mantêm nexos estreitos com o surgimento do espírito capitalista no ocidente⁷, questões que Weber discorreu detalhadamente em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*.

No estudo sobre a religião, Weber também aborda a questão do sentido. Nas primeiras linhas do capítulo 5 - Sociologia da Religião (Tipos de relações comunitárias religiosas) da obra *Economia e Sociedade*, afirma que não se ocupa da essência da religião, “e sim, das condições e efeitos de determinado tipo de ação comunitária cuja compreensão também aqui só pode ser alcançada a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos – a partir do ‘sentido’ -, uma vez que o decurso externo é extremamente multiforme” (1991, p. 281).

Afirma que a ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primeira é orientada para este mundo, sendo realizada “para que vás muito bem e vivas muitos anos sobre a face da terra” (Ibid., p. 281). Tal ação é racional, pelo menos relativamente: ainda que não necessariamente orientada por meios e fins, norteia-se pela experiência. “Assim como esfregando-se um pau numa peça de madeira provocam-lhe centelhas, a mímica ‘mágica’ do conhecedor faz cair a chuva do céu. E as fagulhas produzidas pelo pau esfregado na madeira são, como a chuva obtida pelas manipulações do fazedor da chuva um produto mágico”(Ibid., p.281). A ação ou pensamento religioso ou mágico não podem ser separados das ações cotidianas ligadas a um fim, considerando que tais fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica. Servindo-se de recortes históricos, como por exemplo, a predominância dos deuses ctônicos em regiões agrícolas, ilustra a relação entre o significado econômico de certos fenômenos particulares com a supremacia de um determinado deus dentro do panteão elegido por um determinado grupo de indivíduos.

⁷ Weber (2004) destaca que diferente do catolicismo, cujos traços ascéticos propõem aos seus seguidores um alheamento aos bens terrenos, com ênfase na busca dos bens na vida eterna, o *ethos* protestante de matriz calvinista – que direta ou indiretamente originou o puritanismo nos séculos XVI e XVII na Inglaterra e Países Baixos – concebe a acumulação dos bens e o sucesso advindo da administração destes, revelação divina na vida do fiel. Diferente do luteranismo em que o conceito de vocação permaneceu com um caráter tradicional: uma espécie de desígnio divino ao qual o indivíduo deveria se submeter, para o calvinismo somente uma vida orientada pela reflexão contínua é capaz de sobrepujar o estado natural, racionalização essa que conferiu a fé um caráter ascético.

A estrutura do sentido pode ser diversa e agregar numa unidade motivos logicamente heterogêneos, uma vez que o tecido que o forma não são as consequências lógicas, mas as valorações práticas.

Significa sempre, só que em graus diversos e com êxito diferente, uma tentativa de sistematização de todas as manifestações da vida, portanto, de coordenação do comportamento prático num *modo de viver*, qualquer que seja a forma que este adote em cada caso concreto. Além disso, traz consigo a importante concepção religiosa do 'mundo' como um 'cosmos' do qual se exige que constitua um 'todo', de algum modo ordenado segundo um 'sentido', e cujos fenômenos, cada um por si, são medidos e valorados por esse postulado. Todas as tensões mais fortes, tanto no modo de viver intrínseco quanto na relação externa para com o mundo, provêm então da colisão deste mundo, como – segundo este postulado- um todo pleno de sentido, com as realidades empíricas (WEBER, 1991, p. 310).

As diferentes instâncias da profecia, sacerdotal, intelectualidade, sabedoria não sacerdotal e o que denomina de sabedoria vulgar lidam com a problemática do sentido. “A questão de toda metafísica, desde sempre, foi esta: se o mundo como um todo e a vida em especial têm um 'sentido', qual pode ser este e como deve apresentar-se o mundo para lhe corresponder?” (Ibdi., p. 310).

Considerando a religião como sistema de sentido que possibilita condições para significar as diferentes faces da realidade humana, organizando-as num horizonte de totalidade maior, e considerando o potencial de transformação que em si carrega, lancemos agora um olhar sobre algumas trilhas mediante as quais a vivência religiosa é buscada na cultura atual.

1.1 Algumas trilhas na vivência religiosa atual

Diferente do passado, em que o catolicismo constituía-se em religião de quase absoluta concentração demográfica no Brasil (BRANDÃO, 2004), evidencia-se hoje um quadro de vivência religiosa muito dinâmico (PIERUCCI, 2004), composto por diversificadas alternativas religiosas (BRANDÃO, 2004).

O estudo de Camargo, Nascimento, Prandi, Singer e Souza na década de 70, já revelava uma lenta e significativa diminuição do contingente de católicos. Pontuavam os autores, a tendência para

um declínio moderado, mas constante, de adeptos da Igreja Católica. Os protestantes, liderados pelas seitas pentecostais, o gradiente espiritismo-umbanda e os que se declaram sem religião são os beneficiários desse processo de transição religiosa (p. 24).

Nas últimas duas décadas, estes percentuais aumentam quando comparados aos anteriores. O quadro abaixo contribui para visualizar esta realidade.

Tabela 1 – Religiões no Brasil de 1940 a 2010

Religião	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Católicos	95,2	93,7	93,1	91,1	89,2	83,3	73,8	64,6
Evangélicos	2,6	3,4	4,0	5,8	6,6	9,0	15,4	22,2
Outras Religiões	1,9	2,4	2,4	2,3	2,5	2,9	3,5	2,7
Sem religião	0,2	0,5	0,5	0,8	1,6	4,8	7,3	8,0
Total (*)	100,0%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

(*) Não inclui religião não declarada e não determinada.

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1940-2010.

Em relação aos trabalhos de Camargo (1970, 1973), um dado é novo, quando comparado aos dois últimos censos: a diminuição dos adeptos das religiões afro-brasileiras, especificamente da Umbanda. Esta por reunir as três fontes básicas da cultura brasileira: o catolicismo, advindo da colonização europeia, tradições religiosas dos negros e símbolos, ritos e espíritos de inspiração indígena, constituía-se em religião destinada a se instalar em todo o país (PIERUCCI, 2004; PRANDI, 2012). Os dois últimos censos registram o mesmo percentual: 0,3%. A tabela abaixo construída por Prandi (2012), um dos estudiosos do Candomblé e da Umbanda, com base em dados dos censos, possibilita uma melhor visualização deste fenômeno.

Tabela 2 – Religiões no Brasil de 1980 a 2010

Religião	1980	1991	2000	2010
Católicos	89,2	83,3	73,7	64,6
Evangélicos	6,6	9,0	15,4	22,2
Espíritas	0,7	1,1	1,4	2,0
Afro-brasileiros	0,6	0,4	0,3	0,3
Outras Religiões	1,3	1,4	1,8	2,9
Sem religião	1,6	4,8	7,4	8,0
Total (*)	100%	100%	100%	100%

(*) Não inclui religião não declarada e não determinada.

Fonte: IBGE, Censos Demográficos (apud PRANDI, 2012).

A categoria religiões afro-brasileiras aparece pela primeira vez no censo de 1980. Os censos de 1991, 2000 e 2010 trazem dados separados para a Umbanda e o Candomblé⁸. Quando considerado o universo particular das religiões afro-brasileiras, Prandi (2012), afirma haver um crescimento do candomblé (cerca de 107 mil em 1991 e mais de 180 mil em 2010) e uma diminuição da umbanda (542 mil declarados em 1991 e 407 mil em 2010).

Quanto aos dados do censo de 2010 correspondentes ao contingente evangélico (22,2%, dos quais 13,3% são pentecostais), Mattos (2012), estudioso do fenômeno pentecostal em solo brasileiro, adverte cautela na leitura e interpretação dos dados. Um dos fatos mais importantes refletidos no último censo é a diminuição do ritmo de crescimento dos evangélicos na última década, quando comparados a percentuais da década anterior. De 1991 a 2000, os evangélicos em geral cresceram cerca de 120%; na década de 2001 a 2010, este crescimento foi de aproximadamente 62%.

⁸ Este reúne as chamadas religiões afro-brasileiras tradicionais: candomblé, xangô, tambor de mina, batuque (PRANDI, 2012).

A Assembleia de Deus é a igreja que mais cresceu entre 2000 a 2010, passando de 8,4 milhões para 12,3 milhões de fiéis. Já os evangélicos de missão (luteranos, presbiterianos, metodistas, batistas, etc.) apresentaram um decréscimo de 4,1% (IBGE, 2000) para 4% (IBGE, 2001). O novo censo revela um aumento do número de espíritas (2,0) e da categoria sem religião (8%).

A distribuição dos grupos de religião por regiões revelou uma maior concentração de católicos nas regiões Nordeste (72,2%) e Sul (70,1%), um contingente maior de evangélicos no Norte (28,5%) e Sudeste (24,6%), de espíritas no Sudeste (3,1%) e Sul (2%). A categoria sem religião é maior no Sudeste (9%) e Centro-Oeste (8,4%) e as religiões de matriz afro – candomblé e umbanda – no sul (0,6%) e sudeste (0,4%).

A distribuição de renda mensal domiciliar per capita identificou o grupo dos evangélicos pentecostais como o grupo de maior concentração na faixa até 1 salário mínimo (63,7%) e no outro extremo, os espíritas com o maior percentual de concentração para o rendimento acima de 5 salários mínimos (19,7%).

Tabela 3 – Renda per capita por religião

Classes de rendimento nominal mensal domiciliar <i>per capita</i> (salário mínimo) (1)	Distribuição percentual de pessoas de 10 anos ou mais de idade residentes em domicílios particulares permanentes, por grupos de religião (%)							
	Católica Apóstolica Romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiosidades	Sem religião
		De Missão	De Origem Pentecostal	Não determinada				
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Até 1/8	5,0	2,3	3,8	2,1	0,4	1,7	2,6	4,4
Mais de 1/8 a 1/4	6,7	4,2	7,0	4,7	1,2	4,1	4,5	7,3
Mais de 1/4 a 1/2	17,0	14,2	20,5	15,9	5,1	13,2	14,2	19,6
Mais de 1/2 a 1	27,1	27,5	32,3	29,7	15,0	24,8	26,8	27,9
Mais de 1 a 2	22,4	27,1	22,5	26,0	24,9	26,3	25,0	19,6
Mais de 2 a 3	7,5	9,6	5,5	8,1	15,0	10,3	8,8	5,9
Mais de 3 a 5	5,5	7,0	3,0	5,5	15,7	8,4	6,6	4,5
Mais de 5 a 10	3,6	4,0	1,2	3,0	13,2	4,9	4,7	3,4
Mais de 10	1,7	1,6	0,4	1,1	6,5	2,2	2,5	2,1
Sem rendimento (2)	3,4	2,6	3,7	3,9	2,8	4,1	4,2	5,2

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

(1) Salário mínimo utilizado: R\$510,00. (2) Inclusive os domicílios com rendimento domiciliar *per capita* somente em benefícios.

No concerne ao recorte cor ou raça, o censo revela que o maior percentual de brancos encontra-se entre os espíritas (68,7%), de negros no candomblé e na umbanda (21,1%), de amarelos em outras religiosidades (3,1%), os pardos no grupo evangélicos pentecostais (48,9%) e os indígenas, em outras religiosidades (1,3%).

Tabela 4- Cor declarada dos grupos religiosos no Brasil

Religião	Branços	Pretos	Pardos	Amarelos	Indígenas	Total
Católica	48,8%	6,8%	43,0%	1,0%	0,3%	100%
Evangélicos	44,6%	8,2%	43,7%	1,0%	0,5%	100%
Evang. Históricas	51,6 %	6,9%	45,7%	1,0%	0,7%	100%
Evang. Pentecostais	41,3%	8,5%	39,8%	0,9%	0,5%	100%
Espírita	68,7%	6,6%	23,4%	1,0%	0,2%	100%
Afro-brasilerias	47,1%	21,1%	30,8%	0,6%	0,4%	100%
Outras religiosidades	47,9%	8,5%	39,3%	3,1%	1,3%	100%
Sem religião	39,6%	11,1%	47,1%	1,5%	0,8%	100%

Fonte: IBGE, 2010.

Embora não seja o foco deste trabalho, questionamentos surgem frente aos dados do novo censo: Se a Bahia é o Estado de maior concentração de negros da federação brasileira, quais fatores estarão subjacentes a uma maior concentração de adeptos das religiões de matriz africana, no sul e sudeste? A maior concentração de negros está no Candomblé e na Umbanda, o que comumente se esperaria, porém, 21,1% não configuram um percentual pequeno quando considerado a origem de tais religiões provindas de escravos e descendentes? Sem adentrar nestas questões, elas fazem pensar e podem refletir diretamente no cotidiano, no modo de ser e estar da pessoa negra.

Os dados revelados pelo Censo de 2010 podem ser analisados a partir de diversas óticas interpretativas. Diferente do passado em que o cristianismo assumia a fisionomia em sua quase totalidade católica, constata-se a permanência do referencial cristão na sociedade brasileira, hoje mesclado pela vertente pentecostal. Se o cristianismo perdura, o que muda na dinâmica religiosa? Frente ao pequeno contingente de concentração de adeptos nas religiões de matriz africana e indígena, é possível dizer que o Brasil é um país com diversidade religiosa? O que dizer da emergência de inúmeras igrejas em solo brasileiro?

Prandi (2004, 2012), destaca que diferente das décadas de 1950 e 1970, em que o âmbito religioso era marcado pela formação de pequenas comunidades onde todos se conheciam e se relacionavam, recriando simbolicamente relações comunitárias que o avanço da industrialização e da urbanização ia rompendo, a partir de 1980, o caráter típico da religião é a de massa. Atualmente, os cultos evangélicos são desenvolvidos em amplos templos, localizados em espaços de grande fluxo de pessoas, não mais necessariamente as pessoas se conhecem e se relacionam, sendo ainda oferecidos no rádio e na televisão, com discurso simples e fácil. Na renovação carismática católica, presentificam-se os grandes episódios das missas dançantes celebradas por padres cantores (Ibdi.).

Igrejas pentecostais adotam a teologia da prosperidade que as aproxima das sociedades de consumo e das expectativas momentâneas das pessoas, proporcionando ofertas mais afinadas com os tempos atuais, ou seja, respostas rápidas às necessidades de ordem física, emocional e financeira (PRANDI, 2012). Diferente do caráter de organização empresarial que acompanha as igrejas evangélicas, que aplicam técnicas de marketing, treinam pastores para a expansão e prosperidade material das instituições, investem em canais de televisão e rádio, as religiões afro-brasileiras ligadas à tradição, são de pequenos grupos, cujos rituais iniciáticos nem sempre são abertos à participação de outras pessoas, nem divulgados em meios televisivos, aspectos que segundo Prandi (2012), as tornam pouco competitivas num mercado religioso que muda muito. Acresce-se a isso, a guerra aberta declarada às religiões afro-brasileiras por parte dos pentecostais, que motivados pela concepção de

que o demônio se personifica nos orixás – entidades e guias espirituais daquelas religiões – deve ser combatido a cada instante.

Em perspectiva semelhante, Pierucci (2004-b), ao analisar o declínio das religiões tradicionais do Catolicismo, Protestantismo Histórico e Umbanda, já evidente no censo de 2000, destaca que estas perdem adeptos às Igrejas Pentecostais e Neopentecostais pelo fato de terem se atualizado menos em termos de organização empresarial interna, em métodos de administração e expansão, desenvolvidos para a satisfação de necessidades subjetivas no aqui e agora. Pontua que diferente da atuação das religiões que durante milênios se preocuparam em orientar a conduta das pessoas, contribuindo para que estas tivessem condições para racionalizar seu cotidiano no sentido de saber o porquê empreendiam determinado ato, há no cenário atual uma grande oferta religiosa voltada para a satisfação de diferentes necessidades. Afirma ele haver um deslocamento daquilo que o Protestantismo Histórico dos séculos XVI e XVII denominou de ética - a orientação do comportamento mediante a internalização de normas e valores, o que possibilitava a formação de personalidades constantes e coerentes aos princípios aprendidos - para a satisfação de necessidades privadas.

A nosso ver, o deslocamento ético pontuado por Pierucci (2004-b), inscreve-se num debate mais amplo: o embate da matriz iluminista que engendrou a modernidade e a matriz cristã. Com o advento da modernidade, a razão até então empreendida como busca da verdade, movendo-se no horizonte de encontrar respostas aos diferentes dramas da existência humana, passa a restringir seu raio de ação, assumindo um caráter instrumental, a serviço do mercado e do lucro (PETRINI, 2003). O caráter instrumental parece perpassar a abundância das possibilidades ofertadas atualmente pelo mercado religioso: promete-se uma solução para problemas do aqui e agora, sendo a preocupação primeira não mais, conforme Pierucci (2004-b), a orientação de uma conduta alicerçada em princípios e valores éticos, incluindo questões sociais, na responsabilidade de serem transmitidos às futuras gerações. Diferente do passado, cuja ênfase da religião voltava-se para encontrar o sentido às questões últimas: De onde vim? Para onde vou? Qual o sentido da vida, do sofrimento, da morte? Parece

ocorrer nos tempos hodiernos, especificamente na atuação das igrejas neopentecostais, uma concentração nos meios: busca de alívio para questões de ordem pessoal cuja ênfase é o momento presente.

O Neopentecostalismo difunde a prosperidade financeira, articulando-a como realização mais desejada e buscada pelo fiel. Segundo Silva (2006), nesta vertente religiosa o dinheiro é uma forma expressiva de fé, uma ferramenta de Deus, concebido como algo natural, instrumental e como auxílio que, posto nas mãos humanas, serve para enfrentar as dificuldades e dramas da existência. Apresenta uma dimensão simbólica que atua eficazmente sobre a realidade social: o dízimo é apresentado como precondição espiritual, pois faz o fiel pensar sobre sua confiança na Igreja e, sobretudo, em Deus. O dinheiro é elemento prioritário de doação. A ideia de associar *dar*, *dinheiro* e *Deus* configura-se em “síntese que busca resolver toda a diversidade de coisas e contradições do mundo presente, quando se faz disso unidade absoluta e referência de sentido” (Ibid., p., 105). Para o autor, o que distingue a espiritualidade – relação da pessoa com Deus – neopentecostal das outras cristãs é o fato de ela se expressar mediante a concepção do dinheiro como ferramenta de Deus, que forja a identidade do fiel, imprimindo nele a consciência que dar é mais importante que receber, incluindo a noção de que tal espiritualidade tem forças para abrir a porta do Céu, derramando bênçãos em abundância.

Tendo como foco o dinheiro, a construção de relações interpessoais fica relegada a um segundo plano nas igrejas neopentecostais. Acerca dessa realidade, Priscila, fiel da Igreja Batista que no passado pertencia a uma dessas igrejas, comenta:

Estou na Igreja Batista há 28 anos. Comecei na Universal. Eu saí da Universal porque eu não estava aprendendo [a Palavra]. Eu tinha muitas dúvidas e parei de ir pra lá, deixei... A Igreja Batista é uma igreja muito amiga. Ela ajuda muito a gente. Além de tirar as dúvidas, também colabora com a gente no que a gente precisar, se tiver necessidade, ela coopera com a gente, ela ajuda. ***Se sentir falta procura a gente.*** É uma igreja assim muito boa e a gente aprende muito porque ***ela também não deixa as pessoas sós.*** Desde o dia em que a gente começa lá, ela sempre está com a gente, em todos os momentos de doença, de alegria, nós estamos sempre juntos. Nos finais de ano, estamos sempre juntos reunidos ali em amigo secreto. É muito bom. A Igreja Batista é isso, ela é muito avante, muito animada e nos leva a aprender e viver em harmonia uns com os outros. Visitamos uns aos outros também, não só a igreja, mas os componentes todos, a gente se distribui, a gente vai visitar, vai saber o que as pessoas estão

necessitando pra ajudar. Se tem desempregado, a igreja ajuda, paga recibo de água, de luz, de alimentação, no que precisar.... Lá não tinha isso não. Lá é pra cantar, todo o mundo está junto naquela hora ali. Saiu dali, ninguém mais conhece ninguém. ***Ninguém tem intimidade com ninguém. Ninguém sabe onde ninguém mora.*** Não tem aquela comunhão, porque a Batista tem comunhão, nós temos comunhão uns com os outros, além de estarmos juntos ali, a gente sente falta um do outro e vai se visitar. Mas, lá não, na outra não. Lá é só naquele dia, saiu dali, acabou, pronto (62 anos, em 28/06/2014, grifos nossos).

No relato, transparecem aspectos característicos da dinâmica neopentecostal: a ênfase na vivência do momento presente, sem se preocupar com a construção de vínculos mediante os quais as pessoas se aproximem, se conheçam e se comprometam com a realidade cotidiana uma da outra. Para a fiel, não é suficiente um encontro pontual regido pela lógica do aqui e agora, sua busca se move na dimensão do tecer laços que perdurem no tempo e possibilitem a comunhão com a vida das pessoas que fazem parte da mesma comunidade de fé.

A mudança na dinâmica religiosa apontada por Prandi (2004, 2012), que a partir da década de 1980 começa a assumir um caráter de massa, é acompanhada pelos trabalhos na área da Sociologia. Estudos da década de 1970 e 1980, como os de Camargo (1971), Petrini (1984) e Brandão (1986), retratam o recorte da religião no que diz respeito à convivência de pequenos grupos e/ou comunidades, em seus aspectos de resistência, construção de vínculos, solidariedade. Investigações das últimas duas décadas retratam aspectos relacionados à subjetividade e transição dos membros em diferentes igrejas e/ou religiões (NEGRÃO, 2008), da pluralidade de ofertas que acompanham o cenário brasileiro (BRANDÃO, 2004), dos efeitos da presença das igrejas pentecostais e neopentecostais para o candomblé e a umbanda (PRANDI, 2012).

No que tange ao recorte geográfico da pesquisa em questão, identifica-se que a mudança pontuada por Prandi (2004, 2012), também pode ser acompanhada na dinâmica religiosa do bairro George Américo. Desde a origem do bairro até os dias atuais, a religião marca forte presença na vida das pessoas e foi apresentando tonalidades diversificadas ao longo dos seus 27 anos de existência, conforme abordado a seguir.

1.2 A presença da religião no bairro George Américo da ocupação...

O George Américo é um dos bairros periféricos de Feira de Santana – BA. No que diz respeito à geografia de Feira de Santana, o anel de contorno constitui-se em limite, tudo o que se forma às margens, ou seja, na parte externa da avenida de contorno é designado de bairros periféricos (FREITAS, 1998), conforme pode ser visualizado no mapa abaixo.

Imagem 1 - Mapa da cidade de Feira de Santana, cujo anel de contorno demarca a separação do centro da periferia.



Fonte: <http://www.uefs.br/erbase2004/documentos/MapaFeira.pdf>.

Embora, tenha sido fruto de uma ocupação aleatória⁹, caracteriza-se numa produção popular planejada de espaços urbanos (CALDAS, 1998). Por este motivo,

⁹ "Aleatório quer dizer à revelia dos padrões oficiais de aquisição da terra urbana" (CALDAS, 1998, p. 04).

esse local não apresenta o caráter irregular, espontâneo e desorganizado de outros espaços urbanos produzidos aleatoriamente.

O bairro é resultado da ação conjunta de um elemento técnico (escritório de engenharia e Topografia TOP-COP), um elemento político (exercício de uma liderança) e de dois movimentos sociais, a saber, da Associação dos Sem-Teto¹⁰ e do Movimento de Organização Comunitária¹¹. Tais entidades participaram desde a elaboração do projeto de loteamento, que consistiu no planejamento antecipado deste espaço, até o momento da ocupação. A ação conjunta demarcou a área, dividiu-a em lotes iguais, localizou as ruas e permitiu que cada família cadastrada recebesse igualmente um lote; procedimento esse que “evitou que essa ocupação se transformasse na maior favela de Feira de Santana” (CALDAS, 1998, p. 108).

A gente fez a inscrição num escritorzinho que tinha ali no caminho da cidade nova. Eu me inscrevi e eu me lembro que eu paguei, não era rela, era 50 mil réis. E ali eu fiz a inscrição, fiquei com um papelzinho assim na mão e ele [alguém do escritório] dizia que ia invadir um lugar, mas nós não sabia onde era, não falava que era aqui, que ia ter uma invasão, mas **a gente não sabia onde era o local**. E ali eu ficava constante, **ia direto lá procurando saber**, ele mandava levar mais gente pra se inscrever e **depois da inscrição toda pronta, aí ele marcou o dia pra gente ir todo mundo lá pra Vila Olímpica, na frente do São Jorge**. Minha filha foi gente, viu (Ana, 64 anos, depoente da Igreja Assembleia de Deus, 02/07/2014, grifos nossos).

No relato de Ana, evidências dessa ação planejada. Transparece ainda a realidade daqueles e daquelas que aderiram ao movimento: quando se tem a necessidade de um pedaço de chão para fixar moradia, mesmo não se sabendo qual é o lugar destinado, arrisca-se a vida e integra-se o grupo, somam-se forças.

A ocupação do atual bairro George Américo aconteceu em 28 de novembro de 1987.

¹⁰ Fundada por George Américo na década de 80, com os seguintes objetivos: “invadir áreas próximas a bairros já urbanizados; mobilizar formadores de opinião e instituições; sensibilizar a imprensa e a população; buscar apoio político partidário; envolver grande número de participantes/ocupantes; transformar a ocupação em um ato político; planejar a ocupação antecipadamente” (CALDAS, 1998, p 120). Atualmente, embora ainda perdure, o movimento já não existe mais com tanta capacidade de organização e mobilização em Feira de Santana mesmo persistindo o déficit habitacional na cidade (Ibid.).

¹¹ Fundado em 1967, a partir do trabalho social da Igreja Católica. Sediada em Feira de Santana, constitui-se em entidade sem fins lucrativos que presta assessoria a movimentos sociais na cidade e na região.

**Foto 1: Manchete de capa do Jornal Feira Hoje, 29/11/1987.
A maior invasão da cidade foi programada antecipadamente**



Fonte: Acervo da biblioteca da ESPA

Aproximadamente cinco mil pessoas munidas de picaretas, pás, enxadas e outros utensílios, invadiram, ontem, uma área onde funcionava o antigo campo de aviação, no bairro Campo Limpo, lideradas pelo presidente da Associação dos Sem-Teto, George Américo, que já havia antecipado a maior invasão da cidade (Manchete de capa do Jornal Feira Hoje, 29/11/1987).

Crianças, idosos, mulheres, jovens, trabalhadores, desempregados e funcionários públicos municipais concentravam-se desde as cinco horas da manhã daquele sábado, em diferentes pontos da cidade, antecipadamente escolhidos, procedimento que se configurou em estratégia utilizada pelo movimento para despistar a ação da polícia. Chegando ao local, os manifestantes hastearam a bandeira e cantaram o hino nacional. Implantou-se a seguir, no espaço vazio o acampamento provisório (SANTOS, 2010).

Em sua investigação acerca da caminhada das comunidades eclesiais de base em Feira de Santana no período de 1980 a 2000, Santos (2010) identifica mediante

fontes orais¹² e escritas¹³, a presença da igreja católica, no acompanhamento da ocupação e formação do bairro.

... as CEBs do Campo Limpo desde o início da ocupação estavam indo fazer visitas ao local e não somente depois do movimento organizado. Afirma dona Maria Souza, depois que alguns membros das comunidades foram na ocupação levar água, roupas, sopa e outros utensílios, o próprio George Américo foi procurar o apoio da Instituição Católica, pois, era muita gente para ele acompanhar e orientar (Ibid., p. 81).

Na época da ocupação, o terreno se circunscrevia à abrangência de atuação pastoral da Paróquia Senhor do Bonfim, bairro Cruzeiro. No livro *Tombo* (1987) – documento comumente escrito pelo pároco, cuja função é relatar o cotidiano da paróquia e as atividades significativas de um dado período - encontra-se o seguinte relato feito por Padre Fausto Franco Martinez, então pároco: “George Américo Mascarenhas, conhecido como ‘rei das invasões’ encabeçou uma multidão (...) os ocupantes pedem apoio pessoal das comunidades do Campo Limpo. Começa um trabalho de acompanhamento neste lugar” (p. 43).

Maria Theresia Seewer (Irmã Marcela)¹⁴, na época religiosa da Congregação das Irmãs da Santa Cruz e uma das organizadoras das CEBs na Diocese de Feira de Santana, residia nesse período no Campo Limpo.

Cheguei no ano 1981 aqui no Campo Limpo, falei com Dom Silvério que eu queria viver no meio do povo... O bairro do Campo Limpo era um bairro com uma má fama. Quase todas as pessoas chegaram da área rural, e o bairro foi crescendo. Juntamos as pessoas para se entrosarem, se conhecerem. A maioria era católica. Nasceram as primeiras comunidades. No Ponto 12, hoje chamado Comunidade de São José Operário, e no Ponto 20, hoje chamado de

¹² A autora entrevistou 13 membros das CEBs que residiram ou ainda residem na cidade: um pároco, uma religiosa (freira, hoje já falecida), uma ex-religiosa (freira), um coordenador do Conselho Diocesano de Leigos, um participante da organização direta das CEBs, o fundador do MOC, uma leiga residente no bairro e participante da ocupação, um diácono permanente, um professor que fora assessor das CEBs no Regional Nordeste II – organização da CNBB que compreende Bahia e Sergipe -, uma leiga das CEBs do Campo Limpo integrante da comissão que acompanhou a ocupação e legalização das terras do George Américo, uma leiga coordenadora por muitos anos das CEBs ao nível diocesano e que foi membro da Associação de Moradores do bairro Campo Limpo e adjacências, uma leiga que foi membro da Associação de Moradores do bairro CASEB, a coordenadora diocesana das CEBs em 2010.

¹³ A autora cita o trabalho de Caldas (1998).

¹⁴ Irmã Marcela nos autorizou colocar seu nome no trabalho, por ocasião do momento em que fez memória da ocupação do atual bairro George Américo ao grupo e funcionários da ESPA - espaço que coordena e onde são desenvolvidos trabalhos de saúde alternativa e educação popular – e à pesquisadora em 18/07/2014.

Comunidade São Pedro. Fundamos uma Associação de moradores – AMBACLA – em função de cuidar e melhorar o bairro (18/07/2014) ¹⁵.

Sobre a ocupação do antigo campo de aviação, a qual acompanhou, Irmã Marcela destaca:

Poucos dias depois, George veio à minha casa, pedindo socorro porque não aguentava mais. Pedi dois dias para pensar como achar outras ajudas, porque uma andorinha só não faz verão. Então pedi ajuda às Comunidades do Campo Limpo, e à Associação AMBACLA, que se colocaram à disposição. Escolhemos 10 pessoas como representantes das Comunidades e da AMBACLA, e pedimos a George que escolhesse 10 representantes da Ocupação. (Ibid.).

Nasceu assim uma comissão que se reunia constantemente para acompanhar e planejar os trabalhos na ocupação.

Ficamos nessa comissão organizando tudo, todas as coisas que vinham a comissão era que decidia pra resolver. Aí formamos essa comissão e ficamos trabalhando e trabalhamos até o George ficar completo. Nós saía daqui que horas? Nós saía daqui até 12 horas da noite, aí dentro, Marcela e a turma nossa, Marcela, Padre Fausto também. A gente tinha uma coragem que Jesus dava a gente com esse povo todo estranho e com essa ameaça que já tinha do prefeito, muitas ameaças, mas nós já tinha a nossa comissão firme e a gente tinha reunião direto pra se segurar, lá em São José Operário, lá na igreja. Essa comissão certa, a gente se reunia para discutir o que ia fazer (Marta, 74 anos, depoente da Igreja Católica em 06/07/14) ¹⁶.

Alguns critérios acompanhavam a comissão. Para dela fazer parte, a pessoa precisaria “Saber trabalhar unida com os outros, e não sozinha; Saber que é um serviço gratuito de amor e dedicação; Ser alguém que não esteja a serviço de políticos, mas ao serviço do povo da ocupação; Ser alguém que não já tinha criado atrapalhão com troca e venda de terrenos” (Irmã Marcela, em 18/07/2014).

Esta comissão elaborou em 11 de dezembro de 1987, uma carta solicitando apoio e ajuda material, especificamente para alimentação e construção das casas. Esta se dirigia às lideranças da Igreja Católica e outras Igrejas Cristãs, Associações e Movimentos.

¹⁵ Palavras proferidas por Irmã Marcela em 18/07/2014.

¹⁶ Membro das CEBs do bairro Campo Limpo e integrante da comissão que acompanhou a ocupação e a legalização da terra no bairro George Américo.

Foto 2 – Cópia da carta elaborada pela comissão em 11/12/1987

Feira de Santana, 11 de Dezembro de 1987

Ao Senhor Bispo: d. Silvério Albuquerque,
 Aos Vigários e Sacerdotes,
 As Religiosas,
 As Comunidades, Movimentos e Associações religiosas da Diocese,
 Aos Pastores e Irmãos de outras Igrejas cristãs:

Nós homens, mulheres, jovens e crianças de várias Comunidades cristãs da cidade (São José Operário, São Pedro...) estamos vivendo uma situação extrema: sem salário ou com um salário de fome, sem casa e pagando aluguel, por um quartinho, 2'000,00 Cruzados ou mais. Não vemos condições de sair deste sofrimento.

Encontramos uma oportunidade de resolver em parte este problema ocupando os terrenos do antigo C^ompo de Aviação. Porque ocupamos esta terra? Era uma terra abandonada, cheia de mato, já há tempo sem aproveitamento.

Conseguir um terreno para morar significa para nós a esperança de viver com dignidade que é o primeiro direito de todo cidadão brasileiro. Como cristãos sentimos que este direito nascido da própria dignidade humana, coincide plenamente com aquilo que Deus Pai está querendo e Jesus nos ensina no Evangelho.

E' por isso que vimos pedir a todos vocês apoio e ajuda para defender a posse e permanecer nesta terra, e a solidariedade em todos tempo para construir as nossas casas.

Desta maneira vocês estão colaborando para que a violência e a marginalidade não tomam conta da cidade. Estarão nos ajudando a sair de umas condições de vida que por si mesmas geram criminalidade.

Aproximando-nos do Natal, o Nascimento de Cristo, não podemos deixar de lembrar a Cena que nos apresenta o Evangelho: Maria e José na cidade de Belém a procura de uma casa e sem serem acolhidos...

Agradecemos a acolhida!
 Fraternalmente

Comunidades de: São José Operário, São Pedro Apostolo,
 São Francisco, Rua Nova, Mangabeira,
 Parque Brasil, São Roque-Pampalona e os
 de mais...

Fonte: Acervo da biblioteca da ESPA.

Constata-se, mediante conteúdo da carta, que grande parte das pessoas participantes da ocupação pertenciam a bairros periféricos da cidade: Campo Limpo

(São José Operário e São Pedro Apóstolo), e adjacências: Gabriela (São Francisco), Pampalona, Rua Nova, Mangabeira, viviam em condições de extrema vulnerabilidade e pobreza, sem casa, sem salário ou com salário de fome, pagando aluguel. A resposta do bispo, Dom Silvério e do clero feirense veio logo.

Foto 3 – Cópia da carta resposta elaborada pelo bispo, Dom Silvério e padres integrantes do clero da Diocese de Feira de Santana em 16/12/1987. Acervo da ESPA.

4
 AS AUTORIDADES MUNICIPAIS, A TODAS AS PESSOAS DE BOA VONTADE E AOS CRISTÃOS DE FEIRA DE SANTANA.

Durante os últimos quinze dias, estamos seguindo atentamente e com preocupação, os acontecimentos sobre a ocupação das terras do antigo campo de aviação, onde milhares de pessoas, para construir suas casas, já limparam o matagal existente e demarcaram os lotes.

Primeiramente, queremos dizer que com esta declaração não estamos legitimando qualquer tipo de invasões a propriedades particulares. Mas, como é do conhecimento geral, o problema de moradia afeta a milhares de famílias nesta cidade e em outras como esta.

Eis aqui a razão, assim cremos, pela qual milhares de pessoas partiram para ocupar as terras do antigo campo de aviação, pois que já passaram por situações desumanas devido a eles não terem casa própria.

Tanto a Sagrada Bíblia quanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos, reconhecem e defendem o direito das pessoas terem habitação. O livro do Eclesiástico diz o seguinte: "Eis o fundamental para se viver: água, pão, roupa e casa para resguardar a própria intimidade". (Ecl. 19, 21) E o artigo 25 da Declaração dos Direitos Humanos, como que secundando a Bíblia, afirma: "Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário e habitação ..."

A nós, Bispo, Padres e Religiosos da Diocese, olhando para o conjunto da situação, parece-nos quase evidente que os terrenos do antigo campo de aviação não poderiam ter um destino melhor do que servir para dar teto a todas estas famílias.

Assim, apelamos para o sentimento humano e cristão do Excmo. Sr. Prefeito, Dr. José Falcão, e demais autoridades do Município, no sentido de que procurem a devida solução para tão crucial problema, evitando que, se possível, estas famílias sejam arrancadas dos terrenos ocupados. E acreditamos, além disso, que as autoridades estarão dispostas a dar os passos necessários para que todo este povo possa construir uma morada digna.

Que este nosso apelo chegue também a todas as pessoas de boa vontade, para que, sentindo-se chamadas a serem solidárias, ajudem com gestos concretos a estes nossos irmãos.

E por estarmos vivendo o tempo santo de Natal, a nossa palavra faça com que os cristãos também reconheçam, nestas famílias do antigo campo de aviação, a família de Nazaré em busca de um lugar para morar.

Que as palavras de Cristo "Eu era peregrino e não me acolhestes" não caiam sobre nós por não tê-lo descoberto nos irmãos carentes de moradia.

Feira de Santana, 16 de dezembro de 1987

Assinam: Dom Silvério Albuquerque -

Bispo Diocesano

Mons. Renato de Andrade Galvão
 Pe. Avelino Lopez Brugos
 Pe. Castor Mari Martín Bartolomé Ruiz
 Pe. Fausto Franco Martínez
 Pe. Francisco João Magalhães Dalto
 Pe. Gerard Lafume
 Pe. João Pereira da Silva
 Pe. José Abel Carvalho Pinheiro
 Pe. José Euson Santana Oliveira
 Pe. José Nery de Almeida
 Pe. José Waldir de Souza

Pe. Aldemar Melo Santos
 Pe. Livio Piccolin
 Pe. Manuel Ruiz Oñate
 Pe. Antonio Gasparini
 Pe. Caetano Cacchele
 Pe. José Antonio dos Reis
 Pe. Osvaldo de Oliveira Pinto
 Fr. José Monteiro
 Er. Carlos André
 Fr. Orlando Bittencourt
 Diac. Lúcio Eusébio dos Santos

A finalidade da carta elaborada pela comissão era mobilizar mais pessoas para conhecerem a realidade e necessidades presentes no cotidiano da ocupação, bem como incentivar a solidariedade entre a comunidade feirense. A resposta dos cristãos católicos à carta foi positiva. Conforme Irmã Marcela, a comissão recebeu várias doações: água, comida, leite, pão, roupa, material de construção. Foi necessário organizar diversas comissões para que tais ajudas chegassem a todos¹⁷.

Fez-se um levantamento das pessoas com maior dificuldade financeira para construir a própria casa, a fim de que deixassem o seu barraco.

Eles fazia uma pesquisa, via as condição da pessoa. Eu, no meu caso mesmo, eu perdi o meu esposo, eu não trabalhava, e tava morando de barraco, então a minha vizinha já tinha recebido e ela me indicou pra irmã Marcela e a irmã Marcela foi na minha casa, **viu as minhas condições e me inscreveu**, aí eu recebi (Rute, depoente da Assembleia de Deus, 48 anos, em 28/06/2014, grifos nossos).

Eles tinham um projeto de construir as casas, era uma forma de ajudar as pessoas. Aí vinha uma equipe, fazia um mutirão e fazia 2 vãos, 3 vãos, mais ou menos: um quarto, a cozinha e o banheiro. Fizeram diversas casas aqui no George Américo. Fizeram muitas casas mesmo, as pessoas que não tinham condições se cadastravam. **Eles vinham faziam o mutirão**, levantavam e davam o contra piso vermelho e as pessoas vinham e entravam pra dentro da casa feliz. Acho que tem gente até hoje que tem essa casa por aí (Marcos, 38 anos, depoente da Batista Manancial, em 20/06/2014, grifos nossos).

A construção destas casas foi feita em mutirão pelos próprios ocupantes do terreno, motivados e acompanhados pela comissão. As pessoas se ajudavam no que podiam e sabiam: serviço de pedreiro, servente de pedreiro e preparação da refeição que era partilhada ao término do trabalho. Ainda hoje algumas dessas casas, chamadas casas da comunidade, são encontradas no bairro entre as famílias que não tiveram condições de aperfeiçoar ou melhorar sua habitação.

A solidariedade para a construção das 100 casas feitas em mutirão também veio da partilha de pessoas pobres da Suíça, terra natal de Irmã Marcela. Por ocasião da morte de seu pai, a família motivou que ao invés de flores para o funeral se fizesse uma doação em dinheiro para a construção das casas da ocupação. Assim se expressa uma

¹⁷ Memória da ocupação do atual bairro George Américo, 18/07/2014.

das depoentes católicas que participou do mutirão e recebeu uma dessas casas: “Teve um movimento aqui principalmente de Irmã Marcela, faleceu um parente dela e ela pediu para nesse velório não aparecer pessoas com outras coisas a não ser com uma doação para construir essas casinhas que foram feitas. **Foi uma felicidade nossa, tirar nós do barraco**” (Marina, em 29/06/2014, grifos nossos). Conseguir uma casa para morar, direito humano fundamental, instaura a alegria e confere dignidade à pessoa.

Foto 4: Casas da Comunidade, 1988



Fonte: Acervo da ESPA

Foto 5: Casas da Comunidade, 2014



A esta comissão de apoio vieram se juntar o MOC – Movimento de Organização Comunitária, que com os ocupantes construiu 100 cisternas; e os professores e estudantes do curso de Engenharia Civil e Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, particularmente, Marivalvo Barreto e Gerinaldo Costa¹⁸, que contribuíram significativamente no aspecto topográfico do espaço, a distribuição das ruas, a medição igualitária dos terrenos (8mx20m), cuja metragem permitisse a construção de casas dignas, o planejamento de áreas de lazer, como a praça, o campo de futebol e a feira.

¹⁸ Este engenheiro também é citado por Caldas (1998), quando fala da participação do Escritório de Engenharia e Topografia TOP-COP na ocupação do antigo campo de aviação.

Reuniões frequentes eram realizadas pela comissão em uma das capelas do Campo Limpo, São José Operário ou São Pedro Apóstolo, para estudar a situação e encaminhar os passos junto ao povo. Conforme Irmã Marcela (18/07/2014), a medição dos terrenos criou tensão entre alguns ocupantes, uma vez que alguns já haviam tomado posse de um pedaço maior de terra. Foi necessário diálogo e firmeza nos encaminhamentos para a distribuição igualitária dos lotes.

Procedimento importante da comissão foi a preparação das pessoas em prol da legalização da terra, uma vez que o então prefeito, José Falcão, ameaçou desocupar a área afirmando estar destinada à construção de casas populares, mediante convênio com o governo federal (Jornal Feira Hoje, 04/12/1987). Com base na memória contada por Irmã Marcela, e dos depoentes participantes desta investigação e da pesquisa de Santos (2010), a comissão organizou em parceria com outras entidades, uma caminhada com os ocupantes do terreno até a prefeitura para tentar negociações e efetivar a posse da terra. Depoentes relataram a participação de mais de três mil pessoas, o Jornal Feira Hoje que registrou o fato, noticiou a participação de mil pessoas (15/12/1987). Diante da constatação de que o representante político se negava a recebê-los, as pessoas num ato de protesto cantaram o Hino Nacional na porta da prefeitura. Na ausência do prefeito, o vice-prefeito recebeu uma equipe representando os manifestantes, no entanto, o encontro rápido não trouxe avanços nas negociações. Secretários da Segurança Pública e da Reforma Agrária foram enviados ao local e após dois dias, o Jornal Feira Hoje noticiou: “Governo do Estado desapropria área para doar aos invasores” (18/12/1987, p. 03).

Foto 6: : Reunião da comissão na capela São Pedro Apóstolo, bairro Campo Limpo. Jornal Feira Hoje, 06/01/1988.



Acervo da ESPA.

Foto 7: Passeata organizada pela comissão, Jornal Feira Hoje, 15/12/1987.



Cerca de mil invasores participaram da manifestação, que teve como ponto alto

Acervo da ESPA

Alcançada a posse da terra, novos pontos se fizeram necessários na pauta de discussão da comissão e das pessoas que moravam na ocupação, tais como: ônibus coletivo, unidade de saúde, escola, pavimentação das ruas, água, luz, esgoto. Cumpre destacar o significativo trabalho feito para substituir no vocabulário cotidiano a palavra invasão por **ocupação**. Para a comissão e moradores, não se invadiu nenhuma área de uso público, antes se ocupou um espaço inutilizado e desativado. Todavia, o Jornal Feira Hoje embora reconhecesse a disponibilidade do espaço, propagava as notícias mediante a palavra invasão, conforme pode ser observado no fragmento: “O povo está fazendo o favor de invadir esse terreno, que até 84 era um campo de aviação, mas agora virou um local de treinamento de tiros-ao-alvo por parte de ‘filhinhos de papai’ e à noite, virava um campo de ação de marginais” (01/12/87). As diferenças das nomenclaturas parecem ser um detalhe simples, porém expressam sentidos diferentes. Subjacente a sua articulação, parece estar o conflito de classes.

Durante a ocupação foram encontrados neste lugar “cobras, corpos de pessoas porque **aqui era um terreno baldio** então as pessoas faziam desova, era carro velho, dinheiro enterrado, bujões” (Marcos, 38 anos, depoente da igreja Batista Manancial em 20/06/2014, grifos nossos), “as pessoas faziam os assaltos e sabiam que era matagal, vinham e escondiam aqui, **quando voltavam não achavam, perdiam o lugar, por causa do tamanho do terreno**” (Débora, 60 anos, depoente da Igreja Católica em 23/05/2014, grifos nossos). Embora pertencesse à esfera pública, o espaço era inutilizado e configurava-se em disponibilidade.

Durante mais ou menos dez anos subsequentes à ocupação realizou-se a *Semana da Memória*¹⁹. Esta acontecia entre os dias que compreendia o 28 de novembro, compunha-se de alvoradas, caminhadas com os moradores pelas ruas do bairro acompanhadas de orações, visitas às casas e celebrações ecumênicas realizadas na praça, na Igreja Católica, ou em outros locais do bairro. Cada pessoa trazia algum alimento para ser partilhado com todos. Abaixo fotos de uma dessas

¹⁹ Não se sabe exatamente quantos anos após a ocupação celebrou-se a Semana da Memória, nem Irmã Marcela o soube situar exatamente no tempo. Chegamos a esta estimativa com base nos relatos da própria Irmã Marcela, de católicos colhidos, nas missas participadas, na observação em campo. Caldas (1988), que em seu trabalho sobre o bairro ainda cita como festejos locais a comemoração anual da ocupação feita pelas igrejas.

celebrações que contou com a participação das Igrejas Católica, Batista Manancial, Assembleia de Deus, Presbiteriana e Evangelho Quadrangular. Nestas, as CEBs do Campo Limpo encenam o relato bíblico do livro de Jó (foto 8) e sua atualização em meio ao trabalho de conscientização feito junto aos moradores para não venderem as suas casas, realidade presente naquele momento (foto 9).

Foto 8 – Encenação do livro de Jó



Foto 9 – Atualização do livro de Jó



Fonte: Acervo da ESPA

Fonte: Acervo da ESPA

Caldas (1998), em seu trabalho sobre a formação do bairro George Américo, destaca a relevante participação da Igreja Católica na busca e efetivação dos direitos que garantem a dignidade humana. “Na história do movimento organizado a Igreja Católica sempre desempenhou um papel ativo (de fé, social e político), despertando nos fiéis a necessidade de mobilizações interna, da reivindicação e da ação coletiva” (p. 149). Para Santos (2010), a participação das CEBs na ocupação foi de importância fundamental, pois das ocupações feitas por George Américo, “poucas foram continuadas e legalizadas, contudo, a do antigo Campo de Aviação o povo ocupou a terra e foram regularizadas” (p. 86).

Identificou-se também a atuação da igreja Batista Manancial e Assembleia de Deus nos momentos iniciais da ocupação.

Eu me lembro que a função principal da igreja no começo **não era nem pregar a Palavra**. A gente pregava a Palavra, a gente fazia estudos com as pessoas, líamos a bíblia com as pessoas que íamos visitar. **Mas o papel principal**, eu me lembro que do meu bolso quantas vezes eu trouxe para casa **receita de remédio, recibo de água, recibo de luz** porque as pessoas olhavam pra minha cara e diziam que eu era rica (Rebeca, 53 anos, depoente da Igreja Batista, residente na época e ainda hoje num bairro vizinho ao George Américo, em 24/06/2014, grifos nossos).

Como falar do pão da Palavra quando falta o pão material? No relato de Rebeca, percebe-se que, o papel primeiro da religião foi olhar e acolher a realidade tal como ela se apresentava. Suprir as necessidades materiais e anunciar o Evangelho, duas atitudes que se mesclam nos momentos iniciais da ocupação.

Nos momentos subsequentes à medição dos lotes, a igreja Batista distribuiu sopa aos moradores “As pessoas carentes estavam muito precisando desta sopa, **você via a carência nos olhos dessas pessoas**. Eu mesmo várias vezes vim buscar esta sopa” (João, 37 anos, depoente da Igreja Batista Manancial, em 23/06/2014, grifos nossos), e ofereceu gratuitamente durante uma semana na praça, um trabalho com uma equipe norte-americana “toda a população ia lá pra ser atendida pra corte de cabelo, exames médicos ou odontológicos, além do acompanhamento espiritual” (Ibid.). Nas palavras de João, a experiência da dor de ter pouco ou nada pra comer, e a presença solidária dos batistas que ao aproximarem-se da realidade local, suprimiram necessidades vitais dos ocupantes.

Pastor há vinte e cinco anos, dos quais cinco anos acompanha a Igreja Assembleia de Deus no Bairro George Américo, Tiago não participou da ocupação das antigas terras do campo de aviação, mas conta o que ouviu dos adeptos de sua igreja que participaram daquele movimento. Segundo ele, membros da Assembleia de Deus construíram “**uma casinha muito humilde**, os irmãos se reuniram, fizeram um cantinho, **uma salinha em que oravam**” (53 anos, depoente da Assembleia de Deus, residente no Sobradinho, bairro vizinho, em 15/07/2014, grifos nossos). Evidencia-se que a construção da igreja acompanhou o estilo das casas simples que aos poucos

foram sendo construídas, aspecto que manifesta uma inserção na realidade, na qual se orava para buscar forças para enfrentar o sofrimento cotidiano.

Relatos dos entrevistados expressam também a presença de outras denominações religiosas na ocupação: Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, Sinos de Belém, Candomblé, todavia sem saber destacar a atuação das mesmas.

A presença da religião na ocupação e acompanhamento do atual bairro George Américo trouxe alento, solidariedade e humanidade às pessoas.

quando a gente entrava em algum lugar fora e dizia que era do George o povo já olhava pra gente com medo. Era horrível, era horrível. **A gente se sentia muito oprimido. A gente precisava de uma esperança**, a gente precisava de algo que dissesse pra gente: **“Vocês tem valor”** e a religião trouxe isso pra gente (João, depoente da igreja Batista Manancial, em 23/06/2014, grifos nossos).

As marcas da pobreza deixam uma sensação subjetiva de opressão. A religião trouxe a esperança e contribuiu para suavizar as dores físicas e emocionais inscritas nos corpos das pessoas que naquele espaço procuravam efetivar o direito à moradia, proporcionou a inclusão, valorizou e fortaleceu a autoestima.

1.3 ... aos dias atuais

Hoje, decorridos 27 anos da ocupação, a religião continua marcando presença significativa na vida dos moradores do bairro. Constitui-se em elemento fortalecedor frente às dificuldades cotidianas: “Sem Deus, sem a espiritualidade é muito difícil viver. Tem que estar sempre interligado com Deus a todo o momento para que consigamos **viver neste mundo tão cruel**. E também a religião é a base da família.” (Lia, 35 anos, depoente católica, em 13/07/2014, grifos nossos). Como experiência de transformação: “Se eu não tivesse esse encontro com Cristo, essa intimidade com o Senhor, se eu não tivesse esse relacionamento com Cristo **eu não seria essa pessoa que eu sou hoje**” (Rebeca, 53 anos, depoente Batista, 24/06/2014, grifos nossos). Como cuidador na trajetória humana, “Se nós não tivesse esse Deus vivo que nos cuidou [na ocupação] e **tem nos cuidado**, nós não existia mais” (Sara, 64 anos, depoente da igreja Internacional da Graça de Deus, em 09/07/2014, grifos nossos).

Transparecem nas falas acima, diferentes imagens de Deus presentificadas na experiência de cada uma das depoentes: um Deus que subsidia o viver em meio à crueldade com a qual as pessoas se deparam diariamente; o valor motivador para a mudança de atitudes e comportamentos; semelhante às figuras paterna e materna, manifesta-se na divindade, as dimensões do cuidado com a vida humana, particularmente nos momentos em que ela se encontra mais ameaçada.

Se no passado poucas eram as igrejas presentes no bairro “hoje se fazer uma pesquisa, em cada rua se encontra no mínimo de 3 a 4 igrejas” (João, 37 anos, depoente batista, 23/06/2014). Dentre elas: Assembleia de Deus, Batista Manancial, Brasil para Cristo, Católica, Evangelho Quadrangular, Igreja Evangélica o Senhor é nossa Justiça, Igreja Internacional da Graça de Deus. É comum encontrar jovens Mórmons visitando as famílias e realizando estudos bíblicos nas residências do bairro. Muitos moradores são participantes da Igreja Universal do Reino de Deus, que se localiza na fronteira do bairro com o Conjunto Habitacional Morada das Árvores. Identificados com a bandeira branca, terreiros do Candomblé e a Umbanda também ali se fazem presentes.

Eu acho que **quase 50% da população no bairro frequenta uma igreja evangélica**. E a igreja católica não enfraqueceu por conta disso, ela continua ainda lotada porque **é uma necessidade das pessoas de alguma forma buscar a Deus**. E nós não estamos discutindo quem está certo ou quem está errado (Pedro, 42 anos, Líder religioso da Igreja Batista Manancial, em 27/06/2014, grifos nossos).

O diagnóstico de Pedro, pastor da Igreja Batista Manancial há 14 anos, dos quais, os quatro primeiros anos de atividades pastorais foram dedicados ao acompanhamento dessa comunidade, retornando à mesma em meados de 2013, revela que a busca do sagrado por parte das pessoas não desapareceu, assumiu todavia, fisionomias diferentes dentro do próprio cristianismo: da vivência católica marcadamente presente no passado à vivência evangélica, especificamente de caráter pentecostal, cujo ritmo de crescimento vem aumentando significativamente nas últimas décadas, acentuando-se mais nas duas últimas décadas, conforme dados dos Censos de 2000 e 2010.

A presença da religião no cenário do bairro George Américo apresenta performances variadas. O mesmo líder religioso fala dessa diversidade de atuações:

Existem hoje igrejas de todo o tipo e cada uma explora um tipo de necessidades das pessoas. As religiões chamadas pentecostais exploram a salvação pelo mérito e a cura, as neopentecostais exploram a questão financeira, a questão econômica, onde elas vão prometer para as pessoas coisas que estão na bíblia, mas que não é prometido daquela forma, mas eles exploram exatamente isso: as necessidades das pessoas tanto emocionais, físicas... As igrejas tradicionais como a batista... trabalham muito o humanismo que é a questão existencial do ser humano e a salvação (Ibid).

A atuação das igrejas apresenta tonalidades distintas em relação ao passado. Um dos entrevistados da Igreja Batista Manancial presente na ocupação, comenta essa realidade:

Muitas pessoas têm procurado a igreja como um subterfúgio, um socorro pra algo que elas estão passando numa determinada situação... Anos atrás na construção do George ***você sentia a preocupação ecumênica da religião em ir às casas***, talvez porque hoje as pessoas não estejam tão carentes financeiramente, não há essa ida das igrejas, mas há uma ida do povo pra elas, o movimento é inverso (João, 37 anos, 23/06/2014, grifos nossos).

Parece ter ocorrido um deslocamento significativo na atuação da religião ao longo da história no bairro George Américo: se antes a ênfase era no aspecto da efetivação de ações ecumênicas e na mobilização coletiva, agora é no da mudança privada, seja ela de cunho individual, seja ela de cunho familiar.

Pra mim a religião na minha vida, ela me transformou. Eu era assim uma pessoa agressiva, eu era muito agressiva, pessoa assim que levava tudo ao pé da letra, se me dissesse ouvia, entendeu? E depois que eu fui pra Assembleia, ***eu aprendi a me reeducar***, me tornei uma pessoa, não quero dizer que me transformei totalmente, mas 70% eu mudei. Eu não era paciente, eu aprendi a ser mais mansa, mais ponderada com as coisas (Rute, 48 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 28/06/2014, grifos nossos).

Mudou muito o bairro, ainda que o índice de violência esteja muito grande, muitas famílias já se converteram, estão se salvando porque muitos estão saindo da droga, muitas meninas jovens, mulheres também que viviam de maneira errada estão conhecendo a verdade, estão se libertando e tendo uma vida melhor. ***Eu vejo famílias que estavam destruídas se reconstituindo***, lares que estavam praticamente destruídos mesmo e hoje ser outro lar, as pessoas não tinham nem prazer em ficar em casa, era briga, eu presenciei muitas brigas de vizinhos, de polícia na porta e ***hoje essas pessoas são evangélicas e levam outro tipo de vida*** (Ester, 36 anos, depoente da Internacional da Graça de Deus, em 09/07/2014, grifos nossos).

Nos relatos das depoentes da Assembleia de Deus e da Internacional da Graça de Deus, a experiência com o Evangelho trouxe transformações na personalidade e nos comportamentos pessoais, evidencia-se ainda a reconstrução de relações familiares e de vizinhança.

Apesar do deslocamento de uma atuação de cunho mais ecumênico e de mobilização coletiva a uma esfera de caráter privado, a religião permanece como espaço que articula valores: “se não existisse céu, **o melhor lugar de criar filhos pra mim seria a igreja porque é onde você ainda tem valores**, você ainda tem coisas que você pode ensinar e as pessoas vão aprender” (Marcos, 38 anos, depoente batista, em 20/06/2014, grifos nossos); a força que sustenta no peregrinar diário, “**mal de nós se não tiver religião, que as coisas eram muito pior**. A religião ajuda bastante, sem religião não vai nada pra frente, porque a pessoa fica fraca. Quem fortalece a gente é a religião, com muita fé” (Marta, 74 anos, depoente católica, em 06/07/2014, grifos nossos).

Presente nos dias atuais do bairro está o desafio de respeitar a diversidade religiosa, especificamente em relação às religiões de matriz afro, como o Candomblé.

se eu chego num pessoal que é cristã [evangélico] e eu sou do candomblé, eu não sou bem aceita porque eles acham que o que eu estou fazendo é errado. Eu não acho que o que eles estão fazendo é errado, é certo. Pra mim todas as religiões são bem-vindas, mas eles acham que eu estou errada porque eu estou no candomblé, que eu estou do lado errado, praticando errado, que **eu não vou pro céu, porque se Jesus voltar não vai me levar porque eu estou no candomblé e lá é errado**, lá não é certo, não deve-se adorar imagens. Muita gente já me falou isso “Não se deve adorar imagem, que digno de se adorar é somente Deus”, todo mundo sabe disso. Mas, se você tem aquela fé naquela imagem ali, alguma coisa há de acontecer, se fosse assim você vai na igreja católica a missa não lhe serviu, porque o que bem tem na igreja católica é imagem, eles não aceitam. Não aceitam a cruz, pra eles tudo é pecado (Raquel, 45 anos, depoente do Candomblé, em 07/07/2014, grifos nossos).

Nas palavras de Raquel, a experiência do não acolhimento e da exclusão quando se professa uma religião que articula valores diferentes daqueles que um determinado grupo professa e acredita como verdadeiros. Quando não se conhece os elementos que compõem o tecido de uma dada religião, corre-se o risco de incorrer em práticas de julgamento.

Conforme constatado, a religião marca presença no bairro, desde a ocupação. Presença essa que foi assumindo formas e contornos diferentes ao longo da história desse espaço geográfico composto por pessoas de baixa renda, nas quais a solidariedade e a dádiva ainda hoje se configuram espaços que contribuem para construir relações no cotidiano e buscar a sobrevivência. A seguir, o conceito de dádiva e as formas mediante as quais ela se presentifica no âmbito familiar e no bairro.

2. A DÁDIVA NO COTIDIANO DAS FAMÍLIAS DO BAIRRO

GEORGE AMÉRICO

“As pessoas trocam, trocam porque nós temos aqui o Dom da partilha no George. É o dom da partilha que nós plantamos desde o dia em que chegamos, porque partilhamos da hora em que eles chegaram aqui. E muita gente aprendeu isso” (Marta, 74 anos, depoente da Igreja Católica, em 06/07/2014).

2.1 A dádiva

No *Ensaio sobre a dádiva* ou também conhecido nas Ciências Sociais, como *Ensaio sobre o Dom: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas*, Marcel Mauss (2001) aborda as trocas que acontecem sob a forma de presentes, obrigatoriamente dados e retribuídos. Suas investigações, conforme a antropóloga Lúcia Sigaud (1999), relacionam-se a um campo mais amplo de estudo sobre o regime do direito contratual e os sistemas de prestações econômicas entre grupos das sociedades ditas primitivas e arcaicas.

Mauss (2001) se ocupa de fatos que denomina fenômenos sociais totais, que colocam em movimento uma multiplicidade de aspectos individuais, institucionais, cujos elementos são inter-relacionados entre si. “Todos estes fenômenos são, a um tempo, jurídicos, econômicos, religiosos, e mesmo estéticos, morfológicos, etc.” (p. 191).

Dentre temas complexos e aspectos múltiplos, Mauss elege e examina um traço peculiar:

o caráter voluntário, aparentemente livre e gratuito, no entanto, coercitivo e interessado, do que chamava de prestações, as quais quase sempre se revestiam da forma do presente oferecido generosamente, mesmo quando no gesto que acompanhava a transação não existia senão ficção, formalismo e mentira social, obrigação e interesse econômico (SIGAUD, 2001, p. 91).

Segundo Sigaud (1999), Mauss se coloca duas questões ao estudar as trocas: Qual a regra de direito e de interesse que faz com que, nas sociedades ditas arcaicas,

o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força há na coisa dada que faz com que o destinatário a retribua?²⁰.

Com base nos estudos orientados pelo método comparativo entre determinadas áreas geográficas - Polinésia, Melanésia, Noroeste Americano - Mauss (2001), explicita que nas economias e direitos que precederam os sistemas atuais, são as coletividades que estabelecem trocas. Sobre as trocas instituídas entre tribos e clãs, o autor salienta:

O que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de mais, amabilidades, festins, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, cujo mercado não é senão um dos momentos, em que a circulação das riquezas mais não é do que um dos termos de um contrato mais geral e muito mais permanente (Ibid., p. 55).

A Polinésia é tomada por Mauss, como exemplo de prestação total. Para o autor, o *hau*, o espírito do doador, constitui-se em ideia central do direito maori, possibilitando compreender que o elo jurídico criado pela transmissão de uma coisa constitui-se em laço de almas. Com base no jurista Tamati Ranaipiri, Mauss escreve:

Os *taonga* e todas as propriedades rigorosamente ditas pessoais têm um *hau*, um poder espiritual. Vocês dão-me um, eu dou-o a um terceiro; este dá-me um outro, porque é forçado pelo *hau* do meu presente; e eu sou obrigado a dar-vos essa coisa, porque é preciso que eu devolva o que é, na realidade, o produto do *hau* do vosso *taonga* (Ibid., p.64).

²⁰ No artigo *As vicissitudes do Ensaio sobre o Dom*, a autora identifica o percurso empreendido pelo autor no estudo e construção das trocas dadas, que compreendem leituras dos trabalhos de Boas (1909) sobre os kwakiult no Noroeste americano; os de Seligman, Nehuhaus e Williamson (1910, 1911 e 1912) acerca da Melanésia, particularmente a Nova Guiné; os de Robert Hertz (1988), referentes à Polinésia, especificamente as prestações totais na Nova Zelândia que evidenciavam no direito maori a tríplice dar-receber-retribuir, “os objetos *taonga* eram dotados de *hau*, i.e., de espíritos, e que era impulsionado pelo *hau* do presente que o destinatário estava obrigado a devolvê-lo ao primeiro doador” (Tamati Ranaipiri citado por Hertz, p. 95). Ainda os de Malinowski sobre as ilhas trobriandesas na Melanésia (1922), nos quais Mauss identifica instituições que estando mais vinculadas à religião, à estrutura jurídica e ao regime econômico são do tipo *potlatch* - sistemas de prestações totais – o que já havia identificado nos trabalhos dos autores anteriores. Conforme Sigaud (1999), Mauss identifica o *potlatch* basicamente a partir de dois traços: “as trocas, que implicam uma enorme quantidade de prestações de todo o tipo, começam sob a forma de doações aparentemente gratuitas de presentes, cujo beneficiário será obrigado a retribuir o equivalente com usura; e o caráter agonístico, mais acentuado no Noroeste Americano do que na Melanésia. Lá os chefes se enfrentam mais do que se ligam, numa rivalidade constante, sendo por este meio que se fixa a hierarquia das famílias e dos clãs” (p. 94). Segundo Mauss (2001), chefes de tribos rivalizam entre si com a finalidade de vencer um ao outro na generosidade daquilo que oferecem nas festas.

Segundo Mauss (2001), “O que, no presente recebido, trocado, obriga, é o facto de a coisa recebida não ser inerte. Mesmo abandonada pelo doador, é ainda qualquer coisa dele” (p.64). Aquilo que se dá, se recebe ou se retribui, articula aspectos do doador e do donatário: “Se damos as coisas e se as retribuimos é porque nos damos e nos retribuimos” (p.115).

Neste contexto, aceitar um presente de alguém é aceitar algo de sua essência, sendo necessário retribuir o que constitui parcela de sua natureza e substância. Diferente da ótica mercantil, cujo vínculo se esgota no ato do pagamento, os laços contraídos nas trocas dádivas estabelecem um nexos entre doador e donatário que se prolonga no tempo. Na contrapartida, recusar-se a dar e recusar-se a receber, “equivale a declarar guerra, é recusar a aliança e a comunhão” (Ibid., p. 68).

Mauss (2001), destaca a permanência do dom na sociedade contemporânea.

Uma parte considerável da nossa moral e da nossa própria vida permanece sempre nesta mesma atmosfera da dádiva, da obrigação e ao mesmo tempo da liberdade. Felizmente, nem tudo está ainda classificado exclusivamente em termos de compra e venda. As coisas têm ainda um valor de sentimento para além do seu valor venal, supondo a existência de valores que sejam apenas deste gênero. Não temos senão uma moral de mercadores. Restam-nos pessoas e classes que mantêm ainda os costumes de antigamente e quase todos nós nos sujeitamos a eles, pelo menos em certas épocas do ano ou em certas ocasiões (p. 175).

2.2 A Dádiva nos dias atuais

Em continuidade ao pensamento de Mauss e em oposição à imagem do *homo oeconomicus* que cada vez mais se impõe com vigor na sociedade ocidental, surge em 1981, o Movimento Anti-Utilitarista em Ciências Sociais (M.A.U.S.S). Tal movimento confere dois sentidos ao nome Mauss: um em homenagem àquele sociólogo que é um dos fundadores da Escola Sociológica Francesa e, a afirmação de uma posição anti-utilitarista, no momento em que a axiomática do interesse conheceu sua forte expansão, abrindo caminho para a hegemonia do neoliberalismo em nível global, especificamente nas duas últimas décadas do século XX (FLACH e SUSIN, 2006).

Para o M.A.U.S.S, o dom “constitui a forma de laços sociais, de relações, tanto simples como complexas, que estruturam a base de muitas sociedades” (FLACH e SUSIN, 2006, p. 185). O Movimento compreende a dádiva como um terceiro paradigma que se diferencia dos paradigmas do mercado e do Estado. O que caracteriza o modelo mercantil é a equivalência: comprar e pagar para não ter dívida. O Estado, por sua vez, assume um conjunto de relações de serviços entre as pessoas (serviço às crianças, idosos, doentes...) não gratuitamente, mas mediante contratos de trabalho com profissionais e empregados. “A questão-chave de tudo isso é que ninguém cria compromisso com o outro, ninguém corre risco de se afeiçoar à pessoa a quem se presta serviço e não se corre o risco de estabelecer um vínculo afetivo” (Ibid., p. 188). Para Flach e Susin (2006), Mauss não objetivou a abolição do mercado ou do Estado - processos que hoje seriam irreversíveis - mas os pensou num horizonte de reinserção em uma ordem social e política que sintonizem com o bem comum.

Na perspectiva da dádiva ou do dom, as trocas estabelecidas circunscrevem razões múltiplas que ultrapassam interesses consumistas e calculistas. Envolvem motivos simbólicos, religiosos, profissionais, artísticos, culturais, de saúde, amizade, amor... Neste contexto, situam-se a doação de órgãos, situação em que impera o dom da espontaneidade numa decisão instantânea, fora do parâmetro de qualquer cálculo e conveniência (CAILLÉ, 2002); as dinâmicas vivenciadas pelos movimentos da Economia Solidária, Pastoral da Criança e Alcoólicos Anônimos, que ao se fundamentarem sobre o princípio da dádiva, contribuem para a edificação de uma sociedade fraterna e inclusiva (SUSIN E FLACH, 2006).

Há na atualidade um paradigma dominante: o neoliberalismo. Este, segundo Godbout (2002), assume nas ciências humanas diferentes nomenclaturas: teoria das escolhas racionais, racionalidade instrumental, individualismo metodológico, utilitarismo, *homo oeconomicus*, teoria econômica neoclássica. Tais teorias, todavia, têm “um núcleo maciço comum: visam explicar o sistema de produção – e, sobretudo, de circulação – dos bens e serviços na sociedade a partir das noções de interesse, de racionalidade e de utilidade” (Ibid., p. 63).

O modelo do *homo oeconomicus* defende o seguinte pressuposto: a produção máxima de bem-estar coletivo acontece na medida em que cada membro otimiza²¹ seu interesse²² individual. Na ótica da soberania dos interesses e/ou preferências individuais, pode-se dispensar o apelo à virtude, à autoridade e à tradição na busca da felicidade. Este modelo liberta as pessoas de relações sociais não desejadas, evitando envolvimento de ordem pessoal. “O que, espontaneamente, agrada a todos no mercado é esta liberdade; e esta facilidade de sair de uma relação que não seja de nosso agrado e estabelecer alhures outro relacionamento” (GODBOUT, 2002, p. 66).

Tal liberdade fundamenta-se na “*liquidação imediata e permanente da dívida*. O modelo mercantil visa a ausência da dívida no âmago das relações sociais. Neste modelo, cada troca é completa (clear). Graças à lei da equivalência, cada relação é pontual; sem futuro, ela não nos insere, portanto, em um sistema de obrigações” (GODBOUT, 2002, p. 66-67). O mercado consiste em uma relação social que objetiva escapar das obrigações normais inerentes aos vínculos sociais. A liberdade moderna constitui-se assim, na ausência de dívida. Se por um lado, não mais se faz necessário o estabelecimento de vínculos, por outro, há uma dependência cada vez maior dos bens e da necessidade de se produzir mais. Há uma inversão na relação fim-meio: a produção, inicialmente colocada a serviço das preferências, torna-se o valor supremo, o fim (Ibid.).

Godbout (2002) pontua que o modelo das escolhas racionais é limitado no que tange às decisões, porque não considera a realidade de que os meios e os fins se influenciam continuamente, sob o efeito das emoções, sentimentos e dos resultados da ação precedente. “Cada decisão é uma aventura e uma surpresa; ora, o modelo da racionalidade-instrumental visa eliminar esta dimensão da decisão” (p. 70). Neste modelo não há espaço para o inesperado e para arrependimentos, elementos constituintes do drama humano.

²¹ Conceito central da teoria da racionalidade instrumental. Esta “é uma racionalidade dos meios em relação aos fins. Na prática, ela não se pronuncia sobre os fins” (GODBOUT, 2002, p. 65).

²² Godbout afirma que no paradigma em questão, interesse é sinônimo de preferência, valores, necessidades e paixões, que em seu sentido estrito, não se confundem com utilidade. O mercado fica à espreita das mais elementares necessidades humanas, o que lhe possibilita o monopólio das mesmas (Ibid.).

Se o modelo mercantil é baseado na liquidação da dívida, a dádiva por sua vez, tem nesta um de seus pilares de fundamento. Godbout (2002) denomina de *dívida mútua positiva* à sensação de receber mais do que se dá, experimentada na vivência dos vínculos primários e nas relações de parentesco. Tal sensação é vivenciada quando o desejo de dar (ou a gratidão) dirige-se àquilo que a pessoa é, ao invés de se referir exclusivamente àquilo que dela se recebe (Ibid.).

O autor pontua que o dom moderno apresenta características que diferem do arcaico. Enquanto neste, o dar, receber e retribuir são momentos constituintes de uma determinada relação, no dom moderno pode estar presente apenas um desses momentos, o que lhe possibilita o caráter voluntário, sem obrigação de retorno, como o vivenciado na relação com estranhos. Estas vivências compreendem, dentre outras, a doação de sangue e de órgãos; os dons articuladas frente à catástrofes naturais; as diversas modalidades de voluntariado; os grupos de entreatajuda, como os Alcoólicos Anônimos; as atividades sem fins lucrativos das associações; as dádivas de tempo: escuta, visitas, acompanhamento de idosos e doentes (GODBOUT, 1999).

O ponto comum entre o dom arcaico e o moderno é a relevância das relações pessoais e o comprometimento da personalidade. O que motiva o dom é o vínculo que existe entre as pessoas. “Esta relação entre ‘doador’ e ‘receptor’ tem como consequência que se dirigem à pessoa de um modo diferente, no âmbito de relações reguladas pelo próprio laço e não de normas exteriores à relação” (GODBOUT, 1999, p. 104). Na ótica do dom, a sociedade é uma “uma rede constituída pela soma das relações únicas que cada membro mantém com os outros” (Ibid., p. 105). Enquanto a responsabilidade do Estado define-se contratualmente por referência a direitos, a do dom forja-se frente aos que para a pessoa são únicos e para os quais também ela é única (Ibid.).

É possível que a tipologia moderna tenha sua origem no cristianismo, uma vez que as dádivas circulam fora das redes primárias e das de afinidade. “O ‘amor do longínquo’ é um traço essencial do cristianismo, e o dom caritativo nunca se limitou aos próximos. Ao contrário, o próximo é a humanidade inteira” (GODBOUT, 1999, p. 110).

No entanto, o fenômeno do dom a desconhecidos também pode acontecer na ausência da motivação religiosa.

2.3 Dádiva e Família

A família constitui-se, segundo Godbout (1999), em lugar básico de aprendizagem da dádiva. O autor ilustra a internalização da dinâmica do dom da seguinte forma: “A criança, perante a sua fatia de bolo, diz à mãe: ‘Fico com ela, é a minha parte, tenho direito a ela, isto pertence-me’. A mãe responde: ‘Tens razão, tens direito a ela. Tudo o que te peço é que partilhes a tua parte com o teu amigo que acabou de chegar. Só o farás se quiseres, porque tens direito a ficar com tudo’” (1999, p. 44). Tal situação articula a diferença entre a aprendizagem dos direitos e da dádiva: esta apresenta um caráter de excesso que, ao mesmo tempo está para além do direito e é sua condição.

Trata-se, de resto, da aprendizagem mais necessária para alguém se ‘realizar’ na vida: aprender a dar sem ficar a perder. Pode-se mesmo pensar que é mais importante do que o sucesso escolar e que todos os desempenhos desse tipo, que são meramente instrumentais, mas que se tornam no objeto de atenção dos utilitaristas... (GODBOUT, 1999, p.44).

Segundo ele, quando a assimetria – sensação de receber mais do que se dá – própria das trocas matrimoniais e filiais é substituída pela lógica da equivalência mercantil há um risco da família dissolver-se num ajuste de contas (Ibid.).

Em horizonte análogo discorre Machado (2004) ao conceber a família como “berço fundamental de todos os laços” (p.39) e os filhos, “frutos de uma relação dadivosa” (p.46). É o amor que alicerça e sustém as relações familiares: em seu nome, o casal constrói projetos comuns, assume sacrifícios em prol um do outro e dos filhos. O amor significa o sacrifício, oferece-lhe um sentido maior pelo qual vale a pena ser assumido e vivido na gratuidade dos pequenos gestos cotidianos.

Quando do contrário, o amor não é mais o vínculo a permear as relações familiares na construção de um projeto comum, o dom e o sacrifício antes fundidos num amálgama de sentido maior, começam a ruir em meio às cobranças e reclamações de quem faz mais ou menos no que diz respeito a responsabilidades e divisão de tarefas.

Quando a balança principia a pender para a lógica unilateral do que me é útil, orientada pelo cálculo que invade e contamina o espaço das relações interpessoais, coloca-se em risco o alicerce da família (MACHADO, 2005).

O tempo é variável significativa na vivência das relações familiares. Na perspectiva da dádiva, o tempo tem o caráter de durabilidade, assume a característica do que é sazonado, cultivado e cuidado no silêncio dos dias e dos anos. É administrado em função da necessidade do outro, como na lógica de Saint Exupéry (2003): é o tempo dispendido com a rosa que a torna tão importante. É na medida em que temos e gastamos tempo com uma dada pessoa, situação ou realidade que estas se tornam importantes. A recíproca também é verdadeira: é na proporção que algo se nos torna importante que dispomos de tempo para o mesmo. O tempo não é somente o cronológico, é antes presença de interesse, dedicação vigorosa e cordial em função do outro.

Uma dádiva é tanto mais significativa quanto mais significar o sacrifício para o doador. Acerca desta dimensão, escreve Caillé: “O dom oferecido só tem valor na medida em que custa àquele que dá, na medida em que este último sacrifica portanto algo de seus bens ou da própria pessoa” (2002, p. 307). Construir vínculos requer a dedicação de tempo àqueles que são significativos à pessoa. Nesta perspectiva, dádiva, família e tempo são variáveis inter-relacionadas e complementares na realização da humanidade.

Para Donati (2008), a família é dom fundado na reciprocidade das relações e atualizado na vivência do amor. Na esteira de Marcel Mauss, considera-a como fenômeno social total, “a família é um fenômeno que envolve, pelo menos potencialmente, todas as dimensões da vida: desde as biológicas às psicológicas, sociais e culturais, econômicas, legais, políticas e religiosas” (Ibid., p. 112). Concebendo-a como relação social plena, sublinha:

a família é e permanece um vínculo simbólico que vai além da mera natureza biológica e instaura a ordem sociocultural entendida como ‘ordem significativa do mundo’, na qual os indivíduos – mesmo com dificuldades, distorções e fracassos – encontram sua identidade e sua posição no espaço e no tempo sociais, com especial referência ao gênero e à idade (gerações) (Ibid., p. 11).

A família constitui-se em lugar fundamental para a existência histórica, tanto individual quanto coletiva. Estabelece o *lócus* primeiro, “que faz do indivíduo uma pessoa humana, isto é, um ser em relação” (Ibid., p. 112). É fonte de bens relacionais, dentre os quais estão a paternidade, maternidade, fraternidade, filiação, cuja existência depende exclusivamente da natureza peculiar destes vínculos, que além do caráter afetivo, protetivo e apoio mútuo, configuram-se em bens que somente a família pode proporcionar. Faz-se necessário, então, investir nas relações familiares.

Nesta mesma perspectiva, está o conceito de *ecologia humana* cunhado por João Paulo II (1991), na Encíclica *Centesimus annus*, evidenciando que mais importante que as tão necessárias preocupações com a preservação do ambiente natural são as com o recinto humano. A família é a primeira e fundamental estrutura a favor da ecologia humana (Ibid.). Na esteira desta reflexão, Court (2005), salienta que a família configura a estrutura originária a sustentar o vínculo de solidariedade intergeracional em prol do cuidado da vida.

Conforme destacado anteriormente, a dádiva articula nas relações familiares e sociais, aspectos benéficos contribuintes para o desenvolvimento saudável da pessoa e da coletividade. Também ela, por sua vez, pode articular aspectos nefastos que geram relações não saudáveis. Neste sentido, com base em universos vocabulares de outras línguas, Machado (2004), apresenta os significados variados que podem acompanhar a dádiva.

Em inglês, a palavra correspondente é *gift*, que significa presente. Em alemão, *gift* significa veneno. Em holandês, a mesma palavra (*gift*) significa tanto presente quanto veneno. Em sueco, *gift* também significa veneno, ou então serpente venenosa, ou, ainda, casamento. Em norueguês, *gift* quer dizer veneno, enquanto *gifte* é um verbo que significa casar. Em grego, a palavra correspondente à dádiva é *dosis*, que também significa parte, porção (p.38).

Da mesma forma que há uma dimensão benéfica na dádiva, também ela é composta por uma espécie de sombra, que a pode tornar, segundo este estudioso, um anti-presente. Há de se levar em conta, desta feita, as intenções e os significados construídos pelas pessoas envolvidas nos contextos relacionais, “é justamente um pormenor – a dose – que distingue o remédio do veneno” (Ibid.).

O autor apresenta o suborno, onde presentear assume traços do que denomina de dádiva corrompida, objetivando o estabelecimento de um laço que se orienta pelo interesse econômico. Situa neste âmbito, o dar presentes a juízes, jurados, pessoas públicas investidas de autoridade em diferentes níveis e o procedimento de comprar votos, situações estas que deveriam ser imiscíveis. Lanna (1995), em seu estudo sobre troca e patronagem no nordeste brasileiro, aborda a circulação de dádivas, dentre elas: a concessão de empregos públicos em troca de apoio político; venda à fiado em vista da obtenção de votos; atribuição à generosidade do patrão, o fornecimento de materiais de trabalho e adiantamentos financeiros e não como consequência do trabalho realizado. Ainda destaca, a manipulação das trocas pelo patrão, indistinta muitas vezes da violência e da arbitrariedade, resultando no estudo em questão, salários constantemente baixos e acumulação de capital.

No que concerne à vivência da dádiva no âmbito religioso, Lanna (1995) discorre sobre o compadrio que, fundado no rito do batismo constitui-se em estabelecimento de aliança fora da família nuclear. O fato dos padrinhos serem os doadores da graça e tidos como pais espirituais, confere às dádivas destes, um caráter sagrado que institui uma dívida divina, requerendo ser retribuída. A posição de permanente endividamento do afilhado e de seus pais em relação ao padrinho, não impossibilita a reciprocidade, mas sua busca passa a ser uma constante na vida daqueles. Neste contexto, inserem-se as visitas que comumente afilhados fazem aos seus padrinhos, acompanhadas ou não do pedido de benção; procura-se o padrinho/a madrinha para suprir necessidades financeiras, quando os pais estão impossibilitados de supri-las. Ao padrinho/a madrinha compete em algumas situações, comprar o enxoval para o batismo, bem como custear sua celebração (taxa de batismo, festa), presentear os afilhados, dar educação moral. Quando o padrinho/a madrinha é desatencioso/a com os afilhados e suas famílias, produzem-se mágoas e ressentimentos.

Para Machado (2004), a caridade pressupõe a dádiva, mas nem sempre esta tem a ver com aquela, ou seja, ela não precisa trazer em sua base motivacional, o amor a Deus e aos semelhantes, sentido que o discurso religioso lhe atribui. A dádiva implica carinho, amor ao próximo e interesse pelo laço, “mas nem ela nem a verdadeira

caridade podem resvalar para o terreno dos negócios, como se com elas se estivesse comprando o beneplácito divino” (Ibid., p. 50). Quando isso acontece, distorce-se o sentido da tríplice dar-receber-retribuir que conforme Mauss (2001), obriga as pessoas a darem gratuitamente em função do vínculo contraído na relação. Quando as relações dadivosas e caridosas resvalam para o terreno dos negócios, o foco passa a ser o meio e não o fim da relação estabelecida com o Transcendente. Neste horizonte, pode-se pensar, por exemplo, na motivação do dízimo articulada por algumas igrejas que não mais o associam àquilo que o dizimista dá de si, “das suas lutas, do seu trabalho, do seu suor e oferece livremente, obrigado e espontaneamente, àquele que tudo lhe dá” (FLACH e SUSIN, 2006, p. 195), mas se concentram no valor financeiro, estabelecendo um determinado valor monetário, o qual vai aumentando gradativamente da celebração de um momento religioso ao outro. Instrumentaliza-se a religião, colocando-a a serviço do poder e do lucro. Deve-se “desconfiar sempre de quem lucra com a sua fé, com a sua caridade. O tipo de retribuição inerente à dádiva não é passível de registros em livros de contabilidade” (MACHADO, 2004, p. 50)

Para Godbout (1999), a família pode configurar-se em espaço para trocas de presentes não saudáveis. Neste contexto, situa as relações entre filhos e pais, os quais impedem a aquisição da autonomia e ligam dependentemente o filho a uma das figuras parentais. “Tocando o dom o que há de mais essencial no laço social, ele será necessariamente influenciado pelo estado da relação entre as pessoas” (Ibid., p.70). A atmosfera emocional familiar quando não saudável pode contribuir para o surgimento de patologias emocionais.

No que tange ao âmbito religioso, aspectos da dádiva podem ser identificados em algumas práticas, como, por exemplo, no catolicismo popular, no qual com frequência se encontram promessas feitas aos santos e a Nossa Senhora, que são pagas de formas variadas: ascendem-se velas, fazem-se peregrinações a santuários, oferecem-se fotografias dos doentes curados – que normalmente são depositadas nas chamadas salas dos milagres, como no Santuário de Nossa Senhora Aparecida - SP e na Igreja do Senhor do Bonfim em Salvador – BA. Na observação de campo realizada na presente investigação, identificamos alguns espaços de presentificação da dádiva:

na comunidade Sagrada Família todos os anos, no mês de Agosto, grande número de fiéis se organiza para participar da romaria do Bom Jesus no santuário a ele dedicado na cidade de Bom Jesus da Lapa – BA. Para os fiéis, a promessa feita e cumprida é uma forma de agradecer a Bom Jesus as inúmeras graças dele recebidas durante o ano.

Em relação ao Candomblé, no terreiro pesquisado, ao adentrar no portão frontal, deparamos com algumas casinhas separadas, onde estão os orixás, guias espirituais africanos. A estes, se ascendem velas e se dão diferentes oferendas, como forma de agradecimento pelas inúmeras graças recebidas. No salão, o altar com imagens católicas e dos orixás, às quais também se oferecem velas. Nas sessões, é comum ver pessoas trazendo presentes para a mãe de santo, manifestação do agradecimento por suas orações e trabalhos realizados; ou para os orixás - neste caso os presentes comumente são colônia de alfazema e o incenso, utilizados durante as sessões. As festas dos terreiros caracterizam-se pela abundância de gestos, ritos, comida, cantos, invocações, sons de tambor. Normalmente iniciam-se a noite e se estendem ao dia seguinte. Durante a realização da mesma, a mãe de santo oferece aos orixás dispostos em uma sala atrás do altar, comidas e bebidas; os participantes também as recebem em algum momento, configurando-se estas em expressão do espírito de hospitalidade.

A tríplice dar-receber-retribuir (Mauss, 2001) acompanha a vivência religiosa de quem adere ao Candomblé. No relato de Raquel, aspectos desta natureza:

Quando eu passei [pro Candomblé], tive que fazer, os espíritos vinham, **as entidades vinham, diziam que eu tinha que fazer, que eu tinha que cuidar do santo** e eu passei a cuidar. Só andava doente, ia pro hospital, passava um dia lá, melhorava, quando vinha pra casa piorava. Aí voltava pra lá de novo. Aí depois que eu passei, fiz o santo, entrei no Candomblé, passei a tomar responsabilidade, frequentar ali certinho os dias certos, respeitar tudo certinho, **eu melhorei**. Não senti mais nada, eu fiquei boa (depoente do Candomblé, 45 anos, em 07/07/2014, grifos nossos).

Evidencia-se que existe no Candomblé uma via de mão dupla: as entidades espirituais promovem a cura na vida da pessoa, todavia, esta não acontece sem o empenho daquela que passa a reger seu comportamento cotidiano com base nas orientações específicas deste segmento religioso.

Com base no que foi destacado acerca do significado da dádiva, percebe-se que nas mais diferentes trocas estabelecidas no cotidiano da existência humana, em âmbito familiar, político, religioso, subjacente estão as motivações. Estas quando se movem em horizonte benéfico, possibilitam a construção de relações saudáveis, e quando permeadas por motivos nefastos não contribuem para o estabelecimento de relações pautadas sob o princípio da gratuidade. Apresentadas tais nuances que acompanham a dinâmica vivencial do dom, passemos a identificar sua presença no bairro George Américo, da ocupação aos dias atuais.

2.4 As dádivas presentes no bairro George Américo

Desde a ocupação até os dias atuais, inúmeras foram as trocas que acompanharam e acompanham os moradores do bairro George Américo. Discorrer sobre as mesmas é um desafio uma vez que, mais que citá-las como fenômeno de ocorrência, importante é buscar identificar os contextos nas quais elas aconteceram e ainda hoje acontecem.

A ocupação do antigo campo de aviação reuniu milhares de pessoas em busca de um pedaço de chão para fixar moradia e proporcionar melhores condições de vida à sua família. Fé, trabalho, força para limpar o espaço, medo, coragem, instabilidade frente ao permanecer nesse espaço foram sentimentos que se misturavam no cotidiano dos ocupantes.

A gente entrou pra esse bairro aqui com o George, entramos aqui nesse bairro que só tinha mesmo era mato, era terra e mato. Era no trançado do gravatá, no trançado do mato que, meu Deus, **só Deus mesmo** (Sara, 64 anos, depoente da Internacional da Graça de Deus, em 09/07/2014, grifos nossos).

Entrei quando fundou aqui. Dei muita carreira aqui pra conseguir esse pedaço de chão. Carreira de polícia, de político, aqui dentro com o finado George Américo ainda. O marido saía pra trabalhar e eu ficava aqui sozinha, eu e a população pra garantir aqui esse pedaço de terra. Eu sou do começo daqui de dentro. **Do começo mesmo, dali daquela luta, daquela guerra, daquela agonia** (Raquel, 45 anos, depoente do Candomblé, em 07/07/2014, grifos nossos).

Muitos realmente eram carentes e vinham em busca de conseguir uma moradia para sua família. Outros se aproveitavam da situação para obter lucro pessoal, ocupavam um ou mais terrenos e os vendiam para outras pessoas, gerando brigas

entre os moradores, causando divisões nas relações e inclusive mortes. Os relatos abaixo de depoentes participantes dos primeiros momentos da ocupação das terras do antigo campo de aviação revelam essa realidade:

As pessoas às vezes vinham de outro bairro de carro, e escondiam o carro próximo. E aí vinham a pé com uma sandália de cor num pé e de outra em outro pé, só pra dizer que eram pobrezinhas (Débora, 60 anos, depoente católica, em 23/05/2014, grifos nossos).

Quando começou cada um demarcou seu terreno. Teve pessoas que pegou um lote muito grande e dividiu pra família, outras pessoas que vendiam muito terreno. Tem pessoas que eu acho que enricou com esse negócio de vender terreno, pegavam e passavam pra outro e recebiam. **E muita gente brigava, um matava o outro e aquela coisa era por terra,** cada um queria defender o seu (Marcos, 38 anos, depoente batista, em 20/06/2014, grifos nossos).

Moradores de bairros vizinhos, como do Sítio Novo, expressaram sua solidariedade com a situação dos ocupantes, ajudando a separar lotes e não se apropriando dos mesmos, uma vez que deles não necessitavam.

Nasci e me criei aqui e brinquei muito ali no George Américo... E depois o pessoal invadiu, inclusive eu ajudei. **Eu ajudei a medir os lotes, eu grávida de meu filho caçula com uma barrigona e eu correndo pra medir os lotes pro pessoal que não tinha onde morar.** O pessoal falou: “Pega um lote pra você”, mas eu tinha minha casa, eu não achei aquilo certo. Fui pegando os lotes pra ajudar as pessoas (Isabel, 60 anos, líder religiosa do Candomblé, em 03/07/2014, grifos nossos).

Teve um que disse assim: “Oh D. Mirian porque a senhora não vai também e tira um pedaço de terra como todo o mundo está tirando?.”, eu digo: “Não, **eu não tenho ambição por nada que é dos outros.** Se Deus, se meu pai deixou um pedacinho de terra pra eu fazer um rancho em cima como eu fiz, não tenho ambição pra avançar pra ir pro George Américo, deixa pra ir quem não tem.”. “Mas, se tem muitos que tem e estão indo e pegando”, e eu: “Eu não tenho nada com isso, eu só tenho é comigo” (Mirian, 86 anos, depoente do Candomblé, em 11/07/2014, grifos nossos).

Na origem do bairro, identificam-se motivos diversos que acompanharam as trocas entre os moradores: as que visavam lucro e geravam intrigas, inimizade, desunião e as que eram movidas pela solidariedade que geravam organização, partilha e mobilização. “A gente do bairro, da comissão propôs isso: não deixava uma pessoa só ficar com quatro, cinco lotes tinha que tirar dessa pessoa pra dar a outra, pra ser dividido igual (Débora, 60 anos, depoente católica, em 23/05/2014).

Significativo neste contexto é a presença da comissão de apoio composta por membros integrantes das CEBs e da AMBACLA (Associação de Moradores do Campo

Limpo) e da ocupação que possibilitou trocas dádivas benéficas entre os ocupantes, dentre elas os mutirões de construção das casas que mediante cadastro se estendiam as pessoas mais carentes de recursos, independente de religião. Na construção e demais encaminhamentos, o envolvimento da comunidade e das famílias contempladas.

Reunia uma quantidade de gente e ia fazer a casa de Maria, aí Maria juntava com outra quantidade de pessoas fazia um mutirão na casa de João e assim sucessivamente... **Nós tínhamos que trabalhar em comunidade** pra poder receber a casa, ficávamos tipo numa fila, entendeu? Gradativamente cada pessoa ia recebendo a sua, e quando chegou a minha vez eu já tinha trabalhado muito para as outras pessoas. Tínhamos reunião na igreja católica pra definir quem no próximo mês ia receber a casa, quem ia ficar responsável pelo alimento, responsável pra ir buscar o material de construção enfim, essas coisa tudo (Rute, 48 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 28/06/2014, grifos nossos).

No mutirão, trocas benéficas se estabeleciam: as pessoas se aproximavam, se conheciam, conviviam, tomavam decisões conjuntas, partilhavam os alimentos, vivenciavam o espírito de ser comunidade. Acerca da convivência comunitária, expressa Rute, depoente da Assembleia de Deus:

Geralmente nós cozinávamos assim: escolhíamos uma casa específica, na casa de Maria domingo... **Todo mundo levava algo**, por exemplo, se eu ficasse responsável pelo arroz, **eu levava o meu arroz** e lá a gente cozinhava junto, **a outra levava o feijão, a outra levava a carne a outra levava o tempero** e era tudo organizado (48 anos, em 28/06/2014, grifos nossos).

Falar da vida do líder da ocupação, George Américo, no contexto da dívida é um ponto delicado e tenso, uma vez que controversos são os aspectos que acompanharam sua personalidade, sua trajetória e seus motivos na ocupação. Ex-funcionário da prefeitura municipal, era um “homem ‘corajoso’, ‘carismático’, ‘controvertido’, ‘polêmico’. Agia muitas vezes com postura ‘centralizadora’ para conseguir colocar em prática seus objetivos” (CALDAS, 1998, p. 105). Conduziu vinte e uma ocupações na cidade, o que lhe conferiu o nome *O Rei das Invasões*, sendo a última a do antigo Campo de Aviação que leva seu nome, uma homenagem da população local e da Câmara de Vereadores mediante Lei Municipal nº 1.170/89.

O líder popular, “sem nenhuma filiação partidária aparente” (Ibid., p. 105) foi atuante na defesa dos Sem-Teto. No entanto, Caldas (1998) destaca que havia nele

uma intenção de candidatar-se a vereador nas eleições municipais daquele ano de 1988. O partido político ao qual estava vinculado não ficou esclarecido, uma vez que George Américo foi encontrado assassinado em 05 de maio de 1988, um ato violência cujos motivos ainda hoje são desconhecidos. Sua esposa Norma Suely Mascarenhas foi quem conquistou a vaga na Câmara Municipal, sendo a primeira mulher a alcançar a condição de vereadora na cidade pelo PDC (Partido Democrata Cristão).

Coordenou o movimento da ocupação com intenso trabalho. Tinha um bom relacionamento com os ocupantes, encorajando-os a permanecerem no local, lutando pela posse da terra. “Uma das coisas que marcou muito pra mim aqui na invasão do George Américo foi quando o George Américo disse que morreria, mas ninguém tiraria a gente daqui” (João, 37 anos, depoente batista em 23/06/2014).

George Américo não era membro das CEBs tampouco tinha alguma ligação religiosa com o grupo (SANTOS, 2010) ²³. Uma das depoentes da Igreja Católica afirma que embora solicitasse ajuda da Igreja Católica, a relação com os membros das CEBs não se deu sem conflito. Em uma das assembleias realizadas pela comissão com os ocupantes, recusou-se a ceder um lote para a construção da capela.

Ele já estava revoltado, antes dele ser visado pelo povo, pelo povo que fez o mal a ele. Ele estava revoltado e disse que não tinha igreja de jeito nenhum, não deixou o terreno da igreja, que lá não tinha igreja. Aí ficamos sem eira e sem beira. E a gente ficava fazendo reunião na casa das pessoas que eram católicas e a gente sabia que podia contar com esse povo, e fazia reuniões, fazia campanhas de natal, ficamos segurando. A religião não parou, mas igreja nós não podia ter, não tinha terreno (Marta, 74 anos, depoente católica, em 06/07/2014).

A mesma depoente relata que a comunidade só conseguiu um terreno para a construção do templo após o óbito do líder, quando Olegário Bispo assumiu a liderança do movimento. Este era católico e havia sido ajudado na construção de sua casa mediante o mutirão. Também este líder foi vítima de assassinato em 20/02/1989.

Mesmo não sendo a violência objeto de estudo da presente investigação, cumpre destacar que, parece haver um ciclo de violência que se instala na ocupação: a

²³ Informação concedida por padre Fausto Franco Martinez, então pároco da Paróquia Senhor do Bonfim. O sacerdote foi um dos entrevistados na pesquisa sobre CEBs realizada por Santos (2010).

demarcação e posse de alguns terrenos geraram brigas e mortes, o mesmo destino cruel do qual foi vítima George Américo também acometeu seu sucessor. Estudos futuros podem corroborar no sentido de identificar a existência de algum nexos entre os atos de violência praticados no passado com os que se presentificam no presente. Citaremos de maneira muito breve alguns desses últimos no capítulo 3, no tópico referente à contextualização do bairro.

A morte de George Américo trouxe tristeza profunda aos ocupantes. Conforme relatos dos depoentes antes de enterrar o corpo do líder, seu caixão foi carregado pelos ocupantes do necrotério do cemitério São Jorge até o antigo campo de aviação, de onde foi levado à igreja do Senhor do Bonfim e posteriormente, sepultado. Após sua morte, muitos pensaram em ir embora. “Nós pensamos em desistir, mas não valia a pena... **todo mundo era carente e não tinha onde morar**” (Débora, depoente católica, em 23/05/2014, grifos nossos). Todavia, a necessidade de ter um pedaço de terra para fixar moradia era maior e motivou as pessoas para ali permanecerem e continuarem sua luta.

A pobreza acompanhava o cotidiano da ocupação. Após a morte do líder, a comissão continuou sua presença voluntária e solidária no espaço. Além dos mutirões, da organização de pequenas comissões que distribuíam as doações que chegavam, das assembleias realizadas na praça para decisões e encaminhamentos em conjunto, um grupo de mulheres empenhou-se no preparo de chás para crianças e adultos que adoeciam nos barracos, sob o calor do dia e o frio da noite. Inúmeras vidas foram fortalecidas e salvas com estes procedimentos artesanais que se constituíram em dádivas para quem os recebeu. “Naquele tempo tinha muita criança doente, **tinha uma visita que saia da própria comunidade pra visitar essas crianças e fazer chá**. E nós fica numa felicidade que hoje a gente encontra essas crianças e elas ficam muito feliz porque sabem da história” (Agar, 48 anos, depoente católica, em 29/06/2014, grifos nossos).

Constata-se que na origem do bairro, dádivas saudáveis e não saudáveis integravam o cotidiano dos ocupantes. Ainda hoje, conforme relatos dos entrevistados, os moradores estabelecem trocas entre si em diferentes contextos relacionais:

Você não troca só coisas materiais, mas o teu tempo, dar de você pro outro, parar pra ouvir o outro e isso está além do dinheiro, do comprar, do material. As pessoas do bairro têm isso e eu acho que **é muito mais no sentido do imaterial do que do material mesmo** (Rebeca, 53 anos, depoente batista, em 24/06/2014, grifos nossos).

Um certo dia eu fui pra igreja e eu deixei uma panela no fogo, um feijão. Esse feijão queimou que chega, saiu fumacero pras casas dos vizinhos... E uma coisa que eu achei tão interessante, que eu fiquei tão regozijada foi que a minha vizinha ela nem sabia que eu estava na igreja e não sabia onde eu estava, mas **ela saiu mandando alguém ali e ali pra descobrir onde eu estava pra não acontecer o pior em minha casa**, isso tem a ver com a troca, né?... E eu achei que isso foi um amor que tinha que acontecer pra esse amor nascer (Susana, 52 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 01/07/2014, grifos nossos).

Nas falas das depoentes, dádivas manifestadas na dimensão da escuta e do cuidado, aspectos nobres e significativos da vida que se forjam mediante os mais variados momentos de convivência diária.

Os líderes religiosos sentem que os moradores do bairro vivem o espírito da dádiva em suas relações cotidianas: “Eu me sinto bem entre eles porque **são um povo muito hospitaleiro** e essa parte do dom a gente percebe no meio desse povo” (Tiago, 53 anos, líder religioso da Assembleia de Deus, em 15/07/2014, grifos nossos).

Eu acho que eles não tinham onde morar, mesmo que alguns saíram, chegaram outros. Hoje eles estão acolhidos, estão ali com o seu teto. Então **eles aprenderam que devem ajudar outras pessoas também** (Isabel, 60 anos, líder religiosa do Candomblé, em 03/07/2014, grifos nossos).

Nas falas, evidências da hospitalidade, uma das expressões do dom encontradas, segundo Mauss (2001), em diferentes culturas. Ainda aspectos relacionados à aprendizagem: quando se foi amparado no passado, tal experiência pode ser internalizada como desejo de ajudar quando alguém necessitar de algo ou estiver em situação semelhante àquela que foi vivenciada.

A religião constitui-se ao lado da família, dos valores do respeito ao próximo, das palavras boas proferidas, do Conselho de Segurança Comunitário, um dos elementos que mais contribui para a vivência da dádiva no bairro: “A própria Palavra [Bíblia] diz que **é dando que se recebe**, então a gente está sempre trocando” (Susana, 52 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 01/07/2014, grifos nossos).

O que faz com que essas pessoas se doem uma a outra é o amor de Deus dentro de nós ou agindo através de nós que faz com que eu olhe pro outro e tenha compaixão dele, que vai fazer com que eu olhe pro outro e sinta necessidade de ajudar (Rebeca, 53 anos, depoente batista, em 24/06/2014, grifos nossos).

Nos elementos contribuintes para as trocas acontecerem no bairro, presentificam-se aspectos da dádiva moderna, ausente está o desejo do retorno. “Quando a gente tem o amor a gente faz, mas não quer nada em troca, confia, a gente nunca pensa em fazer o bem e querer ele de volta” (Agar, 48 anos, depoente católica, em 29/06/2014).

Quando eu paro para ouvir as pessoas ou alguém para pra me ouvir ou você para pra fazer qualquer coisa que seja pra alguma pessoa lá do bairro ou pra outra pessoa, você de primeiro não está pensando no que essa pessoa pode lhe dar de retorno. Você está fazendo aquilo porque dentro de você há essa coisa do dar, do compartilhar, do interagir, do ajudar, essa coisa da gratuidade e isso não traz um questionar primeiro do que recebo eu em troca disso (Rebeca, 53 anos, depoente batista, em 24/06/2014).

Frente a realidade de pobreza que acompanhou o cotidiano da ocupação do antigo campo de aviação, vias foram sendo trilhadas para sua superação. As doações recebidas além de configurarem solidariedade incorriam no risco do assistencialismo. Posto estava o desafio de encontrar formas para tornar o povo corresponsável e participante no processo de decisões e encaminhamentos. Alguns passos foram dados nesse sentido, como os mutirões e as assembleias. A seguir, o conceito de pobreza e algumas concepções mediante a qual ela foi compreendida ao longo dos tempos. Sua abordagem se faz no sentido de identificar alguns pontos que possibilitam um diálogo e/ou ampliação da discussão na qual inserimos religião e dádiva.

3. A POBREZA NO BAIRRO GEORGE AMÉRICO: UM DESAFIO A SER SUPERADO

“Tem famílias que com todas as dificuldades sempre está ali mantendo a base pra que não se desfaça aquela essência familiar” (Lia, 35 anos, depoente católica, em 13/07/2014).

O debate sobre a pobreza acompanha a pauta das agendas nacionais e internacionais. Constituindo-se em violação dos direitos humanos e infração da dignidade como um todo, a redução da pobreza é uma das Metas de Desenvolvimento para o Milênio (SANÉ, 2003; PIOVESAN, 2003).

Menções acerca da pobreza são encontradas ao longo da História, todavia, estudos e análises mais sistemáticas se iniciam em fins do século XIX, acompanhadas de esforços para definir, medir, compreender, reduzir e/ou superar a mesma (MIDEPLAN, 2002). Parece haver um consenso entre especialistas e estudiosos vinculados à temática em questão: a pobreza é um fenômeno complexo e multidimensional no que concerne às causas e efeitos (CARNEIRO, 2005; CRESPO, GUROVITZ, 2002; CUNHA, 2013; MIDEPLAN, 2002).

O conceito de pobreza vem se ampliando no transcorrer das últimas décadas, desde um enfoque centrado nas variáveis econômicas de renda ou consumo àquelas que integram as diferentes dimensões do desenvolvimento humano, como a longevidade, analfabetismo, condições de saúde e educação, vulnerabilidade, risco, autoestima, impotência e falta de voz, entre outras que afetam significativamente a vida dos pobres (MIDEPLAN, 2002).

As diferentes concepções acerca da pobreza trazem, conforme Carneiro (2005), dois desdobramentos importantes: um remete diretamente à questão da mensuração, da identificação de pessoas e famílias avaliadas pobres e distintas de um grupo não pobre; outro além de incluir a mensuração, estende-se ao delineamento de intervenções para sua superação. As abordagens não contemplam os mesmos

aspectos referentes à definição da pobreza, causas, motivos que a fazem persistir e elementos necessários para superá-la.

Sem nos atermos a uma apresentação detalhada e aprofundada, apresentaremos a seguir, alguns dos enfoques através dos quais a pobreza vem sendo analisada e estudada ao longo dos tempos²⁴.

3.1 O Enfoque Monetário

O enfoque monetário predominante nos séculos XIX e XX, até a década de 50 (CRESPO, GUROVITZ, 2002), aborda a pobreza com base em sua mensuração, relacionando-a diretamente com a ausência e/ou baixo consumo e renda. Decorre dos trabalhos pioneiros de Rowntree realizados em York na Inglaterra em 1899, cujas investigações com base em padrões nutricionais, apontaram que *“una familia es pobre cuando sus ingresos no son suficientes para obtener lo minimo necesario para la subsistencia”* (MIDEPLAN, 2002, p.06). A dimensão dos requisitos nutricionais mínimos ainda hoje subsidia procedimentos de mensuração da pobreza e orienta investigações e análises no campo da economia. “A linha monetária da pobreza é a mais utilizada como critério para a identificação do público e para o estabelecimento de valores de transferência de renda em grande parte das políticas de proteção social em curso” (CARNEIRO, 2005, p. 39).

Se por um lado, as linhas de pobreza permitem medir este fenômeno em todo o mundo, monitorar as mudanças que nele se operam ao longo do tempo e possibilitar o delineamento de ações junto à essa camada populacional (MIDEPLAN, 2002), por outro, embora exista um nível mínimo a partir do qual a sobrevivência é ameaçada, este é sempre relativo, produto de uma convenção (CARNEIRO, 2005)²⁵. Outra fragilidade é a ênfase privilegiada no aspecto econômico da pobreza, o que restringe o âmbito das

²⁴ Para um aprofundamento mais detalhado desses enfoques remetemos às leituras das teses de doutorado de CARNEIRO (2005), Programas de Proteção Social e superação da pobreza: concepções e estratégias de intervenção e de CUNHA (2013), Capital Social, Família e Redução da Pobreza: um percurso na literatura.

²⁵ A autora afirma que esta fragilidade reside “na impossibilidade de estabelecer, de forma universal, esse mínimo necessário em termos nutricionais: existem diferenças de sexo, idade, atividades e taxas metabólicas diferenciadas, que implicam necessidades diferenciadas, em contextos também diferenciados” (Ibid., p. 39).

possibilidades de intervenção. “A mais grave limitação desse enfoque é o seu suposto básico - pobreza ser sinônimo de insuficiência de renda – e as consequências daí advindas, de que basta fornecer renda para alterar a situação de vida das populações pobres” (Ibid., p. 40).

Carneiro (2005) salienta que a noção de processo – crucial na perspectiva sociológica da pobreza – encontra-se ausente no enfoque monetário. As mensurações mediante renda e consumo, verificadas em um dado momento no tempo, possibilitam ampliar o conhecimento de aspectos referentes à pobreza de indivíduos, grupos ou domicílios. Porém, não são consideradas outras variáveis relevantes para sua caracterização, como idade, sexo, circunstâncias familiares, educação, condições de vizinhança; perdura uma concepção unidimensional sem considerar a pobreza como fruto de processos sociais.

3.2 O enfoque das necessidades básicas insatisfeitas

Contrapondo-se a abordagem anterior, essa perspectiva parte do pressuposto que existem variáveis não monetárias que influem na condição da pobreza. Adotada na América Latina entre os anos de 1970 e 1980, orienta-se pela identificação de déficits e níveis de carência que incidem sobre a pobreza. Procura “*establecer si los hogares están satisfaciendo las necesidades consideradas básicas, a través del análisis de los bienes y servicios efectivamente consumidos. Los pobres serán aquellos cuyo consumo no alcanza un umbral de satisfacción de una o más necesidades básicas*” (MIDEPLAN, 2002, p. 10.)

As variáveis identificadas neste enfoque não são estabelecidas *a priori*, antes são contextualizadas temporal e geograficamente, incluindo diferentes possibilidades, tais como o acesso aos serviços básicos (educação, saúde, habitação, transporte...), e processos de natureza psicossocial (participação social, autonomia, autoestima, capacidades...). Desta feita, esta abordagem insere “a relatividade presente na caracterização e mensuração da pobreza: as necessidades são relativas a tempos e lugares e referidas aos padrões vigentes em cada sociedade” (CARNEIRO, 2005, p. 41).

Embora, conforme CARNEIRO (2005), esse enfoque incorpore a multidimensionalidade da pobreza, considerando a interdependência entre as diferentes carências, compartilha com o modelo monetário um elemento de fragilidade comum: prioriza as dimensões materiais do fenômeno e institui um limiar entre pobres e não pobres sob a ótica dos mínimos sociais. A aplicabilidade desta perspectiva aos programas de enfrentamento e erradicação da pobreza também se mostra limitada, uma vez que não localiza as conexões entre os elementos condicionantes da pobreza e sua reprodução (Ibid.).

3.3 O enfoque das Capacidades

A partir das limitações dos dois enfoques percorridos anteriormente surgem a partir de 1980 novas concepções sobre pobreza, dentre elas a de privação relativa, onde se buscou compreender a pobreza de forma mais abrangente com ênfase no aspecto social (CRESPO e GUROVITZ, 2002). Sob esta nova ótica, sair da pobreza consistia em possuir regime alimentar adequado, certo nível de conforto, o desenvolvimento de papéis e comportamentos socialmente adaptados. Contrapondo-se a esta concepção, desenvolveu-se a ideia de que com o eficaz funcionamento dos mercados, as economias se tornariam prósperas e o desenvolvimento gerado se estenderia posteriormente aos pobres – ideia muito bem acolhida pelas instituições de crédito situadas na capital norte-americana -, tese que ficou conhecida como Consenso de Washington.

O enfoque da privação relativa ampliou seus debates e tem atualmente no economista indiano Amartya Sen, ganhador do prêmio Nobel de Economia (1999), um dos seus principais representantes. O enfoque das capacidades por ele construído se constitui para Carneiro (2005) e Cunha (2013), um divisor de águas no debate sobre o fenômeno da pobreza. O trabalho de Sen (2013, p. 118) se concentra “nas capacidades de as pessoas fazerem coisas que elas têm razão para prezar e na sua liberdade para levar um tipo de vida que elas com razão valorizam”. Sob este prisma, a pobreza é concebida como privação de capacidades básicas, sem se excluir a renda como variável significativa, uma vez que a insuficiência ou ausência desta pode ser uma das causas da privação de capacidades de uma pessoa, todavia não é a única responsável

pela geração das mesmas. “O foco não é mais a renda, sendo que os recursos monetários são meio para adquirir o bem estar e não o bem estar em si” (CARNEIRO, 2005, p. 42).

Este enfoque ao incorporar variáveis como: idade da pessoa, papéis sexuais e sociais, localização geográfica, condições epidemiológicas e outras sobre as quais se pode ter controle ou apenas um controle relativo, possibilita identificar aspectos subjacentes à distribuição da renda, os quais permitem ampliar a análise da pobreza²⁶. Para Sen (2013), a renda possibilita a realização de uma dada capacidade, porém o eixo central é a capacidade e não a renda, sendo esta um meio e aquela um fim. Sob esta lente, conforme o Documento Mideplan (2002), pode haver no fenômeno da pobreza dificuldades ou capacidades inadequadas para transformar os meios em fins, considerando-se que as oportunidades mais básicas do desenvolvimento deveriam proporcionar dentre outros aspectos, vida longa, saúde, criatividade, dignidade, autoestima e respeito. O eixo focal da abordagem de Sen é a expansão das capacidades para que as pessoas tenham condições de ter a vida que valorizam.

Carneiro (2005) evidencia que a distinção da abordagem monetária da das capacidades é a ênfase conferida pela primeira aos recursos privados aos quais as pessoas têm acesso, enquanto que na segunda a preocupação é analisar a vida que as pessoas podem ter. Mister, então, se faz perguntar sobre as oportunidades oferecidas por cada uma das sociedades, os constrangimentos e possibilidades dadas pelas condições sociais, políticas ou econômicas para que as pessoas possam ter uma vida digna.

Amartya Sen introduz a perspectiva da liberdade no centro da discussão sobre pobreza, justiça e direitos humanos. Esta mesma concepção também esteve presente no pensamento de Adam Smith, pois considera que as necessidades são definidas a

²⁶ Sen (2013) aborda, por exemplo, o que acontece em muitos países da Ásia e da África setentrional no que diz respeito à preferência pelos meninos na alocação dos recursos da família, fazendo com que o grau de privação das meninas que constituem os membros negligenciados do grupo seja mais bem constatado quando verificada a privação das capacidades (maiores taxas de mortalidade, morbidez, subnutrição, negligência médica) do que quando empregada a análise baseada na renda. Neste contexto, a pobreza como privação de capacidade é mais intensa do que a manifestada no espaço da renda.

partir dos efeitos que costumes e normas sociais têm sobre a liberdade da pessoa. O próprio Sen (2013) ao discutir a abordagem smithiana ressalta que esta acoplou às discussões da pobreza, as noções de inclusão e exclusão, especificamente no que tange a capacidade de aparecer em público sem se sentir envergonhado, bem como de participar da vida em comunidade.

Apesar da importância de se considerar a relação entre pobreza de renda e pobreza de capacidades, não se pode incorrer no erro de ter na redução da pobreza de renda a motivação suprema para a construção de políticas para o enfrentamento e erradicação da pobreza. Neste sentido, escreve Sen (2013. p. 126):

É perigoso ver a pobreza segundo a perspectiva limitada da privação de renda e a partir daí justificar investimentos em educação, serviços de saúde etc. com o argumento de que são bons meios para atingir o fim da redução da pobreza de renda. Isso seria confundir os fins com os meios.

A pobreza deve ser compreendida como privação da vida que as pessoas podem viver e das liberdades que elas têm. É neste ponto, conforme o autor que se situa a expansão das capacidades, as quais caminham ao lado do poder auferir renda, uma vez que um aumento naquelas contribui direta e indiretamente para enriquecer a vida humana e tornar as privações mais raras e menos crônicas. “As relações instrumentais, por mais importantes que sejam, não podem substituir a necessidade de uma compreensão básica da natureza e das características da pobreza” (Ibid., p. 126).

A abordagem das capacidades possibilita uma maior amplitude de compreensão do fenômeno da pobreza quando comparada aos enfoques da renda e das necessidades básicas insatisfeitas. Assim como estas duas perspectivas, apresenta limitações: algumas capacidades são mais difíceis de serem mensuradas que outras, quando submetidas a medidas correm o risco de ocultar mais do que revelar (SEN, 2013); por mais que se reconheça o componente relacional, permanece o foco no âmbito dos indivíduos no que tange ao exercício da liberdade; dificuldade de operacionalizar de maneira adequada a concepção de capacidade, já que se refere, sobretudo, ao futuro, à capacidade de ser e de fazer algo (CARNEIRO, 2005). Cabe por fim destacar, que a noção de condição de agente dos indivíduos é um dos potenciais

desta abordagem, já que os chama em causa na construção de políticas de superação da pobreza.

3.4 Outros enfoques: O Capital Social

Com base nas críticas à perspectiva centrada na renda e consumo, surgem além dos enfoques das necessidades básicas insatisfeitas e das capacidades, outros enfoques: Exclusão Social; Desenvolvimento Humano; Capital Social; e Vulnerabilidade, proteção social e manejo social do risco. Estes ao considerarem variáveis como o acesso aos serviços básicos e os componentes psicossociais, possibilitam identificar fatores exógenos às pessoas, como a disponibilidade dos serviços de saúde, educação, mercado de trabalho, etc e endógenos que dizem respeito às qualidades e ações que pessoas, famílias, grupos e comunidades dispõem para superar a pobreza (MIDEPLAN, 2002).

No intuito de identificar alguns dos recursos que os moradores do bairro George Américo dispõem para o enfrentamento e superação da pobreza, discorreremos brevemente sobre o Capital Social. Uma leitura e discussão mais detalhada e aprofundada sobre este e os outros enfoques podem ser encontradas no documento Mideplan (2002) e nos trabalhos de Carneiro (2005) e Cunha (2013).

O conceito de Capital Social tem sua emergência na década de 80 e ainda hoje reúne debates em torno de sua construção teórica. Com base em Durston, o Documento Mideplan (2002, p.22), dentre outras definições, traz *“el contenido de ciertas relaciones sociales: las que combinan actitudes de confianza con conductas de reciprocidad y cooperación, que proporciona mayores beneficios para aquellos que lo poseen, que lo que podría lograrse sin este activo”*. Os seguintes elementos podem constituir o capital social: memória social; identidade (incluída a etnia); religião; amizade; parentesco; princípios de reciprocidade horizontal e vertical; fatores de satisfação socioemocionais: pertença, afeto, autoestima. Tais conteúdos são universais, porém, a sua simples presença não determina automaticamente a presença do capital social. A família constitui-se em espaço significativo de geração do capital social, pois é fonte de bens relacionais: confiança, fraternidade, reciprocidade, paternidade,

maternidade... as quais quando internalizadas estendem-se ao todo da sociedade (DONATI, 2008). Para tanto, necessário se faz a vivência de relações qualitativas.

O capital social é um recurso que se pode formar, construir e acumular mediante contribuição de agentes externos, como grupos e comunidades; possibilita ainda superar a pobreza e melhorar a qualidade de vida (MIDEPLAN, 2002). Conforme Cunha (2013), os instrumentos de geração e mobilização do capital social são capazes de pôr em funcionamento políticas sociais efetivas de redução da pobreza, pois têm o potencial de estimular o processo de empoderamento por parte dos grupos sociais, comunitários e familiares, na busca pelo bem comum e desenvolvimento dos seus membros, mediante a solidariedade, confiança, reciprocidade e cooperação.

No horizonte de reflexão sobre capital social e pobreza significativo é o trabalho de Alcântara, Dias, Fonseca, Moreira, Reis e Petrini (2012), fruto da pesquisa *Combate à pobreza e às desigualdades sociais: rotas de inclusão*, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador - UCSAL²⁷. O estudo do tipo qualitativo-quantitativo desenvolveu-se com 67 participantes de projetos sociais e educacionais de duas áreas pauperizadas de Salvador, Novos Alagados e Nordeste Amaralina. Objetivou-se analisar as circunstâncias nas quais as pessoas que vivem em situação de pobreza enfrentam tal condição, investigando-se a tensão entre projetos de vida construídos para melhorar as condições de saúde, educação, moradia e trabalho, e estratégias de sobrevivência, as quais se referem ao “desenvolvimento de atividades ocasionais pelas quais as pessoas se voltam para alcançar o mínimo indispensável à sobrevivência, atendo-se apenas à necessidade momentânea sem intenção de projetar-se no futuro” (Ibid., p. 171).

Partiu-se da hipótese de que no enfrentamento à pobreza, a construção do projeto de vida constitui-se em via primeira. Pressupunha-se que quando há apoio, estímulo, acolhida e valorização por parte da família tal iniciativa tem mais probabilidade de existir. De maneira análoga, supunha-se que as associações locais ou de origem

²⁷ Os resultados da referida investigação foram publicados no artigo: ***Família, capital humano e pobreza: entre estratégias de sobrevivência e projetos de vida***. Revista *Memorandum*, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 2012, ISSN 1676-1669. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br>.

externa à comunidade, ofereciam meios de formação, suporte técnico e psicológico, possibilitando e revisando o projeto de vida em execução.

Os autores identificaram como recursos de capital social em Novos Alagados, projetos na área educacional como reforço escolar, creches e centros profissionalizantes, viabilizados mediante iniciativas de associações comunitárias, instituições religiosas e organizações não governamentais. Considerando a renda familiar que é muito baixa, o Programa Bolsa família, que atinge boa parte dos participantes, constitui-se em apoio financeiro complementar, embora não resolva a problemática do subemprego e desemprego presentes na população local. A presença de grupos organizados nos dois bairros do estudo em questão, como a igreja, grupos de capoeira e de dança, favorecem o incremento de capital humano e de bens relacionais (Ibid.).

Os resultados da investigação dos referidos pesquisadores confirmaram suas pressuposições: o processo de combate à pobreza principia-se quando a pessoa se propõe a construir um projeto de vida e se empenha em efetivá-lo, buscando melhorar as condições que estão em seu entorno ou de algum membro de sua família. Os achados revelaram que esta iniciativa teve mais probabilidade de acontecer nos casos em que a família deu suporte, incentivou, acolheu e valorizou a pessoa. O suporte oferecido nas diferentes áreas pelas associações de caráter local, externo, governamentais e não governamentais, também são fundamentais neste contexto.

Em perspectiva semelhante está a reflexão de Petrini, Fonseca e Porreca (2010), em *Pobreza, capital humano, capital social e familiar*, na qual se investiga a pobreza a partir dos recursos que essa camada populacional dispõe em sua realidade para superar as condições adversas de sua existência, em busca da inclusão social. Os autores pontuam a um só tempo, a importância da implementação de mecanismos e políticas públicas que promovem a redistribuição de renda, possibilitem oportunidades de trabalho, capacitação profissional e educação de qualidade, ao mesmo tempo em que é fundamental identificar os recursos que os próprios pobres têm, que quando potencializados podem contribuir para a mudança social. Afirmam eles que o ambiente familiar e a participação em associações que acompanhem e estimulem as pessoas a

disporem de qualificação adequada e de motivação para crescer, podem ser decisivas na promoção da inclusão.

Relações familiares qualitativas são essenciais na construção de projetos de vida capazes de enfrentar os desafios e transpor os limites do ambiente cotidiano. “As relações familiares constituem recursos extraordinários para a pessoa e para a sociedade, quando geram capital social familiar. Por isso, a família não pode ser deixada de lado na elaboração de programas de combate à pobreza e à exclusão social” (Ibid., p. 193). Refletem ainda sobre a fragilidade e vulnerabilidade dos vínculos e relações familiares na cultura atual que põem em questão o comportamento, os critérios de avaliação e os valores que norteiam a conduta. Acresce-se a isso, o cotidiano dos bairros pobres que circunscrevem a vida dos adolescentes e jovens, permeados por sedutoras oportunidades de rápido enriquecimento que podem ocasionar altos riscos por oportunizarem o envolvimento em atividades com a lei.

Os autores apontam para a necessidade de políticas sociais que fomentem programas de intervenção orientados para sustentar a responsabilidade das famílias a fim de que possam realizar suas tarefas. Neste contexto, faz-se necessário intervir para o fortalecimento qualitativo dos vínculos familiares, sem que as instâncias públicas tomem o seu lugar. O enfrentamento da pobreza e a diminuição dos índices de violência dependem de ações planejadas que integrem fatores micro sociais, econômicos, comunitários, pessoais e familiares, e “de investimentos sociais que possibilitem a reorganização da esperança de que o empenho para crescer, mesmo com disciplina e sacrifícios, vale a pena porque é efetivamente possível dedicar-se a um projeto de vida e conseguir acesso a uma vida digna, feita de trabalho e de afetos familiares positivamente orientados” (Ibid., p. 193).

Identificados alguns dos enfoques através dos quais a pobreza é concebida, abordar-se-ão a seguir, alguns fatores que contribuíram para a ocupação do atual bairro George Américo. Na origem, a pobreza; nos dias atuais, o desafio de criar e recriar possibilidades para a superação cotidiana da mesma.

3.5 Aspectos incidentes na formação do bairro George Américo

O estudo de Caldas (1998) revela que aspectos de ordem física, política e socioeconômica contribuíram para a ocupação do antigo campo de aviação em Feira de Santana. Os de caráter físico compreendem condições favoráveis para fixação habitacional: área com vegetação rasteira, plana e com boa topografia, o que favoreceu os trabalhos preliminares de limpeza e a demarcação dos lotes, inclusive possibilitando baixo custo de implantação. Acresce-se a localização²⁸ próxima a espaços de moradia já infra estruturados, que compreendem os bairros Campo Limpo e Pampalona, e os conjuntos habitacionais Morada das Árvores e Cidade Nova, dotados de serviços de água, luz, telefone, escolas, transporte coletivo, serviço de gás, gêneros alimentícios e outros.

Os aspectos políticos inscrevem a ausência de uma destinação de uso do espaço – antigo campo de aviação – por parte das esferas municipal, estadual e federal entre os anos de 1984 a 1987, período em que a área deixou de cumprir sua função, configurando-se como um espaço urbano em disponibilidade.

Os vazios urbanos de cidades que passaram por um intenso processo de migração e urbanização como Feira de Santana são passíveis de ocupação quando, a estes lugares, não são destinados nenhuma função imediata, despertando o interesse dos contingentes humanos de baixa renda que necessitam de um local para morar (CALDAS, 1998, p. 110).

Sobrepõe a isso, a ausência de uma política habitacional compatível com a realidade local, uma vez que, em Feira de Santana, uma cidade de entroncamento rodoviário, “ocorre alto grau de migração, que fez acumular, ao longo dos anos, um déficit de moradia para as camadas de baixa renda que passaram a ocupar vazios urbanos bem localizados e em disponibilidade” (Ibid., p. 110)²⁹.

²⁸ O bairro situa-se a 300 metros da Avenida do Contorno. As principais vias que dão acesso ao local são a Rua Bertulina Carneiro, para quem se desloca pela BR -116 no sentido Norte, e a rua Bartolomeu de Gusmão, para quem se desloca pela BR – 116 no sentido Sul.

²⁹ Em seu artigo *O desenvolvimento urbano em Feira de Santana (BA)*, Santo (2003) elucida que o aspecto migratório marca a cidade de Feira de Santana desde a sua origem, no século XVIII. As favoráveis condições geográficas de localização numa zona intermediária entre o litoral úmido e o interior semi-árido nordestino, com chuvas nos períodos de abril a junho e setembro a dezembro, com a presença de nascentes e lagoas, atraiu a fixação humana na cidade. A cidade por estar situada no caminho entre o Recôncavo e as pastagens de Mundo Novo, Jacobina e o Médio São Francisco, e circunscrita por excelentes pastagens naturais, favoreceu posteriormente, a Feira do Gado, bem como um comércio paralelo de alimentos indispensáveis à sobrevivência de viajantes e vaqueiros que ali passavam. Esta última tipologia de comércio ainda hoje é desenvolvida na cidade e se constitui em fonte de sobrevivência para inúmeras famílias da zona rural e urbana.

Quanto aos fatores de ordem socioeconômica, cumpre destacar que a realidade das pessoas que ocuparam a área, reflete aspectos de uma conjuntura de crise mais ampla: a do capitalismo mundial, que, no contexto latino-americano, afetou a oferta de empregos, fez baixar salários, dificultou a sobrevivência e a qualidade de vida das pessoas, afetando de forma mais drástica as necessidades sociais das camadas de baixa renda (Ibid.).

Em termos locais, evidencia-se o acelerado processo de urbanização ocorrido em Feira de Santana a partir da segunda metade do século XX, transformando a cidade em pólo de desenvolvimento econômico que atraiu inúmeras pessoas em busca de melhores oportunidades de trabalho e de estudos, concentrando pessoas e problemas diversos que refletiram na questão da moradia (CALDAS, 1998; SANTOS, 2010). Freitas (1998) discute a criação do Centro Industrial Subaé (CIS), parte integrante do projeto das forças políticas nacionais que objetivavam além de ampliar o poder do Estado, viabilizar a saída da estagnação econômica que acompanhava o país, implantando a industrialização em diferentes regiões do país. A construção do CIS atraiu um grande contingente populacional e problemas de habitação³⁰.

As expectativas de trabalho em relação ao Centro Industrial Subaé, atraíram inúmeros migrantes à Feira de Santana, todavia, grande parte destes viu seus sonhos frustrados frente à impossibilidade de conseguir trabalho na indústria e espaço para morar. Em 22 de fevereiro de 1980, o Jornal Feira Hoje articula em manchete tal realidade: “retirantes sem assistência ocupam a periferia da cidade”. Neste cenário, conforme Santos (2010), aumenta o número de mendigos e moradores de rua. Também chegavam à cidade, pessoas que deixavam sua terra natal por motivo da seca, “em decorrência da seca que assola não somente a Bahia, mas também outros estados nordestinos, cresce a cada dia o fluxo de migrantes que chegam à cidade” (Jornal Feira Hoje, 08/03/1980). Migrantes oriundos da zona rural não constituíam mão-de-obra qualificada para o trabalho na indústria.

³⁰ De acordo com Freitas (1998), entre as décadas de 70 e 80, a cidade recebeu em média de 53.569 migrantes, isto é, uma média de 30% da população da época. Acontece um inchaço na urbe: desprovida de infraestrutura, não tem condições de acolher e acomodar tantas pessoas.

Em meio a este contexto de luta pela sobrevivência e busca da consolidação do direito à moradia, aconteceu a ocupação do atual bairro George Américo. Em suas quase três décadas de existência, o bairro foi se expandindo e conta atualmente com uma população média de 15.486 habitantes (SIAB, 2013) ³¹. A seguir, alguns elementos que compõem o cenário cotidiano deste espaço geográfico.

3.6 O bairro hoje

Em relação à ocupação, os barracos provisórios foram substituídos gradativamente por casas permanentes, construídas em regime de mutirão, autoconstrução ou mão-de-obra contratada. As moradias em sua maioria são simples, feitas de blocos ou tijolos. São frequentes os chamados *puxadinhos*, espaços acrescidos no fundo ou ao lado das casas, nos quais comumente residem parentes próximos. As configurações familiares mais incidentes são: família nuclear, ampliada, reconstituída e monoparental, cujo responsável mais frequente é a mãe.

Os espaços públicos configuram as poucas alternativas para a prática de lazer. A praça equipada com uma quadra poliesportiva normalmente é utilizada por jovens, adolescentes e adultos homens que jogam futebol. O campo de futebol compreende um amplo espaço de terra batida e vegetação rasteira, atrai crianças, jovens e adultos da comunidade local e vizinhas. A feira livre composta por barracas e bancas construídas a critério das necessidades dos feirantes, envolve a circulação de muitas pessoas aos domingos. Constitui-se além de fonte de sobrevivência, mediante venda e compra de produtos de primeira necessidade, espaço de convívio entre moradores locais e adjacências, oportunizando a troca de experiências, informações e conversas acerca do cotidiano.

³¹ Este dado foi concedido pelo SIAB - **Sistema de Informação da Atenção Básica** da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Feira de Santana e diz respeito ao número de famílias cadastradas por este serviço. A população do bairro é maior que este número. Como o espaço geográfico pertencia anteriormente ao bairro Campo Limpo, os censos demográficos contemplam sua população dentro desse bairro, que em 2010, possuía 47.056 habitantes (http://populacao.net.br/populacao-campo-limpo_feira-de-santana_ba.html). Cumpre destacar que a população da cidade, conforme o último censo é de 556.756 habitantes (IBGE, 2010).

Frente ao desafio cotidiano de assegurar a sobrevivência, forjam-se alternativas criativas: cômodos das próprias residências são transformados em espaços de venda de doces e salgados produzidos artesanalmente, proporcionam ainda a realização de atividades como cabeleireira, manicure, *roupa de ganho*³². Muitos moradores trabalham no centro da cidade ou em bairros vizinhos, outros nos serviços públicos locais, como os agentes de saúde. Entre os homens são comuns os trabalhos de pedreiro, bicos, alugar carretos. Em muitas casas encontram-se espaços improvisados para o funcionamento de bares. O índice de alcoolismo no bairro é alto e os reflexos deste, conforme relatos de moradores ouvidos na observação em campo, repercutem em atos de violência doméstica e infantil comumente praticados por maridos, pais, padrastos, figuras do sexo masculino.

Quanto à infraestrutura, o bairro possui os serviços de iluminação pública e domiciliar. Nas ruas, a iluminação é precária: o serviço de reposição de lâmpadas queimadas feito pela prefeitura não é eficiente. Mesmo dispondo de abastecimento de água, moradores que têm condições financeiras a compram para beber, pois a que vem pela torneira apresenta índices de salobridade. O transporte urbano é realizado por uma empresa nos dias úteis, feriados e fins de semana. Frequentes são as queixas em relação ao não cumprimento do horário e o preço da tarifa, que segundo moradores, é alta para o trajeto do bairro aos terminais de ônibus ou ao centro da cidade. Há serviços de coleta de lixo, saneamento e esgoto.

Quanto aos estabelecimentos de ensino, existe apenas uma escola municipal que atende o ensino de 1º ao 5º ano e Educação para Jovens e Adultos (EJA), uma creche municipal e muitas instituições privadas do ensino maternal ao 5º ano. Não há no bairro escola estadual e que ofereça o ensino médio ou curso profissionalizante, meios de capacitação que instrumentalizam a procura de melhores condições de trabalho.

Na área da saúde o bairro conta com o suporte de uma Policlínica pública de atendimento 24 horas que oferece os serviços de pronto atendimento urgência e

³² Expressão utilizada no cotidiano do bairro para designar o trabalho das mulheres que recebem roupas para lavar em troca de remuneração financeira.

emergência, ambulatorial nas áreas de angioplastia, ortopedia, gastrointestinal e realização de pequenas cirurgias, a chamada demanda espontânea compreende ginecologia, clínica e pediatria. Existem quatro Unidades de Saúde da Família com funcionamento semanal: horário comercial. Cada uma destas possui em média de 1.400 a 1.800 famílias cadastradas, acompanhadas por 8 agentes de saúde, que deveriam atender 160 famílias cada um, devido a grande demanda, este número cresce para 180 a 190 famílias. Médicos, enfermeiras, técnicos de enfermagem, zeladores, recepcionistas também compõem a equipe de profissionais que ali atende. Conforme relatos de agentes de saúde, o Programa Bolsa Família conforma-se em demanda de maior atendimento³³.

A comunidade possui um Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, com atendimento semanal, no período matutino e vespertino. A equipe de profissionais compreende: uma coordenadora (assistente social), um psicólogo, uma pedagoga, um educador físico, três assistentes sociais, uma orientadora educacional, dois agentes administrativos, um agente de portaria e uma funcionária serviços gerais. As atividades integram: Grupo de 0 a 17 anos e idosos (Programa Fortalecimento de Vínculos), e Mulheres, às quais são oferecidas oficinas de corte e costura, artesanato, produção de doces e salgados³⁴. Relatos de profissionais evidenciam ser o Bolsa Família a maior demanda de atendimento, sendo o cadastro feito por um agente deste programa e o acompanhamento, pelo CRAS.

Em 27 de setembro de 2012, foi implantada no bairro a primeira Base de Segurança Comunitária (BCS) da cidade. De acordo com o coronel, Adelmário Xavier, comandante do CPRL (Comando de Policiamento Regional Leste), “a escolha do George Américo foi devido aos levantamentos realizados pela polícia considerando o

³³ Os dados aqui apresentados referentes à composição das equipes multiprofissionais, ao número de famílias cadastradas e atendidas por cada agente de saúde, as demandas de maior atendimento, foram colhidas na observação em campo, mediante visita realizada às Unidades de Saúde e através de perguntas feitas aos próprios agentes de saúde na participação dos momentos religiosos das denominações participantes da presente investigação.

³⁴ Informações obtidas em visita realizada ao CRAS em 12 de maio de 2014. O profissional psicólogo que nos atendeu e explicou o funcionamento do Serviço, relatou que o mesmo é procurado em sua grande maioria por mulheres, motivo pelo qual se oferecem essas oficinas. O profissional associa a pouca procura do serviço pelos homens a dois motivos: trabalharem durante o dia, ou seja, no período em que são proporcionadas tais atividades; e/ou pelo sentimento de vergonha de participarem das oficinas.

alto índice de homicídios e outros delitos, no local” (www.correiofeirense.com.br, em 18/09/2012). Sua finalidade, conforme o coronel é “promover a segurança e a convivência pacífica em localidades identificadas como críticas, melhorando a integração das instituições de segurança pública com a comunidade local e reduzindo os índices de violência e criminalidade e proporcionando aos moradores uma parceria entre polícia e o cidadão” (Ibid.).

Após um ano de implantação da BCS, os dados registram redução de até 92,86% nos números de homicídios, os quais totalizavam 14 em 2012 e apenas 1, em 2013. As tentativas de homicídio foram 16 em 2012, e apenas 1 foi registrada em 2013, configurando uma redução de 87,50%. As prisões em flagrante tiveram um aumento de 157,89%, passando de 19 em 2012 para 49 em 2013 (www.acordacidade.com.br, em 26/09/2013). Em 13 de setembro de 2013, a BCS implantou um Conselho Comunitário que, de acordo com o comandante tenente Ermillo Campos, “visa tornar viável a aproximação das diversas associações representativas da sociedade, bem como atender as demandas e identificar focos específicos de problemas, tomando medidas preventivas ao enfrentamento dos delitos” (Ibid.).

Apesar da implantação da BCS e da redução dos índices de homicídio, moradores convivem com o medo da violência e de assaltos, sendo os cuidados redobrados no período da noite. Mulheres relatam que no passado quando ouviam gritos de socorro, imediatamente corriam para ajudar. Hoje pensam duas vezes antes de o fazer, pois temem tornarem-se também vítimas, preocupando-se sobre quem cuidará de seus filhos, caso venham a faltar. O tráfico de drogas, envolvendo especificamente adolescentes e jovens, constitui-se em fonte de sobrevivência, medo e, muitas vezes, motivo de discórdia e desunião na família.

No dia 04 de novembro de 2013 foi implantado no bairro o *Comunidade Legal*, projeto do Centro de Apoio Operacional de Segurança Pública e Defesa Social (Ceosp), uma integração do Ministério Público (MP) com as Bases de Seguranças Comunitárias, que visa desenvolver atividades de aproximação entre o MP e a comunidade. Realizada na Igreja Batista Manancial, a audiência pública reuniu policiais da BCS, promotores da justiça e representantes da comunidade que apresentaram demandas locais.

Subsequente a isso, promotores coordenaram audiências com base nos temas: o Papel das Associações no desenvolvimento das Políticas Públicas e coleta seletiva de resíduos sólidos e as consequências para o meio ambiente; O Ministério Público e os Objetivos do Milênio; Paternidade Responsável; Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; Meio Ambiente, Habitação e Urbanismo. Cada promotoria está identificando as necessidades em sua área e fazendo os encaminhamentos junto a comunidade e a prefeitura.

Identifica-se no bairro a atuação de algumas associações³⁵. Algumas dessas recebem recursos do Governo Federal, ou de fundos internacionais, outras angariam fundos junto a empresas, outras sobrevivem da própria venda do que produzem ou confeccionam. A atuação se dá na área de confecção de materiais diversos, artesanato, cultura. Significativo neste contexto é a Afoxé Filhos da Luz, existente há mais de 25 anos que busca através do resgate da cultura africana, trabalhar valores e atitudes com crianças e adolescentes que apresentam em seu repertório comportamental manifestações de violência, e em suas vidas, marcas de abandono, separações e pobreza. As atividades desenvolvidas com este grupo compreendem dança afro, ensaio e apresentação de quadrilha em eventos culturais municipais, apresentação cultural no Dia da Consciência Negra (20/11). A associação também atende mulheres vítimas de violência doméstica que são acompanhadas por uma agente de saúde.

As associações enfrentam dificuldades no que tange à infraestrutura: as atividades de algumas delas acontecem em anexos organizados junto às residências dos próprios integrantes da entidade, outras em espaços alugados, esbarrando-se com a dificuldade de pagar o aluguel. Incluídas no projeto *Comunidade Legal*, as associações estão sendo acompanhadas pelo Ministério Público no intuito de poderem vir a realizar um trabalho mais efetivo junto à população do bairro.

³⁵ Conforme dados obtidos junto à 17ª Promotoria de Justiça da Comarca de Feira de Santana, em 18/08/2014, 11 são as associações presentes no bairro que possuem registro em cartório.

Percebe-se que o bairro atualmente possui infraestrutura que oferece os serviços básicos para os moradores, todavia, conforme relatos dos próprios residentes³⁶, eles não são suficientes para as demandas locais: as filas de espera para atendimento nos espaços de saúde são longas, são poucos os ambientes de lazer, a atuação de algumas das associações manifesta-se concomitantemente ao período eleitoral, são escassas as instituições de educação pública. Embora a implantação da Base de Segurança Comunitária trouxe a diminuição nos índices de homicídios, a violência urbana ainda amedronta os moradores. É delicado e difícil afirmar que tais espaços configuram-se em fontes de geração de capital social para a população local (MIDEPLAN, 2002; CUNHA, 2012), pois não se investigou esta questão na presente investigação. Estudos futuros podem vir a corroborar neste sentido. No entanto, as queixas e os relatos permitem identificar que necessário se faz um maior investimento e acompanhamento dos órgãos públicos nestes espaços. O projeto Comunidade Legal pode contribuir neste sentido, já que objetiva aproximar a população local e o Ministério Público.

Exibidos alguns elementos que compõem o cenário geográfico do bairro, apresenta-se a seguir, a análise dos dados, mediante a qual se procura identificar a presença da religião no passado e no presente do bairro, no sentido de perceber se possibilita ou não a vivência da dádiva nas relações familiares e no cotidiano da comunidade.

³⁶ Dados colhidos na observação em campo, através de conversas informais com os moradores do bairro, pertencentes às cinco denominações religiosas que compõem a amostra da pesquisa.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As interfaces religião e dádiva no contexto deste trabalho foram pesquisadas num espaço geográfico específico que, desde a sua origem, é acompanhado pelo drama da pobreza. “A pobreza é um problema para quem a vive não apenas pelas difíceis condições materiais de sua existência, mas pela experiência subjetiva de opressão, permanente e estrutural, que marca sua existência, a cada ato vivido, a cada palavra ouvida” (SARTI, 2007, p. 12). O que se buscou foi uma aproximação com este universo no intuito de identificar como a religião e a dádiva não só se constituíram como ainda hoje se constituem em rede de solidariedade que incrementam os recursos das famílias moradoras do bairro George Américo.

A investigação iniciou-se com a participação em alguns momentos específicos de cada uma das denominações religiosas: Assembleia de Deus, Batista, Católica, Candomblé e Internacional da Graça de Deus, ou seja, participou-se de dois ou três cultos, missas, sessões, caminhadas. Estes proporcionaram a identificação do/da líder religioso/a, com quem se fez uma conversa e se expôs os objetivos e procedimentos da pesquisa, mediante apresentação e leitura da Carta Convite (Apêndice - 3). Os representantes expuseram dúvidas, especificamente sobre revelar ou não a identidade dos participantes e a pesquisadora garantiu o sigilo das informações, assegurando-lhes que tais cuidados foram redigidos e encaminhados ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, órgão vinculado à Plataforma Brasil, a qual submetemos a investigação, que aprovou o projeto de pesquisa. Assumiu-se ainda o compromisso de após realização do trabalho, dar uma devolutiva aos participantes.

Isentos da finalidade de investigar o caráter específico das cinco denominações participantes, no que tange aos seus rituais e formas de funcionamento, a observação em campo, que se iniciou com as etapas citadas acima, foi fundamental para possibilitar a passagem do estranhamento da comunidade dos fiéis na relação com a pesquisadora ao estabelecimento do vínculo, e a posterior seleção dos entrevistados. Já nesta fase evidenciou-se a prodigalidade dos pobres manifestada no desejo de querer contribuir com a pesquisa, sinalizando os moradores mais antigos, disponibilizando-se para fazer

pontes com líderes de outras denominações, apontando pessoas que poderiam colaborar no resgate da memória, bem como proporcionando o contato com essas.

Entrevistaram-se 25 pessoas, 6 homens e 19 mulheres, com faixa etária de 31 a 86 anos de idade.

Tabela 5 – Distribuição dos Participantes da Pesquisa por Sexo

Religião	Homens	Mulheres	Total
Católicos	1	4	5
Batistas	3	2	5
Candomblé	-	5	5
Assembleia de Deus	1	4	5
Int. da Graça de Deus	1	4	5
Total	6	19	25

A configuração da família nuclear foi a mais encontrada.

Tabela 6 – Distribuição das Configurações Familiares

Religião	Solteiro	Nuclear	Reconstituída	Viúva	Total
Católicos	1	3	1	-	5
Batistas	1	4	-	-	5
Candomblé	2	2	-	1	5
Assem. Deus	1	1	2	1	5
Int. Graça	-	5	-	-	5
Total	5	15	03	02	25

Pode-se dizer que as famílias têm em média de 1 a 4 filhos.

Tabela 7 – Distribuição do número de filhos por religião

Religião	0 filho	1 filho	2 filhos	3 filhos	04 filhos	+ de 4 filhos	Total
Católicos	1	2	-	1	1	-	5
Batistas	1	1	2	-		1	5
Candomblé	-	1	-	-	2	2	5
Assem. Deus	-	-	-	3	2	-	5
Int. Graça	-	2	3	-	-	-	5
Total	2	6	5	4	5	3	25

O nível de escolaridade mais incidente é o Ensino Médio Completo, seguido do Ensino Fundamental Incompleto, constituindo-se o Candomblé na religião cujos entrevistados apresentam o menor nível de instrução escolar, e sendo o Terceiro Grau Completo encontrado apenas no sacerdote católico, no pastor batista e em uma das fiéis batistas.

Tabela 8 – Distribuição dos participantes por nível de instrução

Religião	Nunca estudou	Ensino Fund. Compl.	Ensino Fund. Incompl.	Ensino Médio Compl.	Ensino Médio Incompl.	3º Grau Compl.	Total
Católicos	-	-	2	1	1	1	5
Batistas	-	-	1	2	-	2	5
Candomblé	2	-	2	1	-	-	5
Assem. Deus	-	1	1	3	-	-	5
Int. Graça	1	-	-	4	-	-	5
Total	3	1	06	11	1	3	25

A distribuição da renda per capita no conjunto da amostra tem sua maior concentração na faixa de 2 salários mínimos, encontrando-se apenas em adeptos da Internacional da Graça de Deus, a renda de 4 e 5 salários - um fiel e a líder religiosa, respectivamente - e no Candomblé, pessoas sem renda fixa mensal – uma das mulheres vive do trabalho informal e outra, está desempregada - configurando-se este o grupo de maior vulnerabilidade econômica.

Tabela 9 - Distribuição da Renda per capita

Religião	1 salário	1 sal. e 1/2	2 salários	2 sal. e 1/2	3 salários	4 salários	5 salários	Não tem Renda fixa	Total
Católicos	1	1	3	-	-	-	-	-	5
Batistas	1	-	2	-	2	-	-	-	5
Candomblé	1	1	1	-	-	-	-	2	5
Assem Deus	-	-	2	1	1	-	-	-	4*
Int. Graça	1	-	2	-	-	1	1	-	5
Total	4	2	10	1	3	1	1	2	24

Obs: * Um das pessoas entrevistadas não declarou.

No que tange ao recorte cor, morena, parda e negra foram as de maior incidência, distribuídas de forma equilibrada nas religiões.

Tabela 10 – Distribuição de cor por religião

Religião	Branca	Negra	Parda	Morena	Total
Católicos	1	2	-	2	5
Batistas	-	1	1	3	5
Candomblé	-	1	2	2	5
Assem Deus	-	1	2	2	5

Int. Graça	1	2	2	-	5
Total	2	5	6	9	25

É difícil dizer que os dados do censo 2010, abordados no capítulo 1 deste trabalho, encontram correspondência com os resultados aqui apresentados, particularmente quanto aos recortes cor e renda, uma vez que a amostra em questão constitui-se em um número muito pequeno de participantes. Outra limitação diz respeito à não especificação de algumas nuances por parte do censo, no que concerne por exemplo, à nomenclatura *evangélicas pentecostais*, não deixando claro quais denominações engloba e se estas contemplam as neopentecostais. Considerando tais limitações, decidimos não tecer comparativos, nestes aspectos, entre a realidade macro e a micro social, embora parece ficar evidente que a maior concentração nacional de pentecostais na categoria até 1 salário mínimo não encontra correspondência no cenário pesquisado, compondo-se este de um maior número de católicos e participantes do Candomblé.

Optamos, por uma razão didática, agrupar a análise e discussão dos dados com base nas categorias família, religião e dádiva. Estas mesclam seus matizes e se inter-relacionam no cotidiano do contingente investigado.

4.1 Família

A partir dos dados obtidos verifica-se que a família entre os participantes é a base, o suporte, o espaço simbólico fundamental para a formação e o convívio cotidiano:

Família pra mim é a base de tudo, é o alicerce da vida. Sem esse alicerce a vida desmorona (Lia, 35 anos, depoente católica, em 13/07/2014).

Família é a base de tudo de uma pessoa. Porque se você parar para analisar uma família hoje, mesmo se você estiver triste, com dificuldades, o que acontecer com você a família está sempre ali pra te apoiar (Marcos, 38 anos, depoente batista, em 20/06/2014).

É uma coisa importante para o homem e para mulher que Deus constituiu pra que vivesse em convívio um com o outro (Paulo, 54 anos, depoente da Internacional da Graça de Deus, em 06/07/2014).

É um portal, é com quem a gente conta quando a gente mais precisa (Raquel, 45 anos, depoente do Candomblé, em 07/07/2014).

Além dos laços sanguíneos, fazem parte da família pessoas com quem se estabelecem vínculos significativos, tais como amigos, vizinhos e igrejas. Os relatos a seguir ilustram essa realidade.

Meus três filhos, meu pai, minha mãe, meus irmãos e hoje como eu estou numa religião também faz parte da minha família, a igreja (Susana, 52 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 01/07/2014).

Na verdade eu tenho duas famílias, tenho minha família de sangue e tenho minha família do Candomblé (Raquel, 45 anos, depoente do Candomblé, em 07/07/2014);

Principalmente meus filhos, os amigos e meus vizinhos que são também meus companheiros... os da religião também são pessoas que convivem comigo, porque sem esse povo a gente não vive (Marta, 74 anos, depoente católica, em 06/07/2014).

De forma semelhante aos achados de Sarti (2007), que investigou famílias pobres na cidade de São Paulo, identificou-se que as malhas do tecido familiar são compostas por pessoas com quem se pode contar e com quem se compartilham os dramas da existência humana.

Família pra mim é muito mais que sangue. Por que é muito mais que sangue? Porque eu creio que o sangue te liga à pessoa apenas cientificamente. Ele é meu filho, ele está ligado a mim por causa do sangue. Então alguém pode dizer: Ele pertence à sua família. Sim, a nível científico, a nível de sangue, ele pertence à minha família. Mas a nível de família, é o cuidado, a preocupação, o carinho, a divisão de problemas, lutas, dificuldades, divergências. Ele só vai fazer parte da minha família se ele fazer parte desse mundo, se ele fazer parte desse todo, dos momentos alegres, dos momentos tristes, dos momentos difíceis e de briga que a gente faz parte (João, 37 anos, depoente batista, em 23/06/2014).

A família é ainda o lugar onde se aprende a partilhar o que se tem, seja com quem se convive diariamente seja com quem necessitar.

Quando bota o pão de cada dia dentro de casa, pode ser um carroço de arroz, precisa ser dividido ali com a família que está dentro de casa. E também como já aconteceu comigo, se chegar alguém na minha porta e bater com fome, eu tendo, eu reparto. Posso não ter muito, mas o pouquinho, eu reparto (Mirian, 86 anos, depoente do Candomblé, em 11/07/2014).

O âmbito familiar constitui-se em uma das fontes das quais emana a aprendizagem da dádiva, especificamente a que apresenta o caráter voluntário (GODBOUT, 1999).

Meus pais sempre me ensinaram: “Olha ajudar sempre é bom”. Eu mesmo digo por mim, porque eu acho que já ajudei a bater mais de 20 laje, voluntário, assim ajudando. As pessoas vinham: “Olha me ajuda a bater uma laje”. E a gente vai lá e ajuda, faz um grupo vai e ajuda. Tem pessoas que dizem: “E você já gosta desse tipo de coisa”. E eu digo: “Eu gosto porque eu aprendi assim: que a gente deve ajudar” (Marcos, 38 anos, depoente batista, em 20/06/2014).

Condutores das comunidades, os líderes religiosos ressaltaram que o âmbito familiar quando não promove o amor, a harmonia, pode não ser construtivo para a formação e referencial humano. Apontaram a presença dos meios virtuais que cada vez mais se instalam nas relações familiares, vindo a ocupar em alguns contextos, o lugar do diálogo e da convivência.

Eu entendo que família enquanto as pessoas se amam é um lugar maravilhoso, mas família enquanto as pessoas se odeiam não serve pra muita coisa porque vai fazer com que os filhos cresçam, entendendo que família é algo que não presta (Pedro, 42 anos, líder religioso da Igreja Batista Manancial, em 27/06/2014).

Com essa evolução toda da informática, dos equipamentos, da tecnologia, eu acho que cada dia vai desaparecendo o diálogo. Eu pude ver uma reportagem no Dia das Mães, de uma avó e mãe, ela disse que não ia almoçar nem com os filhos e nem com os netos porque no ano passado eles levaram ela para um restaurante e chegando lá na mesa cada um usava o seu celular, o seu *tablet* e ela ficou sozinha ali, e chegou uma hora que ela se retirou. Eles perguntaram: “Já vai?” e ela: “Vou porque ninguém conversa comigo e ninguém fala nada, está todo o mundo aí ocupado” (Lídia, 53 anos, líder religiosa da Internacional da Graça de Deus, em 06/07/2014).

Para os líderes religiosos, a fé em Deus, a acolhida do modo de ser de cada membro da família, a união, o amor, o diálogo, a confiança, o respeito, o compromisso com as dores do/a outro/a, estão entre os elementos que mais contribuem para a convivência familiar.

É importante **crer em Deus**, ter fé no que faz, as coisas boas, não xingar, não maltratar as pessoas, não separar querendo ser um melhor que o outro. Ajudar com alimentos, roupas. **Não criticar a maneira da pessoa ser**, ser unidos (Isabel, 60 anos, líder religiosa do Candomblé, em 03/07/2014, grifos nossos).

Amor, compreensão, aquela questão da partilha: dar e receber. E principalmente o que Jesus nos ensinou: **carregar a cruz uns dos outros**. Pra mim seria a condição especial que Jesus falou pra seguir a lei de Deus, suportando uns aos outros, carregar a cruz com paciência, amar, **respeitar-se mutuamente** (Tiago, 53 anos, líder religioso da Assembleia de Deus, em 15/07/2014, grifos nossos).

Dentre os aspectos que não contribuem para o conviver em família, os líderes ressaltaram a falta de doação e o jogo de interesses fomentado pela cultura atual.

Eu acho que o casal, não só a família, ele pode viver pro resto da vida quando um se doa para o outro e quando quer ver o outro feliz, quando não tem **“Ah você não fez isso por mim, eu também não vou fazer por você”** (Pedro, 42 anos, líder religioso da Igreja Batista Manancial, em 27/06/2014, grifos nossos).

O mundo tem formado pessoas com seus próprios interesses e **a gente vê famílias sendo destruídas pelo jogo de interesses**. O pai não cede pro filho, assim como o filho não cede pro pai. O pai e a mãe, o pouco que tem cada um se assegura do seu, é aquele casamento com divisão de bens (André, 31 anos, líder da Igreja Católica, em 22/07/2014, grifos nossos).

Aspectos esses que inscrevem motivos e situações pontuados por Godbout (1999) e Machado (2004), particularmente no que se refere ao risco do alicerce familiar vir a ruir quando o cálculo se instala na convivência diária, vindo a enfraquecer a gratuidade e a generosidade na vivência das relações interpessoais.

4.2 Religião

Com base nos dados obtidos mediante fontes orais, escritas e visuais, constata-se que a religião marcou presença na ocupação do antigo campo de aviação. Os relatos dos depoentes ressaltam as denominações Católica, Universal do Reino de Deus, Batista Manancial, Assembleia de Deus, Sinos de Belém, Deus é Amor, Candomblé. O trabalho de Caldas (1998)³⁷ pontua a presença das duas primeiras e da Igreja do Evangelho Quadrangular. As fontes escritas – carta redigida pela comissão, carta resposta do bispo e clero feirense, fotografias, anotações pessoais de Irmã Marcela feitas em reuniões e assembleias (todos encontrados no Acervo da ESPA); registro no Livro Tombo da Paróquia do Senhor do Bonfim - revelam a participação das Igrejas Católica, Batista Manancial, Igreja do Evangelho Quadrangular, Assembleia de Deus e Presbiteriana.

Com base nos registros textuais e orais, constata-se que a presença da igreja Católica, especificamente das CEBs, se deu na perspectiva da organização coletiva e da mobilização da solidariedade na comunidade feirense. A organização de uma comissão com 10 pessoas das CEBs e da Associação de Moradores do Campo Limpo (AMBACLA) e 10 da ocupação, foi uma forma de chamar em causa os ocupantes no processo de discussão das necessidades, perspectivas de ação, encaminhamentos que chegassem ao maior número possível dos ocupantes. Na carta de caráter ecumênico,

³⁷ A autora faz tais menções no capítulo 3, *Conhecendo o Bairro*.

redigida pela comissão, e dirigida ao bispo, sacerdotes, movimentos, associações religiosas, pastores e irmãos de outras igrejas cristãs, evidenciam-se aspectos do catolicismo internalizado:

Conseguir um terreno para morar significa para nós a esperança de viver com dignidade que é o primeiro direito de todo o cidadão brasileiro. Como cristãos sentimos que este direito nascido da própria dignidade humana, coincide plenamente com aquilo que Deus Pai está querendo e Jesus nos ensina no Evangelho (11/12/1987).

Na base da atuação religiosa e social da comissão, valores religiosos que coadunam com os direitos humanos, especificamente o da moradia. Inserida num contexto de carência material – desemprego, falta de água, comida, roupa, frio que acompanhavam a vida nos barracos, e relacional – as brigas pela venda de terrenos por parte de alguns ocupantes, a religião orienta a conduta dos membros da comissão no sentido de integrarem a fé e as obras, movimentando-se em meio a um trabalho gratuito e voluntário, que não é realizado sozinho, mas em grupo, buscando incluir os ocupantes no processo, como bem o expressam seus critérios regentes, apresentados no capítulo 1 deste trabalho.

Diferente do ato da ocupação, planejado antecipadamente, as formas de ação da comissão foram se constituindo no contato com a realidade e as necessidades cotidianas dos ocupantes (HELLER, 2000). A busca de respostas aos problemas concretos, como doenças, aquisição de material de construção, a edificação das próprias casas, e outros, aconteceu pautada num realismo que utilizava além das circunstâncias dadas, os saberes existentes, o potencial criativo dos ocupantes – como o envolvimento de um grupo de mulheres nas visitas e preparo de chás, os mutirões de construção e preparação das refeições. Frente às situações cotidianas, recriava-se o tecido da solidariedade humana e recuperava-se a consciência dos nexos que, conforme Petrini (2003), ligam uma situação concreta ao ambiente inclusivo.

No conteúdo da carta resposta do então Bispo D. Silvério Albuquerque e do clero feirense, também transparecem feições do catolicismo internalizado: uma unidade entre fé e obras que assume uma postura de apoio e solidariedade frente à situação das milhares de famílias que ocuparam as terras do antigo campo de aviação, estendendo o apelo às autoridades municipais para que encontrassem solução para tal problema, evitando se possível, que tais famílias fossem tiradas dali e a todas as pessoas de boa

vontade para se sensibilizarem e empreenderem gestos concretos em prol de tal situação.

Deixa-se claro: “com esta declaração não estamos legitimando qualquer tipo de invasões a propriedades particulares. Mas como é de conhecimento geral, o problema de moradia afeta a milhares de famílias nesta cidade e em outras como esta” (16/12/1987). Um detalhe chama a atenção no conjunto da carta: ao se referirem ao motivo pelo qual as famílias estão neste espaço e como o fizeram, os redatores utilizam a palavra ocupação:

Durante os últimos dias estamos seguindo atentamente e com preocupação, os acontecimentos sobre a **ocupação** das terras do antigo campo de aviação... Eis aqui a razão, assim cremos, pela qual milhares de pessoas partiram para **ocupar** as terras do antigo campo de aviação... (16/12/1987, grifos nossos).

E somente na frase citada no parágrafo anterior, empregam o conceito de invasão, o que permite inferir que as razões moventes do apoio decorriam da ciência de uma necessidade concreta: a moradia, direito humano básico fundamental, que antes mesmo de ser assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), já o fora pela Bíblia.

Tanto a Sagrada Bíblia quanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos, reconhecem e defendem **o direito das pessoas terem habitação**. O livro do Eclesiástico diz o seguinte: “Eis o fundamental para se viver: água, pão/, roupa e **casa para resguardar a própria intimidade**”. (Eclo 19,21) E o artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, como que secundando a Bíblia, afirma: “Todo o homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário e habitação...” (16/12/1987, grifos nossos).

A ocupação das terras do antigo campo de aviação, inserida no contexto de desenvolvimento socioeconômico que particularmente, desde a década de 70 e 80, acompanha a cidade Feira de Santana, repercutindo diretamente no problema da habitação (CALDAS, 1998; FREITAS, 1998; SANTOS, 2010), não é imune às preocupações da instituição católica, “pareceno-nos quase evidente que os terrenos do antigo campo de aviação não poderiam ter um destino melhor do que servir para dar teto a todas estas famílias” (16/12/1987). Às vésperas do Natal, o apelo de se reconhecer nas famílias da ocupação, “a família de Nazaré em busca de um lugar para

morar” (Ibid.), um convite para que a fé pudesse ser traduzida em atitudes e gestos concretos de solidariedade.

A importância das CEBs na ocupação, especificamente mediante articulação e integração na comissão, para além das realizações concretas de organização, mobilização, reivindicação de direitos, deve ser buscada no seu método de presença junto a este contingente populacional, pois possibilitou o acolhimento e a valorização de cada pessoa, a inclusão de saberes, conferiu dignidade, resgatou a autoestima, promoveu a solidariedade nas tramas relacionais do cotidiano. Sua atuação deu-se na perspectiva da transformação social (CAMARGO, 1971), que tem no cotidiano sua força motriz (HELLER, 2000; PETRINI, 2003). O cotidiano possibilitou a vivência comunitária (STEIN, 2005), pautada na partilha em diferentes dimensões da vida: força física, alimentos, dores e alegrias, lutas e conquistas. Na atual Capela Sagrada Família está o quadro *Comunidade da Partilha* (capa), símbolo da identidade e do espírito que acompanha a vivência diária dos católicos.

Acerca da imagem *Comunidade da Partilha*, pintada por Irmã Ana Graça, por volta do ano de 1997 ou 1998, relata Agar:

Tinha partilha e depois foi feito aquele quadro lindo que faz parte da nossa história, é a nossa identidade aquele quadro. Esse quadro está na igreja do George Américo, um quadro muito lindo. A gente se procura nesse quadro e se acha ali porque foi a nossa luta, por isso também que ficou o nome Comunidade da Partilha, porque tinha, acontecia tudo isso, como acontece até hoje (Agar, 48 anos, depoente católica, em 29/06/2014).

No transcorrer dos anos, com a chegada do novo sacerdote que passou a acompanhar a comunidade, algumas mudanças se instauraram: do nome *Comunidade da Partilha* à Comunidade Sagrada Família, alterações na arquitetura da igreja, subtração da cozinha na qual se preparavam os chás. A este respeito, comenta Lia:

O tempo foi passando, outras pessoas foram entrando, outras mentes, outras cabeças, outros pensamentos e aí botou Sagrada Família porque era a única comunidade [da paróquia] que não tinha o padroeiro era a nossa. A nossa não tinha padroeiro, todas as comunidades tinham. Quando entrou um determinado líder aí pensou-se em botar o padroeiro e botou Sagrada Família. A comunidade antigamente era voltada pra lá [aponta para o altar], a porta era lá [aponta para o altar] e aqui era um salão que era onde era o salão de catequese e a cozinha. E ali na frente era a parede, tinha uma porta que dava acesso pra aqui, a esse salão, bem ali assim. E aí [mostra o local] o quadro que representava a Comunidade da Partilha, não tinha padroeiro. Com a chegada de outros líderes religiosos foi que foi visto a necessidade de um padroeiro. E devido a isso também teve essa reforma que trocou a igreja de lado, aí fechou-

se a porta de entrada e botou uma porta pra cá e outra pra lá (35 anos, depoente católica, em 13/07/2014).

Tais situações temperadas por conflitos internos foram aos poucos reconfiguradas e integradas à nova realidade que foi se delineando. Fundamental neste contexto foram as experiências comunitárias anteriores, as quais possibilitaram a recriação do espírito da partilha, ainda hoje presente entre os fiéis. Acerca desse espírito, afirma o líder religioso:

É uma característica, um predicado interessante da comunidade é que eles se auto definem como Comunidade da Partilha. E a religião tem um pouco essa responsabilidade educacional, **a religião ensina a partilhar**, a religião ensina a dividir, ensina a não se acomodar, a religião inquieta... Lá sobretudo, a religião tem esse papel fundamental, esse papel de tornar o homem e a mulher mais humanos, mais compassivos, mais misericordiosos, mais amigos uns dos outros. Eu vejo que isso lá não é uma teoria, é uma prática, a gente percebe no relacionamento das pessoas, a gente percebe no modo como eles se tratam, no modo como se encontram, conversam, realizam os festejos, celebram, tudo é muito dividido e todo o mundo muito envolvido com tudo e com todas as coisas (André, 31 anos, líder religioso católico, em 22/07/2014, grifos nossos)³⁸.

No que concerne às especificidades de atuação das outras denominações religiosas presentes na ocupação, os achados da pesquisa revelaram a presença da igreja Batista Manancial na distribuição de sopa, que foi incremento significativo para saciar a fome, bem como a vinda de profissionais que prestaram serviços gratuitos nas áreas da saúde e outras, como corte de cabelo e aconselhamento espiritual, estas últimas foram desenvolvidas em um período de tempo bem pontual: uma semana. Não se encontraram nos relatos e na pesquisa de campo, dados que evidenciassem ações de caráter social das outras igrejas. A Assembleia de Deus construiu um espaço para a oração. Os dados convergem com os achados de Caldas (1998), ao elucidar o papel ativo (fé, social e político) da Igreja Católica na história do movimento organizado do bairro, despertando para a mobilização, reivindicação e ação coletiva.

³⁸ Cumpre destacar que o pároco é sacerdote há 3 anos e há aproximadamente 2 anos acompanha a comunidade. No que tange à parte histórica do bairro que compreende a primeira parte do roteiro de entrevista semiestruturado, o sacerdote disse ter conhecimento de poucos elementos sobre o início do bairro, em nenhum momento fez menção a este quadro ou ao nome Comunidade da Partilha. Fê-lo pontualmente no bloco 2, quando perguntado: Como o senhor/a sente a religião na vida do bairro?, o que oferece condições para inferir que sua afirmação se pauta no que observa atualmente na convivência entre os membros da comunidade.

A celebração da *Semana da Memória*, uma iniciativa da Igreja Católica, mediante articulação da comissão, foi de grande significância na caminhada do bairro. Além de ter um caráter ecumênico, envolvendo católicos, batistas, presbiterianos, fiéis da Assembleia de Deus e do Evangelho Quadrangular, no planejamento e efetivação das atividades, configurou-se em espaço de rememorar experiências passadas e ressignificá-las, uma vez que problemas cotidianos eram tomados como objeto de reflexão, proporcionando ainda, condições para a manutenção da identidade do grupo (BOSI, 1995; HALBWACHS, 2008). Nas caminhadas, visitas às casas, alvoradas, nos alimentos trazidos e compartilhados, que culminavam nas celebrações da fé e da vida, mantinha-se vivo o passado e recriava-se o espírito de solidariedade e de partilha - recursos fundamentais no enfrentamento da pobreza que acompanhava o cotidiano da ocupação.

A *Semana da Memória* oportunizava às pessoas a experiência de pertencerem a uma história e a um destino comuns (PETRINI, 1984; BRANDÃO, 1986). O caráter festivo que a permeava, possibilitava a unidade entre quem cantava e quem rezava, quem encenava e quem organizava o espaço, quem dispunha uma mesa e quem levava o pão, numa sensação de abundância concretizada na partilha de alimentos que cada qual fazia, situação oposta à experimentada no cotidiano. O espírito festivo ao mesmo tempo em que revestia a concretude cotidiana de beleza (BRANDÃO, 1986), oferecia condições para a construção de um modelo de convivência inclusivo, contribuindo para manter vivo na consciência popular o desejo de um outro estilo de vida; alimentando o que Petrini (1984, p. 41), denominou de “imaginação de uma ordem radicalmente diferente de abundância e de gratuidade”.

A *Semana da Memória* proporcionava, a um tempo, manter vivo o espírito da solidariedade e a realização de ações ecumênicas motivadas pelo objetivo comum de manter viva a memória da ocupação. Hoje, com uma presença bem maior de igrejas no bairro, não se identifica o desenvolvimento de atividades comuns entre as mesmas. Sobre essa mudança, dois dos depoentes expressam:

Na época tinham poucas igrejas, quatro a cinco religiões, mas havia um poder maior de trabalho do que hoje. Talvez por conta do individualismo, enfraqueceu essa situação do passado, mas mesmo assim, a religião tem ajudado, tem

estado com as pessoas, tem conseguido libertar pessoas. Eu lembro que há pouco tempo se tentou fazer um trabalho ecumênico, coisa simples em comemoração aos 25 anos do bairro, mas não houve o êxito, o sucesso esperado, porque muitos líderes religiosos não aderiram. Talvez há uma preocupação muito mais com a proteção da minha igreja, da minha religião, em o outro não interferir, do que talvez na própria população (João, 37 anos, depoente batista, em 23/06/2014).

Acredite que a gente junto aqui no George com uma passeata da libertação três mil e tantas pessoas, quase tudo católicos, até os evangélicos foram lá pra prefeitura e não tinha uma polícia. E hoje vai ser difícil se formar uma coisa dessas. Cada um sai pra um lugar, cada um acredita numa coisa (Marta, 74 anos, depoente católica, em 06/07/2014).

A vocação ecumênica, inaugurada entre a década de 50 e 60, que se “volta de mãos abertas a todos os sistemas de sentido orientados a um ideal de construção de direitos e de valores em sua plenitude” (BRANDÃO, 2004, p.14), cuja unidade se busca nos “horizontes de sentido do destino humano” (Ibid., p. 14), coloca-se como um desafio na vivência religiosa atual do bairro.

Com base nos relatos dos depoentes e das observações realizadas em campo, identifica-se que a presença da religião nos dias de hoje “é bastante dividida” (Rute, 48 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 28/06/2014). Embora, sem dados numéricos exatos, evidencia-se um grande contingente de evangélicos:

No George hoje, os evangélicos é que estão no comando, como diz o povo” (Raquel, 45 anos, depoente do Candomblé, em 07/07/2014).

“No George Américo tem muita mistura, existe muita igreja evangélica. Da nossa igreja católica saiu muita gente pras evangélicas... Agora não sei o motivo delas saírem (Marta, 74 anos, depoente católica, em 06/07/2014).

Embora que na presente investigação, das 20 pessoas entrevistadas de outras denominações religiosas, apenas três afirmaram que antes de serem evangélicos, eram católicos, a significativa diminuição dos católicos no país, apontada por estudos (CAMARGO, NASCIMENTO, PRANDI, SINGER e SOUZA, 1973; PIERUCCI, 2004-a) e pelos censos demográficos (2000, 2010), também é evidente no bairro. Não se pesquisou as razões desta diminuição no bairro, por não ser este o foco da presente investigação, estudos futuros podem contribuir nesse sentido.

Identificam-se ainda dificuldades de acolhida e respeito para a convivência religiosa do Candomblé, por parte dos evangélicos:

O povo [evangélicos] diz que o Candomblé não é religião (Raquel, 45 anos, depoente do Candomblé, em 07/07/2014).

No relato da mãe de santo, um episódio desta natureza:

Os evangélicos enfrentaram a minha porta, tinham mais de 300 pessoas porque diziam que eu trazia muita alma pra aqui, pro meu salão. Vem muita gente aqui, o pessoal gosta de mim e eles não estavam entendendo... E eles vieram e ficaram orando e querendo botar óleo na porta, foi aquela coisa. E aqui nunca teve coisa que prejudicasse pessoa nenhuma... Veio gente de tudo que é lugar me defender, meus filhos de santo, as pessoas sabiam e vinham a toda me defender (Isabel, 60 anos, líder religiosa do Candomblé, em 03/07/2014).

Em outro momento, a líder religiosa da religião de matriz africana, expressa: “Cada um tem a sua religião, seu jeito. Eu tenho a minha. Eu acho que cada um deve respeitar a religião de cada um e quando as pessoas não conhecem precisam conhecer pra ter o respeito e entender o que é uma religião como o Candomblé” (03/07/2014).

Os praticantes do Candomblé não expressaram as denominações evangélicas que assumem tais posturas. Os elementos de não respeito às suas práticas religiosas, e a não compreensão do conteúdo que acompanha seus rituais, pode gerar, conforme já evidenciaram os estudos de Prandi (2004, 2012), entendimentos equivocados – ver nas oferendas aos orixás, a atuação do demônio - e conflitos no convívio cotidiano. Acresce-se a isso, o sincretismo religioso que de forma semelhante aos achados deste autor, também é evidente na presente investigação: as cinco depoentes do Candomblé destacaram participação em atividades e momentos litúrgicos católicos, conforme ilustra o relato de Mirian:

Eu gosto de apreciar o Candomblé e eu vou também na Matriz apreciar a Senhora Santana, quando é tempo de festa (86 anos, depoente do Candomblé, em 11/07/2014).

Percebe-se que ao longo dos anos, o bairro foi assumindo feições diferentes no que concerne à atuação da religião: de um cunho ecumênico e social para uma performance de caráter mais privado. Apesar dessa significativa alteração, a religião permanece como sistema simbólico que confere sentido às experiências vivenciadas (BRANDÃO, 1994), uma resposta à fragilidade da condição humana (CAMARGO, 1971), recurso importante que subsidia o enfrentamento das dificuldades diárias, confere identidade e proporciona a inclusão (BRANDÃO, 1986).

Tudo o que eu faço eu confio na ajuda do Senhor. Eu sei que ele está do meu lado, eu sei que tá me ajudando. Eu sei que posso confiar nele, que eu sou vencedora (Ana, 64 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 02/07/2014).

Eu não sei nem como me imaginar sem religião... Eu quase morri no meu parto e eu me vi deitada e meu corpo como se eu tivesse morrido e eu tivesse desencarnando e eu vi meu corpo lá, aí eu ouvi falar: Joana, Joana, e eu reanimei, meus batimentos voltaram, mas minha Nossa Senhora estava na minha mão que eu levei ela. Minha irmã me deu uma Nossa Senhora e ela estava na minha mão e a minha fé com ela eu tenho certeza que ela me deixou, junto com Jesus Cristo ela me deixou e me deu essa possibilidade de eu voltar à vida e voltar pra minha família (Talita, 33 anos, depoente do Candomblé, em 11/07/2014).

O sentido conferido ao conteúdo da pregação religiosa e de sua promessa, forjam posturas de vida, visões de mundo, constituindo a motivação base para as ações cotidianas (WEBER, 1991, 2004, 2010). Na fala das depoentes católicas, a religião emerge no aspecto da dádiva: quanto mais se dá mais se recebe; como recurso frente às dificuldades cotidianas; promotora do respeito às outras religiões. Para o sacerdote, ela é fonte de valores que desperta a compaixão e o cuidado, ainda, evidências da Teologia da Graça: Deus que entrega seu Filho único para salvar a todos, independente da pessoa acreditar ou não em tal Verdade.

Quadro 1 - Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes à Igreja Católica

<p>“Eu sou católica, quanto mais eu ajudo uma pessoa que precisa, eu sou mais beneficiada também, aumenta não sei como, é coisa de Deus mesmo” (Débora, 60 anos, em 23/05/2014, grifos nossos).</p>
<p>“É uma dádiva de Deus a religião na minha vida. Sem Deus, sem a espiritualidade é muito difícil viver. Tem que estar sempre interligado com Deus a todo o momento para que consigamos viver neste mundo tão cruel (Lia, 35 anos, em 13/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“A presença da religião na minha vida eu sinto muito importante, em primeiro lugar, é a gente ter firmeza com a nossa religião e ter respeito por todas as religiões” (Agar, 48 anos, em 29/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Sem religião nós não somos nada... mal de nós se não tiver religião, que as coisas eram muito pior, a religião ajuda bastante, sem religião não vai nada pra frente, porque a pessoa fica fraca. Quem fortalece a gente é a religião, com muita fé (Marta, 74 anos, em 06/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“A religião, eu acho que é um poço de virtudes, de valores, é pela religião que a gente compreende melhor o querer de Deus, é pela religião que a gente se aproxima e consegue ser também uma pessoa melhor, a gente consegue olhar para o outro com compaixão, a gente se consegue colocar no lugar do outro... Favorece para nós um relacionamento com Deus, um Deus que é todo gratuito. Um Deus que é tão gratuito a ponto de causar constrangimento em nós. Um Deus que a gente olha ali na cruz e vê que foi uma entrega pra todo o mundo, pra aqueles que creem ou não, pra aqueles que reconhecem ou não, pra aqueles que vivem ou não movidos por aquele sacrifício”</p>

(André, 31 anos, líder religioso, em 22/07/2014, grifos nossos).

Nos depoimentos dos adeptos da Igreja Batista, a religião promove valores, princípios éticos e morais que orientam a conduta para o cuidado da vida em sociedade; amplia o olhar sobre a vida em seu todo; ajuda ao próximo; traz mudanças no temperamento. No relato do pastor, aspectos da Teologia da Graça: a salvação deriva da misericórdia divina e não do mérito humano.

Quadro 2 - Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes à Igreja Batista Manancial

<p>“Eu acredito ainda ser o melhor lugar pra você conduzir sua família, pra você educar o seu filho. A sociedade hoje pensa muito no seu Eu, ela tem conceitos de valores acerca da vida humana, a valorização da vida humana se perdeu dentro da sociedade. [A religião] tenta passar essa valorização da vida humana, tenta passar valores e princípios morais e éticos pras pessoas, pro convívio no trabalho e na vida em sociedade” (João, 37 anos, depoente batista, 23/06/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Jesus não tinha preocupação no homem só com o espiritual, mas que o homem fosse melhor e que fosse melhor em todos os sentidos, em todos os aspectos... Quando você está ligado a uma religião você tem um leque de oportunidades e possibilidades pra você abrir sua mente e ver todas as coisas” (Rebeca, 53 anos, 24/06/2014, grifos nossos).</p>
<p>“A religião hoje na minha vida, em si, eu vejo como ajudar o próximo” (Marcos, 38 anos, 20/06/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Eu era muito esquentada eu precisava conhecer Jesus o salvador de minha vida” (Priscila, 62 anos, 28/06/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Lá em Efésios, capítulo 2, diz assim: “A salvação é pela graça, a salvação é por meio da fé, é pela graça, não vem pelas obras para que ninguém se glorie, ou seja, não é mérito... eu sou salvo não por aquilo que eu mereço, não pelo meu mérito, mas pela misericórdia de Deus” (Pedro, 42 anos, líder religioso, 27/06/2014, grifos nossos).</p>

Nas falas de participantes do Candomblé, que juntamente com a Umbanda e o Espiritismo Kardecista constituem-se nas três religiões mediúnicas e de possessão mais difundidas no país (BRANDÃO, 2004), a orientação da conduta em termos sacrais e terapêuticos (CAMARGO, NASCIMENTO, PARANDI, SINGER e SOUZA, 1973): participar das sessões faz a pessoa se sentir bem. A religião aparece ainda como recurso para enfrentar a faina diária e como articuladora de troca: quem planta espinhos, colhe-os. No relato da mãe de santo, transparecem elementos do caráter

mágico: o desempenho do potencial humano e a vivência das mais diferentes situações nas quais a existência humana é lançada estão diretamente relacionados ao cumprimento da vontade dos orixás; no sincretismo religioso, a reunião de elementos africanos, indígenas, católicos e kardecistas.

Quadro 3 - Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes ao Candomblé

<p>O povo [evangélicos] diz que o candomblé não é religião, mas eu mesma não lhe nego, não lhe minto, já lutei muito pra sair do candomblé, mas quando você pensa que você está aqui, você está lá, é uma força que lhe puxa, que lhe leva. E quando você chega lá você pode estar cheio de problemas, você já passa a ser uma pessoa mais feliz” (Raquel, 45 anos, 07/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Eu sinto a religião do candomblé na minha vida igual a um remédio, a gente toma aquele remédio e se sente bem” (Tamar, 59 anos, 07/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Deus disse: “Faça por ti que eu te ajudarei”, porque quem planta flores vai ter flores, quem planta espinhos vai ter espinhos. Hoje em dia tem quem deseja o mal aos outros do que o bem, tem coisa que primeiramente é resolvida dentro do Candomblé” (Mirian, 86 anos, 11/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Na minha vida religião é tudo. Eu não sei nem como me imaginar sem religião porque cada troço a minha religião me põe lá em cima, que eu me apego muito a Jesus Cristo e a meus orixás” (Talita, 33 anos, 11/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“A religião não é como uma empresa de cobrança, não é uma empresa pra empregar as pessoas. Eu sinto como um local pra ajudar as pessoas... As pessoas recebem espíritos bons, espíritos ruins nós expulsamos, porque tem espíritos ruins e obra de Deus é expulsar espíritos ruins e trazer as coisas boas... tem os atabaques que nós tocamos, tem sessões que é pra ajudar, a gente chama de descarregar o corpo, a gente recebe aquela força boa espiritual de fé, sem fé a gente não pode receber aquela força boa, nós vamos buscar no céu, nós vamos buscar aquela licença de Deus, de Jesus Cristo, aquela força boa com a qual a gente dá os passes nas pessoas que com aquela energia se sente bem. É assim, o meu trabalho é esse, também com as águas e com as ervas (Isabel, 60 anos, líder religiosa do Candomblé, 03/07/2014, grifos nossos).</p>

Nos depoimentos dos membros da Assembleia de Deus evidencia-se que a religião atua na reorientação da conduta num âmbito de caráter mais pessoal, cuja transformação, advinda da experiência de conversão, se opera na personalidade e no comportamento, repercutindo em mudanças nas formas de relacionamento interpessoal e familiar (CAMARGO, NASCIMENTO, PARANDI, SINGER e SOUZA, 1973; BRANDÃO 2004). Na fala do pastor, a dimensão de *religar* o humano ao divino, mediante a busca constante da comunhão.

Quadro 4 – Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes a Igreja Assembleia de Deus

<p>“Pra mim a religião na minha vida, ela me transformou. Eu era assim uma pessoa agressiva, eu era muito agressiva, pessoa assim que levava tudo ao pé da letra, se me dissesse ouvia, entendeu? E depois que eu fui pra Assembleia, eu aprendi a me reeducar, me tornei uma pessoa, não quero dizer que me transformei totalmente, mas 70% eu mudei. <i>Eu não era paciente, eu aprendi a ser mais mansa, mais ponderada com as coisas</i>” (Rute, 48 anos, 28/06/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Mudou a minha vida, porque quando a gente não tem esse conhecimento a vida da gente é de qualquer jeito. Quando a gente tem esse conhecimento a vida muda, <i>mudou muito a minha vida porque antes eu não sabia que era respeitar o irmão, eu não sabia o que era amar o irmão e hoje eu sei</i>” (Susana, 52 anos, 01/07, 2014, grifos nossos).</p>
<p>“Eu até me entristeço que não aceitei Jesus há mais tempo porque <i>antes eu não era o que eu sou</i>. Hoje em dia eu tenho aquela confiança, tudo o que eu faço eu confio na ajuda do Senhor.” (Ana, 64 anos, 02/07/2014, grifos nossos).</p>
<p><i>“Não tem nem explicação porque a vida que eu vivo hoje na minha religião, é uma coisa extraordinária e eu tenho essa concepção. É uma coisa extraordinária na minha vida. Sinto muito bem, muito bem mesmo”</i> (Verônica, 38 anos, em 31/07/2014, grifos nossos)</p>
<p>“Filosoficamente <i>a religião é religação</i>, o homem sem estar ligado a Deus fica impossível. Pra mim para que isso aconteça é preciso buscar primeiramente a comunhão com Deus e ter uma devoção sincera com Deus (Tiago, 53 anos, líder religioso, em 15/07/2014, grifos nossos).”</p>

Na Igreja Internacional da Graça de Deus, transparece a religião como recurso frente às dificuldades cotidianas; ajuda ao próximo. De forma análoga ao evidenciado por participantes da Assembleia de Deus, manifesta-se uma reorientação da conduta com base na conversão que traz transformações no comportamento pessoal e familiar, ampliando-se, contudo, à dimensão financeira, cujo crescimento e prosperidade são compreendidos como manifestação da benção e da vontade divina na vida terrena do crente (BRANDÃO, 2004; PIERUCCI, 2005), legitimando nova forma de inclusão social via consumo (PRANDI, 2012). Na fala da líder religiosa aspectos característicos da Teologia do Mérito: uma árvore se conhece pelos frutos e da Teologia da Prosperidade: a pessoa só se torna uma vencedora se introduz Deus na sua vida.

Quadro 5 – Concepções de religião dos participantes da pesquisa pertencentes à Igreja Internacional da Graça de Deus

<p>“Se nós não tivesse esse Deus vivo que nos cuidou [na ocupação] e tem nos cuidado nós não existia mais... Deus é Deus, não é? Deus é lindo e maravilhoso e precioso”(Sara, 64 anos, 09/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Se a gente se apegar a palavra de Deus, vive a palavra de Deus, se torna uma pessoa verdadeiramente servo de Deus, uma pessoa que vai colaborar, ser hospitaleira, vai ajudar, vai amar o seu próximo” (Paulo, 54 anos, 06/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Antes eu vivia de outra maneira, eu acreditava em outras coisas e vivia enganada e tinha uma vida totalmente destruída. E a partir do momento que eu passei a conhecer a Verdade tudo mudou, meu lar mudou, esposo, filhos, então eu vejo a religião como algo fundamental pra mim” (Ester, 36 anos, 09/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Na minha vida mesmo, as minhas condições eram bem pouquinhas e hoje eu posso dizer que eu sou rica, eu posso dizer que eu sou rica. O que eu quero eu consigo, eu creio que não foi só por causa do trabalho, mas sim, a minha fé em Deus que eu tenho e eu tenho certeza que foi Deus quem fez isso na minha vida, que me abençoou, que me deu trabalho, que me deu condições... Agora eu não trabalho pros outros mais. Eu trabalho, eu tenho o meu próprio negócio e vivo bem (Noemi, 43 anos, 09/07/2014, grifos nossos).</p>
<p>“Jesus fala assim “Sem mim nada podeis viver”, que o homem não pode viver sem Deus. Eu não vou dizer uma religião porque você ter um rótulo de religião não vai provar os seus frutos. Jesus diz que uma árvore se conhece pelo fruto, então não adianta eu ter o rótulo de uma determinada religião e alguém convive comigo e não vê os frutos. O rótulo religião eu nem usaria muito, eu procuro viver Deus, a orientação da palavra de Deus, a bíblia é a palavra de Deus, eu procuro viver as orientações da palavra de Deus pra que a gente possa ser tanto o exemplo das pessoas, como também ver a transformação delas. Nessa parte religião, a gente não pode viver sem Deus. Vai acrescentar uma parte da vida dele, só vai ser vitorioso se ele realmente introduzir Deus na vida dele” (Lídia, 53 anos, líder religiosa, 06/07/2014, grifos nossos).</p>

Nas falas dos depoentes citados acima, traços variados mediante os quais é possível identificar que o processo de internalização religiosa acontece de forma diversificada com base nas especificidades dos conteúdos apreendidos por cada uma dessas denominações, repercutindo com tonalidades distintas na formação da conduta dos fiéis.

4.3 Dádiva

Com base na memória contada pelos depoentes, identifica-se que a dádiva se fez presente no cotidiano da ocupação. Já na demarcação dos lotes, motivações diversificadas: a real necessidade de um pedaço de chão para proporcionar melhores condições de vida para a família e em seu polo oposto, a ganância em lucrar com a

possibilidade de conseguir um lote para posteriormente efetivar sua venda. Tais motivações ao permearem as relações, geravam trocas saudáveis como o cuidado e a solidariedade para com o outro, ou trocas nefastas, como brigas, discórdias e inclusive, mortes.

Depoentes das cinco religiões destacaram a benéfica presença da comissão, que ao se inserir no cotidiano da ocupação, buscou identificar suas necessidades e junto com os ocupantes procurou vias capazes de responder às exigências mais veementes ali presentificadas. Embora, nos relatos a terminologia comissão nem sempre apareceu, alusões à sua atuação transparecem em *um grupo de pessoas, uma associação, pessoas da igreja católica*, conforme ilustra o fragmento:

Alguns moradores, aqueles que participaram junto com George Américo da invasão fizeram essa associação que eu não recorde o nome, lembro de algumas pessoas. Eu tinha onze anos na época, mas eu lembro disso aí, que eles se reuniam, sempre tinha reunião semanal (Ester, 36 anos, depoente da Internacional da Graça de Deus, em 09/07/2014).

Dentre as ações da comissão, os mutirões constituíram-se em trocas construtivas, proporcionando a inclusão de saberes, espaço de convivência, ampliação e criação de vínculos que perduram no tempo (MAUSS, 2001). No relato de uma das participantes, evidências dessa natureza:

Eu fiz muita amizade, amizades que tenho até hoje, fui conhecendo pessoas de todos os lugares (Rute, 48 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 28/06/2014).

Os mutirões oportunizaram a vivência de relações de confiança, reciprocidade e cooperação, que se converteram em fontes de capital social (MIDEPLAN, 2002; CUNHA, 2010), bem como valorizaram as capacidades dos ocupantes, chamando-os em causa nas decisões e encaminhamentos (PETRINI, FONSECA e PORRECA, 2010; SEN, 2013), a fim de que as doações recebidas não se revertissem em assistencialismo.

Conforme relatado no capítulo 2, as trocas ainda hoje acompanham as relações cotidianas, em âmbito familiar, de vizinhança e comunitário. Depoentes residentes desde a ocupação, afirmam que elas acontecem em medida menor quando relacionadas àquelas ocorridas no início do bairro.

Houve uma diminuição muito grande dessa dádiva. As pessoas passaram mais a conviver esse convívio de mercado, um relacionamento mais superficial: eu não quero estar te devendo nada, também não quero nenhum tipo de relacionamento contigo por conta disso. Eu vejo ainda dádiva entre algumas famílias principalmente no meio da religião... Eu creio que as pessoas perderam esse conceito durante o crescimento do bairro que juntamente também cresceu com Feira de Santana (João, 37 anos, depoente batista, 23/06/2014, grifos nossos).

Tem uma amiga minha que ela sempre fala assim: “Naquele tempo nós tínhamos tanta dificuldade, mas éramos mais presentes uns com os outros” e eramos mesmo. **Pelas dificuldades que tínhamos, um ficava ajudando o outro**, sempre estávamos juntinhos. Hoje não, hoje eu vejo: todos têm suas casas, trabalham, estudam, ficaram distantes. Mas naquela época era assim: **era unido mesmo, devido as dificuldades** (Rute, 48 anos, depoente da Assembleia de Deus, em 28/06/2014, grifos nossos).

As falas de João e Rute fazem perguntar: O que terá ocasionado a diminuição das trocas dádivas entre os moradores? Aproximando mais o olhar e o ouvido para tais falas, percebe-se que, a dificuldade e a pobreza cotidianas da ocupação aproximaram os moradores, mobilizaram a ajuda e o espírito cooperativo, aspectos da dádiva moderna, que segundo Godbout (1999), de forma análoga ao que acontece nas catástrofes naturais, despertam para ações solidárias. Quando uma situação crítica se instaura na vida de um grupo ou de uma comunidade, há uma probabilidade maior de a dádiva acontecer. Quando por exemplo, uma enchente arrasa uma cidade, deixando desabrigadas centenas de famílias, as pessoas se unem e se mobilizam para ajudar aquela situação. Neste momento, cuidar da vida torna-se a meta primeira, não se olhando cor ou credo religioso. Passada a emergência, coloca-se o desafio de continuar cuidando da vida no cotidiano e no anonimato da existência. Vale, porém, ressaltar que a dádiva embora, tenha maior probabilidade de acontecer frente às situações que colocam em risco a vida ou lembram à pessoa que ela é o maior dom a ser cuidado, não se restringe apenas a essas situações, mas, se estende às mais variadas situações nas quais a humanidade é lançada.

Para os depoentes, o individualismo constitui-se em elemento para a diminuição e o enfraquecimento do espírito da dádiva nos dias atuais, que ao se instalar nas tramas cotidianas, enfraquece a gratuidade e a preocupação com o outro (MACHADO, 2004).

O que eu lembro assim que me marcou: os vizinhos eram mais unidos pelo fato de não ter nem muro, um sempre estava vendo o que o outro estava fazendo, era como se fosse família, tudo a mesma família... **Hoje está muito cada um por si**, assim, mesmo com o avanço, com a liberdade que está, com as melhorias, está sendo bom pro bairro, mas **as pessoas estão menos unidas**, assim: sai, vai pro seu trabalho, chega, entra, passa oito, quinze dias, **não sabe como seu vizinho está**, se ele está bem, se não está, se houve algum problema naquele período. Eu acho que a modernização trouxe um pouco isso, afasta as pessoas bastante (Ester, 36 anos, depoente da Internacional da Graça de Deus, 09/07/2014, grifos nossos).

Nas palavras de Ester, noções do princípio individualista, que segundo Giovanetti (2013, p. 10), evidenciam uma dinâmica de centramento no eu: um ser humano “cada vez menos engajado socialmente, e mais engajado consigo mesmo”. Tal dinâmica incide significativamente sobre as relações interpessoais:

Na atualidade, o individualismo, que se sobressaiu no final do século XX e que se expressa no autocentramento do sujeito, atingiu patamares jamais imaginados, e um dos principais efeitos é o desaparecimento da alteridade como valor. Esse homem preocupado em satisfazer suas necessidades, em atender aos seus desejos, deixa de lado o outro. E o fechamento sobre si mesmo coloca o outro em segundo plano, quase o tornando irrelevante (Ibid., p. 12).

Na ótica individualista, o outro é dispensado como componente significativo que contribui para o desenvolvimento humano. O fechamento para o outro, obscurece, segundo o referido autor, uma dimensão essencial da vida humana, que é a transcendência. “Viver olhando para o próprio umbigo é se fechar para tudo o que está para fora de você. O preço dessa imanência do sujeito é o empobrecimento da vida intersubjetiva” (p. 14). Talvez não acaso que na presente investigação, o individualismo conforme-se em um dos elementos que mais corrobore para o enfraquecimento da dádiva nas dinâmicas relacionais cotidianas no bairro, uma vez que ele não promove o estar em relação com o outro, o cuidado e a preocupação com o semelhante, conteúdos essenciais que permeiam as malhas do dom.

Embora as trocas aconteçam em intensidade menor em relação às do passado, elas ainda permanecem atuantes no cotidiano atual, gerando relações de convivência entre os moradores. A religião constitui-se, conforme achados, em fonte motivadora para a vivência diária da dádiva no bairro. No quadro abaixo, falas de depoentes das cinco denominações religiosas acerca desse aspecto.

Quadro 6 – Elementos contribuintes para a vivência da dádiva no bairro, por religião

Católica	Batista	Candomblé	Assembleia Deus	Internc. Graça
<p>“A fé de todos nós. É o único ponto de partida é a fé. Se a chama que está dentro de nós, a luzinha apagar, aí morre tudo. Mas, enquanto essa luz tiver vida e tiver chama, a gente está levando, com toda a dificuldade” (Lia, 35 anos, grifos nossos).</p>	<p>A gente faz muito mutirão na igreja pra ajudar os irmãos que não tem casa. “Oh irmão eu comprei o cimento, eu preciso da mão de obra, mas não tenho o dinheiro pra pagar”. “Não se preocupe não, a gente vai fazer um mutirão”. Isso é uma dádiva, eu acredito que isso seja uma dádiva: você vai fazer algo pra pessoa sem esperar nada em troca, (João, 37 anos, depoente batista, em 23/06/2014, grifos nossos).</p>	<p>“A religião. Hoje a minha troca é no candomblé, se eu chegar na casa de uma irmã de santo minha e dizer: “Oh fulana estou precisando disso”, eu não faço isso, mas se eu precisar, eu tenho certeza que elas me servem” (Raquel, 45 anos, grifos nossos).</p>	<p>“Quando a pessoa tem o amor de Deus no coração aí ela consegue ter essa dádiva, essa comunicação um para o outro” (Susana, 52 anos, grifos nossos).</p>	<p>“A igreja, ela ajuda muito. Ela está sempre proporcionando as pessoas que não se conhecem, que já esqueceram o que é viver em harmonia, viver entre amigos, a viver isso novamente, a trazer isso pra o seu dia-a-dia atual” (Ester, 36 anos, grifos nossos).</p>
<p>“O elemento primeiro na construção dessa intenção de dádiva é a religião. Eu acho que a religião, os ensinamentos de Jesus, que o próprio evangelho, ele vai nos fazendo perceber isso, aquilo que o próprio Jesus nos disse que a gente não vive só de pão, não vive só de bens, a gente vive também daquilo que é eterno, que é essencial”(André, 31 anos, líder religioso, grifos nossos).</p>	<p>“As comunidades sejam elas católicas, evangélicas, sejam de qual credo for e eu não estou falando do que é bom ou não, eu estou falando da dádiva, sem julgamento nenhum, enquanto dádiva eu vejo que as comunidades promovem a dádiva em qualquer solidariedade, em qualquer circunstância, mas vejo isso mais no meio pobre” (Pedro, 32 anos, grifos nossos).</p>	<p>“Eu acho que eles não tinham onde morar, mesmo que alguns saíram, chegaram outros. Hoje eles estão acolhidos, estão ali com o seu teto. Então eles aprenderam que devem ajudar outras pessoas também” (Isabel, 60 anos, líder religiosa, grifos nossos).</p>	<p>“O respeito uns pelos outros e o interesse de ver o bairro prosperar, aquilo que alguém vive aqui e quer de melhor para esse bairro e quer desenvolver com ele” (Tiago, 53 anos, líder religioso, grifos nossos).</p>	<p>“O Evangelho contribui muito pra essa dádiva, que já trouxe essa mudança grande. Se nós formos olhar para o passado, hoje nós acompanharemos uma mudança, vamos dizer não de 100%, radical, mas quase radical. E é essa dádiva que nós podemos introduzir no bairro é Deus, é a palavra de Deus pras pessoas” (Lídia, 53 anos, líder religiosa, grifos nossos).</p>

A religião promove a dádiva através dos espaços de convivência que possibilita nas celebrações litúrgicas, nos cultos, estudos da bíblia; nas ações solidárias, como os mutirões e atendimento às necessidades de cada fiel, configurando-se em instância geradora de capital social significativo (MIDEPLAN, 2002; CUNHA, 2010; PETRINI, FONSECA e PORECA, 2010), e em espaço de valorização das capacidades dos agentes sociais (SEN, 2003). Para André, sacerdote católico, a própria mensagem evangélica contribui para a dádiva, pois move a pessoa a buscar o infinito; para o pastor Pedro, as comunidades, independente de credo, deixam-se tocar pela realidade e desenvolvem ações solidárias; para a líder religiosa Lídia, a transformação trazida pelo Evangelho na vida do fiel gera novas relações interpessoais; para a mãe de santo Isabel a aprendizagem da partilha internalizada no passado repercute de forma benéfica no presente, ensinando os moradores a dividir o que tem; e o pastor Tiago, destaca o respeito entre os moradores e o desejo de ver o bairro crescer e prosperar como elementos contribuintes para a dádiva acontecer no comunitário.

Todavia, conforme já destacado no capítulo 1 deste trabalho, quando não acontece o respeito pela diversidade religiosa, especificamente com o candomblé, a religião cria distâncias, afasta os moradores no convívio diário, vindo a enfraquecer a convivência entre os moradores.

Além do individualismo, os participantes destacaram outros elementos que corroboram para o enfraquecimento da dádiva nas relações cotidianas no bairro. No quadro abaixo, a visualização dos mesmos.

Quadro 7- Elementos que não contribuem para a vivência da dádiva no bairro, por religião

Católica	Batista	Candomblé	Assembleia Deus	Internac. Graça
<p>“Eu acho que o motivo mesmo das pessoas quererem fazer alguma coisa pra outro, mas o tempo não dá, sabe, o tempo é curto”. (Agar, 48 anos, grifos nossos).</p> <p>“A pobreza dificulta um pouco a dádiva no sentido de que se eu tenho pouco pra mim é mais difícil partilhar, pra mim é mais difícil dar, pra mim é mais difícil entregar ao outro. Então, eu acho que essa situação de pobreza, de escassez, ela se não educada, se não disciplinada ela talvez possa ser que forme pessoas mais agarradas àquilo que têm e isso dificulta talvez esse relacionamento espiritual, dadivoso e gratuito”(André, 31 anos, líder religioso, grifos nossos).</p>	<p>“Eu acho que é mais a política mesmo. Que tem pessoas que, eu já presenciei muitos anos, que vamos dizer é do partido x, do partido outro, aí se você não for do partido dele, você tá isento” (Marcos, 38 anos, grifos nossos).</p> <p>“As pessoas tem dificuldade de se alegrar com os que se alegram, é mais fácil chorar com os que choram. Você precisou, todo o mundo da rua vai e está junto com você. Mas, quando alguém é promovido, de certa forma, na vida nós somos sempre promovidos em alguma situação, a ascensão daquela pessoa pode ser que a casa dela melhorou, pode ser que ela colocou um portão novo, que ela comprou um carro, que ela ganhou um bem, adquiriu algum bem. Eu vejo que há uma resistência dos que rodeiam, uma espécie de inveja dos que rodeiam porque eles não conseguiriam aquilo” (Pedro, 42 anos, líder religioso, grifos nossos).</p>	<p>“Aqui tem muito isso que eu estou lhe dizendo: porque fez uma casinha melhor, colocou um carrinho na porta, já passa a achar que você é minoria” (Raquel, 45 anos, grifos nossos).</p> <p>“Tem pessoas que é diferente, às vezes não tem emprego e tem vergonha de pedir pra poder passar pra outra pessoa, tem timidez, faz é vergonha e a pessoa não vai. Tem vontade de ajudar e não tem, é a situação. Não tem o salário e não tem como pedir e ajudar o outro”(Isabel, 60 anos, grifos nossos).</p>	<p>“É o dia a dia mesmo, as pessoa vão ficando mais atarefadas, vão ficando mais cansadas, acho que isso que atrapalha no dia a dia do ser humano” (Rute, 48 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu percebo que os elementos principais são a falta respeito, a falta de solidariedade entre as pessoas, e uma outra coisa que mais atrapalha é a corrupção. Infelizmente a gente vê que a nossa Base já era para estar pronta e ainda não está. E eu não me responsabilizo em dizer: E a culpa é de quem? Só que a nossa base era já para estar pronta, a gente ouve isso nas reuniões” (Tiago, 53 anos, líder religioso, grifos nossos).</p>	<p>“O coração duro das pessoas que às vezes está passando por problemas, mas não entende que precisa de ajuda e endurece o coração, se tranca no seu mundo e isso dificulta. As pessoas em si dificultam e acabam gerando problemas pra si mesmo e às vezes pro lar dela, entre ela e o vizinho” (Ester, 36 anos, grifos nossos).</p> <p>“A falta do diálogo e do gerenciamento dos chefes de família porque de dentro da família podem sair os problemas que são gerados no bairro em geral” (Lídia, 53 anos, líder religiosa, grifos nossos).</p>

Os fiéis apontam: o tempo, a política, adquirir bens materiais, o coração duro das pessoas. André e Isabel, líderes do Catolicismo e do Candomblé salientam a pobreza, mas em esferas distintas: ele no âmbito espiritual, quem pouco tem corre um risco de se apegar ao pouco e não partilhar; ela no âmbito material, quem pouco tem pode ter vergonha de pedir ou oferecer ajuda. O pastor batista destaca que situações de dor e necessidades aproximam mais as pessoas, ao passo que melhorar de vida pode despertar a inveja em outrem. Já a líder da Internacional da Graça de Deus cita a falta de diálogo e do gerenciamento dos chefes de família, pois os problemas do seio familiar podem se estender ao bairro. O pastor da Assembleia de Deus pontua a falta de respeito e solidariedade entre os moradores e a corrupção.

No que concerne à política, evidencia-se que a figura do político ainda desperta em boa parte da população, uma espécie de fascínio associado à percepção de que tal personagem irá resolver os problemas locais, de forma muito semelhante ao que Lanna (1995), destacou ao estudar a figura do patrão no âmbito das relações patronais no nordeste brasileiro³⁹, dele não ser apenas um chefe local, uma “‘pessoa’ no sentido comum, de entidade privada, mas também ‘pessoa pública’, pois, como um chefe primitivo ou um rei divino, seus atos tem significado transcendental” (Ibid., p. 07). A política, conforme pode ser observado no depoimento de Marcos (acima no quadro) gera dádivas enganosas: promessas em troca de votos. Tais dádivas geram desconfiança, divisão e exclusão e por acontecerem especificamente no período eleitoral não produzem um compromisso ético e social com a população local.

No que diz respeito a vivência da dádiva no âmbito familiar, o amor e a religião constituíram-se nos elementos que mais convergiram na fala dos depoentes. No quadro a seguir, recortes dessa natureza:

³⁹ Em sua investigação, o autor relaciona a figura do patrão a outras, ou seja, situa-a no contexto de outras realidades específicas tais como, as relações entre um determinado empregador e trabalhadores, um político e seus eleitores, um prefeito e a população de um município, um padrinho e seus afilhados.

Quadro 8- Elementos contribuintes para a vivência da dádiva na família, por religião

Católica	Batista	Candomblé	Assembleia Deus	Internac. Graça
<p>“A família tem que em primeiro lugar se amar, todo mundo dentro de uma casa tem que se amar, respeitar, se comunicar.” (Agar, 48 anos, grifos nossos).</p> <p>“A família que não tem uma religião a seguir, se não tem um objetivo fixo que é buscar a Deus, fica difícil pra se viver, a parte essencial da vida é Deus, o caminho de Deus” (Lia, 35 anos, grifos nossos).</p> <p>“O pai, a mãe, os filhos, eles precisam se colocar um no lugar do outro a começar em casa. Por que? Porque começando em casa a gente consegue refletir isso na vivência social. Então, a dádiva dentro da família eu acho que ela acontece e os elementos que colaboram pra essa</p>	<p>O amor. O pai ama e não dá pra calcular, ele simplesmente ama. Pra você praticar a dádiva você precisa amar (João, 37 anos, grifos nossos).</p> <p>“Pra mim é a igreja ajuda a viver a gratuidade na família” (Priscila, 62 anos, grifos nossos)</p> <p>“Quanto mais a família cuida um do outro, mais eles vão querer cuidar do vizinho, do pessoal da rua porque existem alguns tipos de dádivas: alguém pode fazer algo por outro apenas porque gosta daquele vizinho, mas vai ser uma dádiva pra aquela pessoa, mas não adianta a gente</p>	<p>“O amor que nós sente um pelo outro. Com certeza, tem. Aqui é que tem mesmo esse amor, é entre mãe e filho” (Raquel, 45 anos, grifos nossos).</p> <p>“Só o amor de Deus, que, Ave Maria, é dia e noite chamando por ele. Tem que chamar por Deus forte e tem que ter fé em Deus. Só a força de Deus pra conseguir criar esses filhos quando pequenos (Tamar, 59 anos, grifos nossos).</p> <p>“Olha, quando a gente tira um pão, um arroz eu acho assim que Deus dá mais, dá mais. Eu não posso ter um pé de manga e ter aquelas mangas e você chegar com fome e eu dizer que não é pra você tirar uma manga daquelas daquela, às vezes a sua educação foi</p>	<p>“O amor de ser mãe, de ser vó, de ser esposa, que é um dom gratuito, não tem nada que pague, poderia juntar todo o dinheiro do mundo pra compra o amor de um filho, que não compra não” (Rute, 48 anos, grifos nossos)</p> <p>“A confiança em Deus, a busca que é a oração porque sem crer em Deus, sem oração não funciona. Então pra ajudar tem que confiar em Deus, tem que buscar, tem que estar ali sempre buscando de Deus pra ensinar como conviver com a família” (Susana, 52 anos, grifos nossos).</p> <p>“Amor, compreensão, aquela questão da partilha, dar e receber, e principalmente o que Jesus nos ensinou: carregar a cruz uns dos outros.” (Tiago, 53 anos, líder religioso, grifos nossos).</p>	<p>“O amor porque sem o amor nada pode acontecer.” (Sara, 64 anos, grifos nossos).</p> <p>“Eu creio que Deus é quem nos dá o poder para nos ajudar, a nossa confiança em Deus e ele faz isso acontecer em nossas vidas” (Noemi, 43 anos, grifos nossos).</p> <p>“A falta de aproximação com Deus vai dificultar muito porque todo o pai e toda a mãe, chefe de família, ele quer ter uma família abençoada... Eu acho que a maior dádiva é Deus na vida dos pais e dos filhos, o mais vem por acréscimo e vai</p>

<p>dádiva acontecer é justamente a humanização do homem, da mulher, com os pais, com os filhos e sucessivamente” (André, 31 anos, líder religioso, grifos nossos).</p>	<p><i>promover o bem pra aquele que está lá fora, se a gente não começa em casa</i>” (Pedro, 32 anos, líder religioso, grifos nossos).</p>	<p>diferente, você não vem me pedir primeiro, se você vem chegando com fome, você vai chegando e vai pegando, eu não posso reclamar você por causa daquilo, você comeu porque sentiu fome. <i>É assim que meu pai me ensinou.</i> Eu passo essas mesmas coisas pra minha família”. (Isabel, 60 anos, líder religiosa, grifos nossos).</p>		<p>dar tudo certo”. (Lídia, 53 anos, grifos nossos).</p>
--	---	--	--	--

Além do amor e da religião, emerge na fala dos líderes religiosos, a família como o lugar primeiro de aprendizagem da dádiva (GODBOUT, 1999), uma vez internalizada há maiores possibilidades das relações dádivas estenderem-se à sociedade. Os dados sobre a dimensão do amor convergem com os de Machado (2004), ao destacar ser esta o horizonte maior que move a dinâmica familiar, faz superar as dificuldades, cria relações e une na construção de um projeto comum. Ao lado do amor e da religião, aparece o convívio diário que requer o tempo necessário para cultivar as relações, retomar propósitos, acolher sacrifícios (CAILLÉ, 2002) e reassumir o compromisso de ser família (MACHADO, 2004).

Na contrapartida, elementos de caráter relacional, como a falta de diálogo, de tempo, amor, carinho, foram apontados pelos participantes das cinco denominações religiosas como elementos comuns que não favorecem a vivência da dádiva no âmbito familiar. Além destes os líderes religiosos, trazem a própria carência financeira que pode não proporcionar condições de vida digna, o jogo de interesses, a falta de comunhão com Deus e a busca de bens materiais que pode relegar a um segundo plano, aspectos essenciais da vida humana, especificamente aqueles relacionados ao convívio humano.

Quadro 9 - Elementos que não contribuem para a vivência da dívida no âmbito familiar, por religião

Católica	Batista	Candomblé	Assembleia Deus	Intern. Graça
<p>“Pode atrapalhar se tiver desavença. Se houver uma desavença, se recolhe alguém” (Marta, 74 anos, grifos nossos).</p>	<p>“A falta de relacionamento. Por que a falta de relacionamento? Eu te falei que o que ajuda é o amor. Mas, vamos pensar que o amor seja uma semente, ele nasce, germina. Mas pra ele crescer e dar fruto você precisa cuidar, correto? Esse cuidado eu chamo de relacionamento” (João, 37 anos, grifos nossos).</p>	<p>“A desunião, que eu acho que a união restabelece. Se você não é unido com sua família, com seus filhos, que eu sou mãe, eu tenho quatro filhos, se eu vejo a mais velha bater na do meio, se eu vejo o do meio bater no outro e fico calada, só vai haver o que ali? Uma desavença, uma desunião”. (Talita, 33 anos, grifos nossos)</p>	<p>“A falta de comunicação, aí empata, porque se eu não comunico eu não vou saber, não é verdade?” (Veronica, 38 anos, grifos nossos)</p>	<p>“Dentro da família se não tiver o carinho, não tiver amor, porque carinho é a mesma coisa que amor, se transforma em amor, ali fica meio difícil” (Sara, 64 anos, grifos nossos).</p>
<p>“O mundo tem formado pessoas com seus próprios interesses e a gente vê famílias sendo destruídas pelo jogo de interesses. O pai não cede pro filho, assim como o filho não cede pro pai. O pai e a mãe, o pouco que tem cada um se assegura do seu, é aquele casamento com divisão de bens” (André, 31 anos, líder religioso, grifos nossos)</p>	<p>“Eu acho que a família não ter condições financeiras, porque isso acaba um relacionamento. Porque as pessoas precisam ter dinheiro pra sustentar sua família e quando se fala de dinheiro está-se falando de festa, de roupa, de comida, de passeio e de tudo porque as pessoas sonham. Tanto o dinheiro pode prejudicar se você tem, como a falta dele também prejudica porque você não tem como dar aos seus filhos aquilo que é necessário” (Pedro, 42 anos, grifos nossos).</p>	<p>“Tem pessoas que quer mais e mais dentro da sua casa, mas a gente tem de ter mais pra ajudar as pessoas também, eu acho assim. Porque se eu ganho uma cesta básica eu não posso ficar com aquela cesta básica só pra mim, eu tenho de dar pra alguém eu não me sinto bem” (Isabel, 60 anos, grifos nossos).</p>	<p>“Principalmente a falta de comunhão com Deus e a incompreensão entre si. Mas, quando há comunhão com Deus, há temor de Deus, vai facilitar a compreensão entre si” (Tiago, 53 anos, grifos nossos).</p>	<p>“Hoje é diferente as pessoas lutam pelo material, chega-se a não ter mais o convívio familiar pelos bens materiais que se tem que alcançar, tem que dar uma melhor educação pro filho e às vezes o carinho não, o diálogo não” (Lídia, 53 anos, grifos nossos).</p>

Os elementos apontados possibilitam inferir que para a dádiva acontecer, necessário se faz uma atmosfera relacional qualitativa, já que a família é dom fundado nas relações e atualizado na dinâmica do amor (DONATI, 2008), cujo tecido funcional é formado nas malhas das experiências diárias, as quais podem contribuir para o desenvolvimento humano ou dificultá-lo (GODBOUT, 1999). Nas palavras de João, a importância do relacionamento para o cultivo do amor:

Trocar informações, conversar sobre o seu dia-a-dia, **conversar sobre você exige tempo, exige momento**, exige esperar, isso não acontece num clique de controle remoto. E quando você faz isso e para para ouvir, há um feedback, uma troca entre o transmissor e o receptor. Quando há isso, há relacionamento e quando essa ligação acontece aí há a oportunidade para esse amor crescer porque você vai começar a ouvir o outro, vai entender o que está acontecendo com o outro, vai perceber o que o outro está precisando, você vai começar a descobrir um outro (37 anos, depoente batista em 23/06/2014, grifos nossos).

Se as malhas da dádiva são compostas de relações, imprescindível é ter tempo para se relacionar, se conhecer, compartilhar sonhos, dificuldades e problemas. É o tempo dispendido no cotidiano que estreita, aprofunda e significa os vínculos familiares e sociais (EXUPÉRY, 2003).

Feita a análise de dados com base no agrupamento das categorias Família, Religião e Dádiva, apresentamos agora outro aspecto que emergiu no contexto de algumas entrevistas: um contraste no olhar dos participantes em relação ao passado, o qual abordaremos sob o binômio Participação e/ou conhecimento das ações da Comunidade da Partilha X Não participação e /ou conhecimento das ações da Comunidade da Partilha. Para tanto, levamos em conta o tempo de moradia, a fim de identificar se este influi naquele. No quadro abaixo, a identificação dos moradores por religião e tempo de moradia.

Quadro 10 - Distribuição dos participantes por religião e tempo de moradia

Religião	Participantes	Tempo de Moradia
Católica	Marta (74 anos) Débora (60 anos) Agar (48 anos) Lia (35 anos) André (31 anos), líder religioso	Desde a ocupação – 27 anos Desde a ocupação – 27 anos Desde a ocupação – 27 anos Há 26 anos Bairro Campo Limpo, há 2 anos
Batista	João (37 anos) Marcos (38 anos) Priscila (62 anos) Rebeca (53 anos) Pedro (42 anos), líder religioso	Desde a ocupação – 27 anos Desde a ocupação – 27 anos Há 22 anos Conj. Morada das Árvores - 40 anos Bairro Campo Limpo, há 1 ano
Candomblé	Raquel (45 anos) Tamar (59 anos) Talita (33 anos) Mirian (86 anos) Isabel (60 anos), líder religiosa	Desde a ocupação – 27 anos 2 meses após a ocupação – 27 anos Bairro Sítio Novo, há 33 anos Bairro Sítio Novo, há 70 anos Bairro Sítio Novo, há 60 anos
Assembleia de Deus	Ana (64 anos) Susana (52 anos) Veronica (38 anos) Rute (48 anos) Tiago (53 anos), líder religioso	Desde a ocupação – 27 anos Desde a ocupação - 27 anos Desde a ocupação – 27 anos 6 meses após a ocupação – 27 anos Bairro Sobradinho, há 5 anos.
Internacional da Graça	Sara (64 anos) Ester (36 anos) Paulo (54 anos) Noemi (43 anos) Lídia (53 anos), líder religiosa	Desde a ocupação – 27 anos Há 26 anos Há 22 anos Há 22 anos Bairro Campo Limpo, há 4 anos

Dos 25 entrevistados, **12 participaram da ocupação e 8 não**. Os líderes religiosos não moram no bairro, mas Isabel (Candomblé) acompanhou alguns momentos da ocupação. Conforme apresentado nos capítulos anteriores, os primeiros moradores por vivenciarem a ocupação trouxeram vários elementos no que tange à memória do bairro, constituindo-se em guardiões da mesma (BOSI, 1995; HALBWACHS, 2008).

No quadro abaixo, falas dos participantes que expressam os olhares distintos em relação ao passado.

Quadro 11 - O olhar em relação ao passado

Participação e/ou conhecimento das ações da Comunidade da Partilha	Não participação e/ou conhecimento da Comunidade da Partilha
<p>“Eu achava bonita a união dos primeiros moradores do George. Quem já morava e soubesse que alguém ia fazer um barraco, podia ser em qualquer lugar aqui, que o bairro é grande, unia todo mundo. Aquela pessoa nem pedia ajuda, mas unia todo mundo e ia ajudar. Eu achava tão lindo, coisa que não existe mais hoje. Fulano está fazendo uma parede, erguendo um cômodo, ninguém se move pra ir lá ajudar. E no início aqui não, tinha essa solidariedade de um ajudar o outro, eu achava tão lindo isso, achava muito lindo mesmo” (Rute, 48 anos, depoente da Assembleia de Deus, 27 anos no bairro, grifos nossos).</p>	<p>“O povo era muito ignorante, não tinha tanta religião presente como tem hoje. A igreja era tão pouca que o povo não tinha acesso. Hoje, depois da religião o povo se une mais, até porque um vai chamando o outro e está todo o mundo em união. No início acontecia tanta coisa e hoje é totalmente diferente. Antes, a convivência era horrível, não tinha essa união que tem hoje... mas depois com a presença da religião tudo mudou, que começou a ver que não era assim, um começou a ajudar o outro e aí foi chegando a paz que eu creio que precisa muito mais ainda, mas que pro início podemos dizer que está bem melhor” (Susana, 52 anos, depoente da Assembleia de Deus, 27 anos no bairro, grifos nossos).</p>
<p>“As famílias naquela época era uma coisa muito boa. Eles se uniam, se uniam muito, mas depois a vida modifica muito. Depois que cada um é dono de si, cada um vai pra um canto e vai modificando, cada um vai segurando só a si mesmo.... Mesmo com toda a evangelização, com todo o trabalho das igrejas, porque todas as igrejas trabalham, ainda tem essa falta de fé, da união. É a união que faz a força. E essa união está fraquíssima. Eu acho fraca, não sei o que as outras pessoas dizem, mas eu acho fraca em vista do que era, do início, meu Deus, muito fraca” (Marta, 74 anos, depoente católica, 27 anos no bairro, grifos nossos)</p>	<p>“Tinha um problema muito grande que era a situação que as famílias viviam, eram brigas e muito, sabe quando parece que a família estava completamente toda desestruturada. A gente via muito desequilíbrio, havia muito a questão da violência familiar, muitas vezes eu fui chamada em meio de briga e as pessoas diziam: ‘Socorre’ e eu tinha que ir lá socorrer, conversar e conversava com os maridos e com as esposas pra tentar melhorar” (Rebeca, 53 anos, depoente batista, 40 anos no Conjunto Habitacional Morada das Árvores, acompanhou a ocupação, grifos nossos).</p>
<p>“O que eu lembro assim que me marcou: os vizinhos eram mais unidos pelo fato de não ter nem muro, um sempre estava vendo o que o outro estava fazendo, era como se fosse família, tudo a mesma família. Os meninos estavam no quintal do outro e brincavam, um não tinha televisão, os meninos iam na casa do outro pra assistir e tinha mais união, assim. Não tinha privacidade, não se incomodavam com isso e tinham mais união entre si, entre vizinhos... Hoje está muito cada um por si, assim, mesmo com o avanço, com a liberdade que está, com as melhorias, está sendo bom pro bairro, mas as pessoas estão menos unidas. (Ester, 36 anos, depoente da Internacional da Graça, 26 anos no bairro, grifos nossos).</p>	<p>“Eu acho que existia muita falta de comunicação, não tinha concordância. Acho que é por isso que existia muitas pessoas assim sem postura, existia tanta briga no meio delas, acho que porque não existia comunicação e hoje graças a Deus parece que as pessoas se comunicam mais e não tem tanta violência como tinha antigamente. Era muitas brigas que existiam aqui antigamente, muitas mesmas” (Verônica, 38 anos, depoente da Assembleia de Deus, 27 anos no bairro, grifos nossos).</p>
<p>“No bairro, se você parar pra analisar, antes você dividia o pão com os vizinhos, hoje é diferente, você faz questão de morar como se fosse em uma caixa fechada. Antes não era</p>	<p>“A mesma que coisa que hoje [a convivência], só melhorou a estrutura porque eu também tenho muita amizade do tempo em que começou o bairro. Pra mim não mudou nada. É cada qual</p>

<p>assim, não. Era aquela coisa, mesmo sem você ter muita tecnologia e energia como tem hoje, você vivia isso. Tem pessoas, eu mesmo pequeno ficava mais na casa do vizinho que na minha casa. Eram muito acolhedoras as pessoas antes, diferente de hoje. Hoje a gente não vê muito isso. A gente vê mais pessoas eu, eu, eu... Antes você passava e todo o mundo cumprimentava e tinha gente que tomava conta do seu barraco, você ia trabalhar e a pessoa cuidava. Eu lembro muito disso. Hoje, não. Hoje esse cuidado é bem pouquíssimo. A gente cansa de dizer que é raro” (Marcos, 38 anos, depoente batista, 27 anos no bairro, grifos nossos).</p>	<p>na sua, lutando por sobrevivência, sai de manhã chega à noite, a gente se encontra, se fala, quando tem uma coisa você vai se quiser, se você achar que tem que ir, você vai. Pra mim só mudou a estrutura, ficou mais estruturado, cada um tem sua casinha mais arrumadinha que a outra, mas todo o mundo está morando no mesmo lugar e com a mesma convivência. Pra mim não mudou nada, é a mesma convivência” (Raquel, 45 anos, depoente do Candomblé, 27 anos no bairro, grifos nossos).</p>
<p>“As famílias eram carentes. A carência fazia mendigar mais, mas, ser mais amável também, entendeu? Era tudo carente, cada um dava um empurrão até que a pessoa subia o degrau. Acho que a união era melhor. Depois cada um construiu sua casa e conseguiu formar sua loja, seu supermercado ou alguma coisa, hoje acho que ninguém conhece ninguém mais não” (Débora, 60 anos, depoente católica, 27 anos no bairro, grifos nossos).</p>	<p>“Era muito conturbado, muitas brigas que você via, eram muitas brigas. Eu presenciei muitas brigas, é isso. Essas brigas eram por conta da pobreza mesmo, bebidas, drogas gerava isso, a prostituição gerava isso também” (Noemi, 43 anos, 22 anos no bairro, grifos nossos)</p>
<p>“Meu Deus, era gostoso demais. As pessoas eram preocupadas demais umas com as outras. Se você gritasse ai, o vizinho escutava e passava lá pra saber o que aconteceu. A gente dividia comida, era união tremenda. Apesar das divisões de terreno não havia essas brigas antes. Eu lembro que se alguém nos trouxesse dez mangas, nós dividíamos cinco pra nós e cinco pro vizinho, era muito bom. Havia essa unidade familiar e o respeito... Hoje eu vejo mais o individualismo e uma preocupação não com o próximo, com as famílias, mas uma preocupação com o que ele está fazendo.” (João, 37 anos, depoente batista, 27 anos no bairro, grifos nossos).</p>	<p>“Minha filha era um querendo brigar com o outro porque um queria um lugar, outro queria outro, outro queria doar pra outro parente, uma coisa de olho grosso, mas depois acalmou tudo” (Ana, 64 anos, depoente da Assembleia de Deus, 27 anos no bairro, grifos nossos).</p>

O que faz duas depoentes, como Rute e Susana, pertencentes à mesma igreja e com o mesmo tempo de moradia no bairro, terem visões contrastantes em relação ao passado? Pergunta que pode ser estendida aos demais participantes. Parece ficar evidente que não é o tempo cronológico, pois Ester apresenta um tempo menor de permanência nesse espaço geográfico que Verônica e tem uma ótica muito diferente desta que tem um maior tempo de moradia no bairro. Eclea Bosi (1995, p. 416) ao falar da temporalidade, afirma que ela tem um caráter social:

Convém refletir sobre a divisão social do tempo que recobre as horas do relógio. E impõe uma duração nova. ***Um dia inteiro pode dividir-se em antes e depois de uma visita inesperada.*** Rememoramos com vivacidade os pequenos incidentes antes de sua chegada, uma flor colhida às pressas, algum arranjo de última hora na casa. E quando a visita inesperada se afasta ficamos estupefatos com a rapidez do desfecho e com o vazio que deixou depois de si (grifos nossos).

Além do aspecto cronológico dos dias e dos anos, os marcos da memória se constituem pelos pontos onde a significação da vida se concentra. Desta feita, o lembrar é povoado por rostos, gestos, espaços geográficos e situações nas quais a existência humana encontrou sentido de ser e estar num dado momento da história. É importante destacar que durante as entrevistas, Rute, Marcos, Marta, Débora e João expressaram participação ou fizeram alusões aos momentos comunitários promovidos pelas CEBs, cujos membros integravam a comissão, no início do bairro: a construção das casas, a divisão igualitária dos lotes, a passeata organizada em prol da efetivação do direito à moradia, as celebrações ecumênicas (conforme pode ser constatado nas páginas: 73, 47, 72, 109 e 56 da presente pesquisa). A mãe de Ester participou da ocupação e a trouxe dois meses depois. Ainda criança, na época com 11 anos, ela lembrou das reuniões promovidas pela comissão para a organização e tomada de decisões junto às pessoas que estavam nas terras do antigo campo de aviação (conforme p.116 desta investigação). Na contrapartida, os moradores não participantes ou sem conhecimento das ações da Comunidade da Partilha, não trouxeram tais vivências, provavelmente porque não se envolveram nas mesmas ou estas não lhes foram significativas.

Um dado relevante que emerge no conteúdo das entrevistas é o fato de serem os depoentes participantes ou conhecedores das ações da Comunidade da Partilha, aqueles que pontuaram o individualismo como fator que interfere significativamente nas relações interpessoais entre os moradores, nos dias atuais, conforme pode ser observado nos fragmentos apresentados no Quadro 11, bem como no tópico sobre a análise da categoria dádiva deste mesmo capítulo. Esta postura abre condições para inferir que tais moradores vivenciaram a solidariedade comunitária na ocupação, a qual foi despertada pela necessidade veemente das poucas condições financeiras e da escassa infraestrutura que acometiam os dias de outrora. Frente ao individualismo que

identificam nas relações interpessoais comunitárias, instaura-se o desafio desta geração fazer a síntese das experiências acontecidas e continuar recriando o espírito da dádiva no cotidiano coletivo.

Considerando o Quadro 10, identifica-se que dos 20 fiéis entrevistados, 17 moram no bairro num período que compreende a ocupação ou no mínimo 22 anos, e 3 moram em bairros vizinhos num tempo que abrange de 33 a 70 anos, mas como participam do cotidiano do bairro ou acompanharam a ocupação, foram selecionados para participar das entrevistas. Levando em conta o tempo de moradia dos depoentes, um fator é comum: independente da participação e/ou conhecimento das ações da Comunidade da Partilha ou não, a ambos cabe a transmissão da memória do bairro às futuras gerações.

Por fim, expomos um quadro que traz as semelhanças e divergências que puderam ser identificadas a partir dos relatos dos 25 depoentes participantes da pesquisa.

Quadro 12 - Semelhanças e Diferenças nos relatos dos participantes da pesquisa

Semelhanças	Diferenças
<ul style="list-style-type: none"> - Concepções de família, como base, célula da sociedade. Pertencem à família as pessoas com quem se tem laços sanguíneos e aqueles/aquelas com quem se constroem vínculos, podendo-se contar nos momentos de dificuldade; - Amor e Religião como fomentadoras da vivência da dádiva na família; - Aspectos relacionais (desavenças, falta de carinho, comunicação, relacionamento) como enfraquecedores da vivência da dádiva na família; - Religião como fomentadora da dádiva no bairro; - Em nível pessoal, a religião aparece como recurso no enfrentamento às dificuldades cotidianas; - Em nível comentário, evidências da religião ser bastante dividida; - Manifestações de um grande de evangélicos no bairro; 	<ul style="list-style-type: none"> - A atuação da religião na formação da conduta acontece de maneira diversificada nos fiéis de cada denominação religiosa; - Conteúdo da pregação dos líderes religiosos: Ênfase conferida à Teologia da Graça pelo sacerdote católico e pelo pastor batista; Teologia do Mérito e da Prosperidade presentes na mensagem da pastora da Internacional da Graça de Deus; Religião como lugar para ajudar as pessoas, realce dado pela Mãe de Santo; a religião do humano com o divino, manifestado pelo pastor da Assembleia de Deus. - Elementos que não colaboram para a vivência da dádiva no bairro são manifestados de forma diferente pelos participantes; - Aqueles e aquelas que participaram ou têm conhecimento das ações da Comunidade da Partilha trazem uma visão das relações entre os moradores no passado (maior solidariedade, ajuda) diferente daqueles e daquelas que dela não participaram ou não tem ciência de suas ações (brigas, pouca união).

Com base nos achados da pesquisa, identifica-se que a religião desde a ocupação, constitui-se em espaço que contribui para enfrentar as dificuldades cotidianas e é fonte geradora de capital social, quando promove ações comuns e respeita a diversidade. Num bairro em que a pobreza é um drama presente desde a sua origem, a religião permanece como espaço que proporciona a convivência e a inclusão entre os membros do seu grupo, a vivência da solidariedade e da dádiva entre os membros da família e nas relações tecidas no cotidiano da vivência comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aproximar-se das cinco denominações religiosas foi o primeiro momento do processo de investigação que culminou com a realização das entrevistas com os participantes que aos poucos foram sendo conhecidos e selecionados na observação em campo. Estranhamento, desconfiança, acolhida da pesquisadora foram sentimentos e etapas que se mesclaram nessa trajetória. Estabelecido o vínculo, a prodigalidade dos pobres emerge: várias conversas nas quais se devolviam perguntas à pesquisadora, convites para visitar suas casas, participar dos momentos litúrgicos mesmo após a realização da pesquisa, disponibilidade em contribuir com a investigação.

A prodigalidade manifestada nas conversas, na disponibilidade em ajudar, no abrir as portas de suas casas para receber a pesquisadora, na oferta da merenda ou do lanche após as entrevistas são manifestações da dádiva moderna, que nada espera em troca daquele ou daquela a quem se dá algo, tem-se o desejo de simplesmente contribuir. Tal dádiva, conforme os achados da presente investigação, encontra na religião uma das suas fontes de motivação: seja pela essência da mensagem cristã – a entrega de Deus do seu Filho único à humanidade, seja mediante os espaços de convivência que os rituais litúrgicos e/ou outras modalidades de oração e encontro com o sagrado proporcionam aos participantes.

Fato é que a religião marca presença na vida do bairro desde sua origem. Na ocupação, uma presença humana e sensível às necessidades das pessoas que ali estavam para conseguir um pedaço de chão a fim de proporcionarem condições de vida digna às suas famílias. Presença gratuita das CEBs que se deixou afetar pela realidade posta diante de seus olhos, buscando a partir do cotidiano (PETRINI, 2003; HELLER, 2000), tecer caminhos de superação da pobreza, mediante a inclusão dos diferentes saberes e capacidades (SEN, 2013), chamando em causa os ocupantes (PETRINI, FONSECA e PORRECA, 2010), constituindo-se em espaço de geração de capital social (CUNHA, 2010; MIDEPLAN, 2002). Presença solidária da Igreja Batista que suavizou o sofrimento, a dor da fome e ofereceu gratuitamente serviços em outras áreas.

Nos dias atuais, a religião permanece como espaço que possibilita criar relações de gratuidade que perduram no tempo (MAUSS, 2001), e se estendem às pessoas que

necessitam de ajuda, seja na própria comunidade religiosa, seja no bairro: ainda hoje acontecem mutirões de construção, campanhas de alimentos, de roupas... visitas às famílias acometidas por dificuldades financeiras, emocionais, espirituais, traços específicos da dádiva moderna (GODBOUT, 1999), que frente à faina cotidiana empreendida em prol da sobrevivência, fomenta a solidariedade entre os moradores. A religião constitui-se, segundo os resultados obtidos, em recurso que subsidia o enfrentamento das dificuldades diárias (BRANDÃO, 1986); sistema simbólico que contribui para conferir sentido à existência (BRANDÃO, 1994), resposta às fragilidades que compõem o tecido da condição humana (CAMARGO, 1971). Acresce-se a isso, o fato dela oferecer elementos motivadores para a construção de um projeto de vida pautado em valores evangélicos de ajuda ao próximo.

Identificou-se ainda na presente investigação, o papel desempenhado pela religião na formação da conduta (WEBER, 1991, 2004, 2010), mediante os diferentes significados articulados no conteúdo de sua pregação e de sua promessa. As cinco denominações religiosas participantes na pesquisa influem de forma diferente na formação da conduta de seus fiéis, levando-os a assumir posturas diante da vida e do mundo com base nos princípios que apresentam.

No que tange à caminhada religiosa no bairro, constatou-se que esta assumiu tonalidades diversificadas ao longo dos seus 27 anos de existência: de um caráter de ação mais ecumênica para um mais privado. A nosso ver, tal alteração está relacionada a um movimento mais amplo, a saber, o neoliberalismo que, desde meados do século XX, gradativamente se instalou nos países europeus e latino-americanos, vindo a influir significativamente sobre as dinâmicas sociais, políticas e econômicas destes espaços geográficos. Na primazia à liberdade individual e rejeição a qualquer tipo de intervenção do Estado na área econômica, tal doutrina apregoa que os fenômenos econômicos são regidos por uma ordem natural que tende ao equilíbrio e à prosperidade. Embora, a crise financeira de 2008, colocou em xeque esta convicção (SANDEL, 2013), o ideário neoliberal, que tem no mercado e na propriedade privada sua expressão, acompanha diversos espaços da vida atual. Nas três últimas décadas, os valores do mercado passaram a desempenhar um papel cada vez maior na vida social, ao ponto da lógica

da compra e da venda não mais se restringirem somente a bens materiais, estendendo-se crescentemente a vida como um todo (Ibid.).

Consequências da expansão sem limites da lógica mercantil são a desigualdade e a exclusão social, que deixam à margem inúmeras pessoas que não tem acesso à produção. Em termos morais, princípios e valores são corrompidos quando são comprados (SANDEL, 2013). Basta pensar nas inúmeras tribos indígenas desalojadas de suas terras em nome do progresso, nas alterações ocorridas na fauna e na flora que repercutem num desequilíbrio do ecossistema e em preocupações éticas de manter a permanência da vida humana no planeta.

Frente às transformações instauradas pelo neoliberalismo, pelo predomínio da era dos mercados, o foco não é tanto raciocinar em termos de igualdade, mas antes, em parâmetros de custo e benefício, independente das consequências da exploração, desigualdade e exclusão que geram, acolhendo-se naturalmente a ideia de separação entre o econômico e o social (ESTEVÃO, 2013). Os efeitos deste movimento, segundo Estevão (2013) são de grande vulnerabilidade social: desemprego, individualização das relações sociais, feminização e juvenilização da pobreza, fragilização dos laços comunitários, dentre outros.

A nosso ver, a cultura neoliberal com seus valores permeou as diferentes instâncias da vida social, inclusive a religiosa. Talvez, não à toa que, alguns estudiosos da área (PIERUCCI, 2004; PRANDI, 2004), destacam o fato da religião a partir da década de 80 passar a assumir um caráter mais de massa. Não o afirmamos com certezas, pois para tanto, necessário se fazem estudos mais amplos que contemplem a realidade do país, estabelecendo um comparativo entre estudos da literatura no passado e os do presente. Todavia, no que diz respeito ao bairro George Américo parece que o período da ocupação, situado especificamente na década de 80, caracteriza-se por um período em que as lutas sociais pareciam ter maior capacidade de mobilização que nos dias de hoje. O próprio movimento Sem Teto fundado nessa época pelo líder da ocupação tinha uma capacidade de organização e atuação mais expressivas que nos dias atuais.

Considerando este contexto macro que significativamente incide na configuração das relações estabelecidas entre os moradores, pode-se inferir que não foi apenas a

situação da necessidade e vulnerabilidade extrema que aproximou os ocupantes no passado – o que não deixou de se constituir um fato – mas, um movimento mais amplo, no qual a própria sociedade ocidental aos poucos foi sendo introduzida. Se no passado, a extrema pobreza dos escassos recursos materiais aproximou as pessoas e fomentou relações dadas entre elas, bem como mobilizou a solidariedade na comunidade feirense, hoje tais relações não acontecem em medida menor apenas porque os moradores foram melhorando suas condições de vida, mas também porque o individualismo que acomete a sociedade como um todo, chega à realidade local e nela se instala, dita normas e ao ser internalizado, molda comportamentos e se reproduz nas relações familiares e coletivas.

Se no passado a Comunidade da Partilha constituiu-se em espaço de convivência, acolhida e inclusão, hoje, configura-se em desafio manter viva essa memória e transmiti-la às futuras gerações. À geração que fez aquela experiência comunitária e testemunhou as mudanças que aconteceram no bairro nestes 27 anos de existência, sensível a instalação do individualismo no cotidiano, cabe a síntese e a tradução daquela vivência às novas gerações, já que é a memória que contribui para a construção da identidade do grupo no e através do tempo, a qual mais do que ser acompanhada pelo ritmo do calendário dos dias e das horas, é acompanhada pelo significado que as pessoas vão conferindo aos seus feitos ao longo dos anos.

Se no início do bairro, um dos desafios era a distribuição igualitária dos lotes, já que ali estavam pessoas movidas pelo benefício individual de conseguir um lote para sua posterior venda, corrompendo relações e afastando os ocupantes em seu convívio, hoje posto está o desafio de conviver com a diversidade religiosa, especificamente a do Candomblé que, quando não respeitada e acolhida em seus cultos e práticas, afasta moradores e produz conflitos relacionais no cotidiano (PRANDI, 2004, 2012). Outro desafio é a vivência da vocação e a realização de ações de caráter ecumênico (BRANDÃO, 2004), entre as diferentes denominações religiosas em prol de questões sociais presentes no bairro.

Cabe destacar que, em função do recorte religião ter sido feito especificamente no que concerne a proporcionar ou não a vivência da dádiva no âmbito familiar e coletivo do bairro, não aprofundamos alguns temas que como fronteiras acompanharam

os moradores e ainda hoje os acompanham nas relações cotidianas, a saber, o ciclo da violência manifestado na posse dos lotes, na morte dos dois primeiros líderes e ainda hoje presente na esfera doméstica; e as relações de gênero, já que a história do bairro contou com a participação de inúmeras mulheres – as 19 depoentes da investigação foram apontadas pelos próprios fiéis e líderes religiosos justamente por serem testemunhas das experiências de outrora. Acresce-se a isso que, no quadro dos líderes religiosos, figuram duas mulheres. Estudos futuros podem ampliar a compreensão destas fronteiras existenciais.

Vale acrescentar que, o resgate da memória da ocupação das antigas terras do campo de aviação de Feira de Santana, inserido num contexto de expansão econômica e desprovido de políticas habitacionais que respondessem às demandas das milhares de pessoas que então eram atraídas à cidade, aconteceu mediante o recorte da religião, especificamente em como ela fomentou a dádiva como rede de solidariedade que trouxe humanidade e dignidade aos ocupantes do espaço geográfico em questão. Este é apenas um recorte, um dos muitos olhares que podem ser lançados sobre este passado em busca dessa memória.

Por fim, considerando que a religião desempenha papel importante na vida da pesquisadora, faz-se mister perguntar: Caso ela fosse atea, teria por ventura elaborado as mesmas questões? Lançado mão das mesmas categorias de interpretação? São perguntas que ocorrem, pois o pesquisador, conforme Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2002), não é imune as suas próprias questões, a partir das quais, a um tempo, é impelido a empreender o caminho da ciência, como corre o risco de ter seu olhar ofuscado pelo viés das lentes da sua subjetividade. Assim, nossa experiência o atestou: a vigilância epistemológica proposta pelos autores, certamente é menos difícil em termos teóricos do que na prática investigativa, onde acontece o encontro com diferentes pessoas que, embora, de maneiras diferentes, tem o mesmo horizonte de busca e sentido humano, o da religião. O caminho trilhado, muitas vezes retomado e refeito metodologicamente contribuiu para a adaptação e/ou troca dos calçados escolhidos para o peregrinar, os quais se fizeram necessários no intuito de respeitar a diversidade ante nós colocada.

REFERÊNCIAS

Livros e Capítulos

ARAÚJO, R.A. Uma tradição viva, raízes para a alma: análise fenomenológica de experiências de pertencer em uma comunidade rural de Minas Gerais. In: MASSIMI, M e MAHFOUD, M. **Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa**. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado social da realidade**. 24^a ed. Petrópolis: 2004.

BERGER, P. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. 7^a ed. São Paulo: Paulus, 2011.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, P., CHAMBOREDON, J-C., PASSERON, J-C. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, C.R. **Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular**. 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, C.R. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA & ZICMAN (Orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CAILLÉ, A. **Antropologia do Dom: O Terceiro Paradigma**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CAMARGO, C. P. F. **Igreja e Desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, 1971.

CAMARGO, C. P. F., NASCIMENTO, R.R, PRANDI, J.R, SINGER, M.B, SOUZA, B.M. **Católicos, Protestantes e Espíritas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

COURT, P. M. Família e sociedade contemporâneas. In: PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V.R.S. **Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

DONATI, P. **Família no século XXI: abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas, 2008.

GIOVANETTI, J. P. **O processo de morrer e a religião na sociedade hipermoderna. ANAIS IX Seminário de Psicologia e Senso Religioso: Morte, Religião e Psicologia**. João Pessoa, PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2013.

- GODBOUT, J. T. **O Espírito da Dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GODBOUT, J. Homo donator versus homo *oeconomicus*. In: MARTINS, P. H. **A dádiva entre os modernos**: Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2008.
- HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- IBGE. **Censo 2010**. Brasília: IBGE, 2010.
- JOÃO PAULO II. **Centesimus annus**. Vaticano, 1991.
- LANNA, M. P. D. **A Dívida divina**: troca e patronagem no nordeste brasileiro. São Paulo, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.
- LUFT, C. P. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 200.
- MACHADO, J. N. **Conhecimento e Valor**. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- MAUSS, M. **Ensaio sobre a Dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- MIDEPLAN, Ministerio de Planificación y Cooperación. División Social. Departamento de Evaluación Social. **Síntesis de los principales enfoques, métodos y estrategias para la superación de la pobreza**. Chile, 2002.
- PETRINI, J.C., **CEBs**: um novo sujeito popular. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- PETRINI, J. C. **Pós-Modernidade e Família**: um itinerário de compreensão. São Paulo: EDUSC, 2003.
- PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V.R.S. **Família, Sociedade e Subjetividades**: uma perspectiva multidisciplinar. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. (D. Marcos Barbosa, Trd.). Rio de Janeiro: Agir, 2003.
- SANDEL, M. J. **O que o dinheiro não compra**: os limites morais do mercado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- SARTI, C. A. **A Família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SEN, A. M. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- STEIN, E. **La struttura della persona umana**. Roma: Città Nuova, 2000.

STEIN, E. Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu: estudio segundo – individuo y comunidad. In: URKIZA, J. & SANCHO, J. E. **Stein. Obras completas v. II: escritos filosóficos (etapa fenomenológica)**. Burgos: Monte Carmelo, 1992.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. **Sociologia das Religiões**. Coleção Fundamentos da Filosofia. São Paulo: Ícone, 2010.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1991.

Artigos

ALCÂNTARA, M.A.R, DIAS, M.C, FONSECA, R.S.S, MOREIRA, L.M, REIS, L.P.C, PETRINI,G. Família, capital humano e pobreza: entre estratégias de sobrevivência e projetos de vida. **Memorandum**, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 2012, ISSN 1676-1669. Disponível: <http://www.fafich.ufmg.br>. Acesso: 15. Fev. 2013.

BRANDÃO. C. J. **Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje**. Est. av. Vol.18, n. 52, São Paulo, Set./Dec. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10035/11607>. Acesso em: 14. Abri. 2014.

CRESPO, A. P. A., GUROVITZ, E **A pobreza como um fenômeno multidimensional**. RAE-eletrônica [on-line], Volume 1, Número 2, jul-dez/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v1n2/v1n2a03.pdf>. Acesso em 15. Dez. 2013.

ESTEVÃO, C. V. A nebulosa interpenetração do Mercado e da Ágora ao nível dos direitos humanos e da justiça: nas encruzilhadas do caso do ensino superior. **Seminário Internacional “Direitos Humanos na Pedagogia do Amanhã”**. Brasília, 2013.

PETRINI, J.C.; FONSECA, R.; PORRECA, W. Pobreza, Capital humano, capital social e familiar, **Memorandum**, n. 19, 2010.

PIERUCCI, A. F. “Bye, bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos avançados**. [online]. 2004-a, vol.18, n.52, pp. 17-28. ISSN 0103-014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scieloOrg/php/reference.php?pid=S0103-40142004000300003&caller=www.scielo.br&lang=en>. Acesso em: 15. Mar. 20113.

PIERUCCI, A. F. O País do Cristo Redentor. Revista **CIÊNCIA HOJE** • vol. 37 • nº 222, 2005. Disponível: <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/revista-ch->. Acesso: 14 abr. 2014.

PIERUCCI, A. F. Religiosidade, Racionalização e Desencantamento. Instituto cpfl cultura. (Vídeo disponível em <http://www.cpficultura.com.br>. Gravado em 11/05/2004-b. Acesso: 16 abr. 2014.

PIOVESAN, F. Pobreza como violação dos direitos humanos. Brasília: **Unesco**, 2003. (disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133974por.pdf>).

PRANDI, R. Axé em movimento no mercado religioso: Umbanda em declínio, candomblé em ascensão. ANUAC **Rivista dell'Associazione Nazionali Universitaria Antropologi Culturali**, v. 1, p. 97, 2012. Disponível: www.rivistanuac.eu. Acesso: 15. Mar. 2014.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**. [online]. 2004, vol.18, n.52, pp. 223-238. ISSN 0103-4014. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso: 13. Mar. 2014.

NEGRÃO, L. Pluralismo e multiplicidades religiosas no brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, vol. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v23n2/a04v23n2.pdf>. Acesso em: 25 abri. 2014.

SANÉ, P. Pobreza, a próxima fronteira na luta pelos direitos humanos. Brasília: **Unesco**, 2003. Disponível: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133974por.pdf>.

SANTO, S. M. O desenvolvimento urbano em Feira de Santana (BA). **Sitientibus Feira de Santana**, n. 28, p. 9-20, jan./jun., 2003. Disponível: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/28/o_desenvolvimento_urbano.pdf. Acesso: 15 de set. 2012).

SIGAUD, Lygia. As vicissitudes do ensaio sobre o dom. **Revista Mana** 5.(2) p. 89 à 124, 1999.

SUSIN, L.C.; FLACH, J. L.O Paradigma do Dom. **Revista Eletrônica PUC RS**. Trimestral. v. 36, Nº 151, 179-208, Mar. 2006. Porto Alegre. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1674>. Acesso em 15 jun. 2012.

Monografias, Dissertações e Teses

CALDAS, G. O. **Uma produção Popular: Qualificação e requalificação do bairro George Américo Feira de Santana- Bahia 1987-1998**. Salvador: UFBA, 1998. Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo.

CARNEIRO, C. B. L. **Programas de Proteção Social e superação da pobreza: concepções e estratégias de intervenção**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

CUNHA, J. O. G. B.,. **Capital Social, Família e Redução da Pobreza: um percurso na literatura.** Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2013.

FREITAS, N. B. **Urbanização em Feira de Santana: Influência da industrialização 1970-1996.** Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo UFBA, Salvador, 1998.

SANTOS, R. E. **Interação Fé e Vida: a caminhada das comunidades eclesiais de base em Feira de Santana (1980- 2010).** Feira de Santana: UEFS, 2010. Monografia de conclusão de curso em História.

SILVA, D. E. A sagração do dinheiro no Neopentecostalismo: Religião e Interesse à luz do Sistema da Dádiva. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

Notícias em Sites da Internet

MATTOS, P. A. **A relevante queda do crescimento evangélico revelado pelo Censo 2010.** Entrevista especial com Paulo Ayres Mattos, 17/08/2012. Disponível: <http://www.ihu.unisinos.br>. Acesso: 14 Mar. 2014.

População Campo Limpo – Feira de Santana. Disponível em: http://populacao.net.br/populacao-campo-limpo_feira-de-santana_ba.html. Acesso: 22 Dez. 2014.

Polícia ocupa o George Américo para implantar UPP. Disponível em: www.correiofereense.com.br, 18/09/2012. Acesso em: 20/04/2013.

Base Comunitária do George Américo registra redução de 92,86% nos homicídios. Disponível em: www.acordacidade.com.br, 26/09/2013. Acesso em: 20/04/2013.

Fontes Jornalísticas

Jornal Feira Hoje, anos: 1980, 1987, 1988.

Fontes Eclesiásticas

Livro Tombo, Paróquia Senhor do Bonfim, Jardim Cruzeiro, 1987.

Outras Fontes

SIAB. **Sistema de Informação da Atenção Básica.** Prefeitura de Feira de Santana – Secretaria da Municipal de Saúde, 2013.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO

Data: ___/___/___ . Início: _____ Fim: _____

Entrevistadora: _____

I. Dados Sócio Demográficos

1. Idade _____

2. Escolaridade

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Médio incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Médio completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental completo |
| <input type="checkbox"/> Pós-graduação incompleta | <input type="checkbox"/> Pós-graduação completa |

3. Estado civil

- solteiro casado união estável divorciado viúvo

4. Defina sua cor

5. Atualmente está trabalhando?

- sim
- não. Especificar: _____ (ex: aposentado, em licença médica, licença prêmio, desempregado).

Em caso afirmativo, perguntar:

6. Qual a função exercida? _____

7. Qual é a sua carga horária semanal de trabalho?

- Menos de 20 horas. Especificar: _____
- 20 horas 30 horas 40 horas
- Mais de 40 horas. Especificar: _____

8. Seu cônjuge atualmente está trabalhando? sim não.

9. Em caso afirmativo, qual é a carga horária semanal de trabalho dela?

Menos de 20 horas. Especificar: _____

20 horas 30 horas 40 horas

Mais de 40 horas. Especificar: _____

10. Qual é a renda familiar (líquida) mensal? _____

11. Você tem filhos?

Caso a resposta seja afirmativa, perguntar:

12. Quantos?

13. O/A senhor/a vive com eles?

14. Para você quem faz parte da sua família?

15. Qual sua religião?

16. O/A senhor/a sempre foi desta religião? Conte-me como foi que o/a senhor/a começou a fazer parte desta religião?

Em caso de resposta negativa, perguntar:

17. Antes desta, qual era sua religião ou religiões? Quanto tempo está na religião atual?

II. Relação com o Bairro

Estou fazendo um estudo sobre o bairro George Américo, o bairro como hoje ele é e também como foi que este bairro surgiu. Gostaria que o senhor, a senhora me dissesse:

1. Há quanto tempo o/a senhor/a mora no bairro?

Caso, não more mais, mas já morou perguntar: Há quanto tempo morou no bairro?

2. Como foi que o bairro começou? Conte-me o que lembra ou o que sabe sobre o início do bairro.

4. O/A senhor/a tem algum registro de quando o bairro começou?

5. Havia pessoas de outras comunidades que vinham aqui quando o bairro começou? Conte-me o que você lembra ou sabe sobre essas pessoas, por exemplo: o que faziam, traziam coisas para quem estava aqui.

6. Qual era a religião destas pessoas ou de que igreja elas eram?

7. Do que o/a senhor/a lembra ou sabe sobre o início do bairro, o que acredita que é importante para os dias de hoje?

II. Religião

Vamos conversar agora sobre religião.

8. Como o/senhor/a sente a religião na sua vida?

9. Como o senhor/a sente a religião na vida do bairro?

III. Família

Sabemos que a família é o lugar de onde nascemos, crescemos e nos tornamos pessoas. Ela é muito importante para nossa vida. É sobre a família que iremos conversar agora.

10. Fale sobre o que é família para você.

11. Para o/a senhor/a, o que é importante na convivência com os membros da família?

12. Como era a convivência entre as famílias quando o bairro começou?

13. E hoje como você sente que é a convivência entre as famílias aqui no bairro?

IV. Dádiva hoje

Hoje em dia vivemos num mundo onde muita coisa é comprada. Se alguém precisa de algo vai no mercado, compra e paga. Mas, nem sempre as coisas foram assim. Houve um tempo, em que quando alguém precisava de algo, ao invés de comprar, trocava algo que tinha por outra coisa, ou as pessoas se ajudavam dando-se coisas. Ainda hoje, tem coisas que não podem ser compradas e vendidas, por exemplo: o cuidado de uma mãe ou um pai com o seu filho. Pai e mãe, quando amam, cuidam gratuitamente do seu filho, da sua filha. O amor não é uma mercadoria que se compra e vende, mas se vive na relação com os outros. E assim tem muitas coisas que não se pode comprar e vender. E é sobre isso que queremos conversar agora.

14. Aqui no bairro, o/a senhor/a percebe que as pessoas se dão ou se trocam coisas entre si? Em caso afirmativo, perguntar: O que, por exemplo?

15. Antes eu lhe perguntei se haviam pessoas de fora que vinham aqui no início do bairro. Hoje ainda vem pessoas de fora para cá? Em caso afirmativo, perguntar: O que elas vem fazer? O que elas trazem para o bairro?

16. Na sua opinião, tem alguma coisa que ajuda a gratuidade, a generosidade (dádiva) entre as pessoas aqui no bairro? Em caso afirmativo, perguntar: O que?

17. Na sua opinião, tem alguma coisa que dificulta a gratuidade, a generosidade (dádiva) entre as pessoas aqui no bairro? Em caso afirmativo, perguntar: O que?

18. E na família, tem alguma coisa que ajuda as pessoas a viverem trocas que não passam pelo dinheiro, ou seja, a gratuidade, a generosidade (dádiva) ?

19. E na família, tem alguma coisa que dificulta as pessoas a viverem trocas que não passam pelo dinheiro, ou seja, a gratuidade, a generosidade (dádiva)?

20. E a religião, o/a senhor/a sente que ajuda, atrapalha a viver a gratuidade e a generosidade no seu dia-a-dia com a família e com as outras pessoas no bairro? Independente da resposta, perguntar: De que forma ajuda ou atrapalha?

21. O /A senhor/a gostaria de acrescentar alguma coisa sobre o que conversamos?

Obrigada.

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado/a como voluntário a participar da pesquisa: ***Religião e Dívida como rede de solidariedade em famílias pobres de Feira de Santana***. O objetivo da pesquisa é analisar a religião como rede de solidariedade que articula a vivência da dívida em famílias pobres de Feira de Santana. Procura-se compreender como a religião está presente na vida dos moradores e como pode ser espaço que articula ou enfraquece a vivência da dívida/dom nas relações familiares. Trata-se de uma pesquisa que é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, sob orientação do Prof. Giancarlo Petrini e aplicada pela mestrandia Franciele Engelmann. Os colaboradores voluntários deste estudo serão 25 participantes, 5 de cada uma das seguintes igrejas: Católica, Batista, Assembleia de Deus, Internacional da Graça de Deus e Candomblé. O benefício decorrente de sua participação consiste em refletir sobre como a família estabelece relações no cotidiano e quais as formas atuais de vivência da dívida/dom no bairro. Ao concordar em participar das entrevistas, suas falas serão gravadas. Caso sinta-se constrangido em responder alguma pergunta, tem o direito de não respondê-la. Os dados obtidos serão guardados e mantidos em sigilo. A pesquisa poderá ser usada comparativamente a outras que podem ser desenvolvidas na área. As gravações em áudio ficarão em mãos dos pesquisadores por pelo menos cinco anos. Após este período, os mesmos decidirão continuar mantendo-os em mãos ou destruí-los. Você tem direito de aceitar participar ou não, e tendo aceito participar, poderá desistir em qualquer momento. Os resultados obtidos serão divulgados em espaços científicos, todavia, não será revelada a identidade do participante. Tanto o trabalho da pesquisadora como o participante não receberão nenhuma remuneração. Este termo consta de duas vias idênticas que serão assinadas pelo participante e pela aluna, sendo que cada um ficará de posse de uma via. O termo possui dados da aluna que está disponível para tirar dúvidas a qualquer momento.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, após ter lido e compreendido as informações acima, aceito livremente participar da pesquisa: **Religião e Dívida como rede de solidariedade em famílias pobres de Feira de Santana**, conduzida por Franciele Engelmann, discente do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Autorizo o uso dos dados obtidos nesta entrevista como também a publicação do referido trabalho. Declaro também o direito de uso para quaisquer fins de ensino e divulgação em eventos e revistas científicas, desde que mantenha o sigilo sobre minha identidade, podendo usar um suposto nome. Eu fui devidamente esclarecido/a quanto aos objetivos da pesquisa, ao procedimento ao qual serei submetido e estou ciente que minha participação é voluntária, que tenho direito de recusar responder perguntas e de me desligar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Feira de Santana, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do Orientador: _____

Assinatura da Aluna: _____

Contatos: psifran@yahoo.com.br, (75) 3224-9615, (75) 9144-4584.



APÊNDICE 3 - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA

O projeto de pesquisa **Religião e Dádiva como rede de solidariedade em famílias pobres de Feira de Santana** objetiva investigar em que aspectos a religião contribui para vivência de relações dadivosas em famílias do bairro popular George Américo de Feira de Santana. Tal proposta de investigação nasceu da escuta de relatos dos próprios moradores que evidenciam a religião como elemento fortalecedor do cotidiano e ainda pelo fato da religião estar presente na origem do bairro, contribuindo especificamente para sua construção através do incentivo da vivência da dádiva. Com a finalidade de investigar se a religião é espaço que nos dias atuais fomenta relações dadivosas nas famílias, selecionamos cinco religiões: Batista, Católica, Internacional da Graça de Deus, Assembleia de Deus e Candomblé. Os pesquisadores se comprometem a preservar a privacidade dos participantes da pesquisa, cujos dados serão coletados através de entrevistas gravadas com os cinco participantes de cada uma das religiões selecionadas. Tais entrevistas serão realizadas no templo ou em outro lugar de conveniência a ser combinado com os participantes, que garantam a privacidade e o anonimato da participação. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima, salvaguardando a identidade do participante. Os dados obtidos serão mantidos nas mãos dos pesquisadores por pelo menos cinco anos, sendo que após este período decidirão se permanecerão ainda com os mesmos ou se os destruirão. Sua participação nesta pesquisa contribuirá para identificarmos formas pelas quais a religião fomenta a vivência das relações dadivosas na família.

Salvador, 27 de Abril de 2014.

Dr. Giancarlo Petrini

Orientador

Franciele Engelmann

Mestranda

Universidade Católica do Salvador - UCSAL

Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

Av. Cardeal da Silva, 205; Bairro Federação – Salvador – BA. CEP 40231-902.

Fones: (71) 3203-8967; (71) 3203-8969.

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Religião e Dádiva como rede de solidariedade em famílias pobres de Feira de Santana.

Pesquisador: Franciele Engelmann

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 14175313.3.0000.0053

Instituição Proponente: Universidade Católica do Salvador

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 329.527

Data da Relatoria: 09/07/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da UCSAL, que busca investigar como se dá a compreensão da religião na comunidade do George Américo, bairro de Feira de Santana. "Este estudo busca identificar aspectos que fortalecem e enfraquecem a religião como rede de solidariedade em vistas de se ver a família como sujeito social que tem recursos para enfrentar e superar a pobreza." (Introdução - Projeto Simplificado)

A Fundamentação Teórica aborda aspectos da modernidade com relação à família, a religião e a compreensão teórica e prática da dádiva.

Para desenvolver esta pesquisa, propõem realizar um estudo de abordagem qualitativa, a ser realizado entre 25 moradores do bairro George Américo, sendo 5 de cada uma das religiões: Católica, Batista, Candomblé, Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus. O critério de inclusão deu-se em função de que as duas primeiras se encontravam presentes desde a ocupação inicial da comunidade; a terceira, pela constituição prioritária de negros na comunidade; e as duas últimas, apresentarem grande número de fiéis. Para a coleta de dados será utilizada a técnica de observação de campo, que permitirá à pesquisador identificar prováveis sujeitos para participar do estudo. Na análise dos dados, "os

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS

Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460

UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8067

E-mail: cep@uefs.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS 

Continuação do Parecer: 329.527

conceitos de habitus, memória coletiva e cotidiano funcionarão como fio condutor a orientar as ações deste trabalho [...]. (p. 9)

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Geral: Analisar a religião como rede de solidariedade que articula a vivência da dádiva em famílias pobres de Feira de Santana."

Objetivos Específicos

- Identificar elementos incidentes na formação do bairro George Américo de Feira de Santana,
- Buscar mediante narrativas dos primeiros moradores e dos que vieram depois colher dados referentes ao fortalecimento e enfraquecimento da religião como rede de solidariedade para a construção de um comparativo entre o passado e o presente,
- Identificar meios articulados pela religião que contribuem para o fortalecimento da dádiva nas relações familiares e comunitárias." (p. 5)

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

No Projeto Simplificado da Plataforma Brasil informa que "esta pesquisa não traz risco à saúde da pessoa. [...] Não serão utilizados instrumentos que coloquem em risco a pessoa e sua saúde."

Benefícios:

Considera como benefício "[...] contribuir para que a família seja sujeito de sua história, que seja capaz, mediante, resgate da memória coletiva, identificar as formas mediante as quais foi parceira na mobilização e consolidação de direitos, tais como o da moradia." (Projeto Simplificado na Plataforma Brasil)

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é exequível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa atende às exigências da Resolução 196/96.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após o atendimento das pendências o projeto está aprovado para execução.

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS

Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460

UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8067

E-mail: cep@uefs.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS



Continuação do Parecer: 329.527

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Tenho muita satisfação em informa-lhe que o atendimento às pendências referente ao seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 196/96. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os sujeitos da pesquisa conforme orienta o Cap. IX.2, alínea a - Res. 196/96.

Relembro que conforme institui a Res. 196/96, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída.

Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

FEIRA DE SANTANA, 09 de Julho de 2013

Assinador por:

**Maria Angela Alves do Nascimento
(Coordenador)**

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS

Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460

UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3161-8067

E-mail: cep@uefs.br

